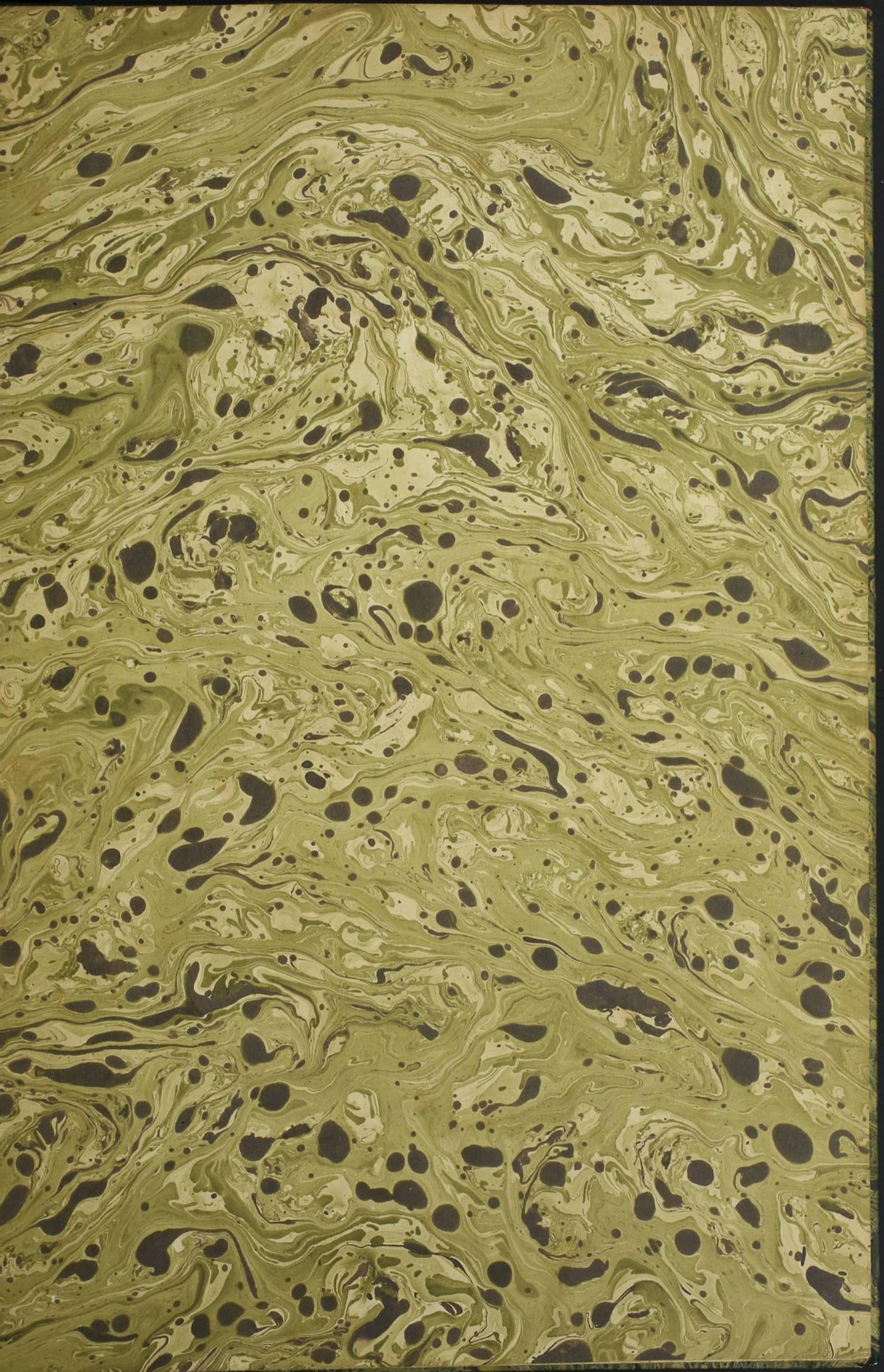
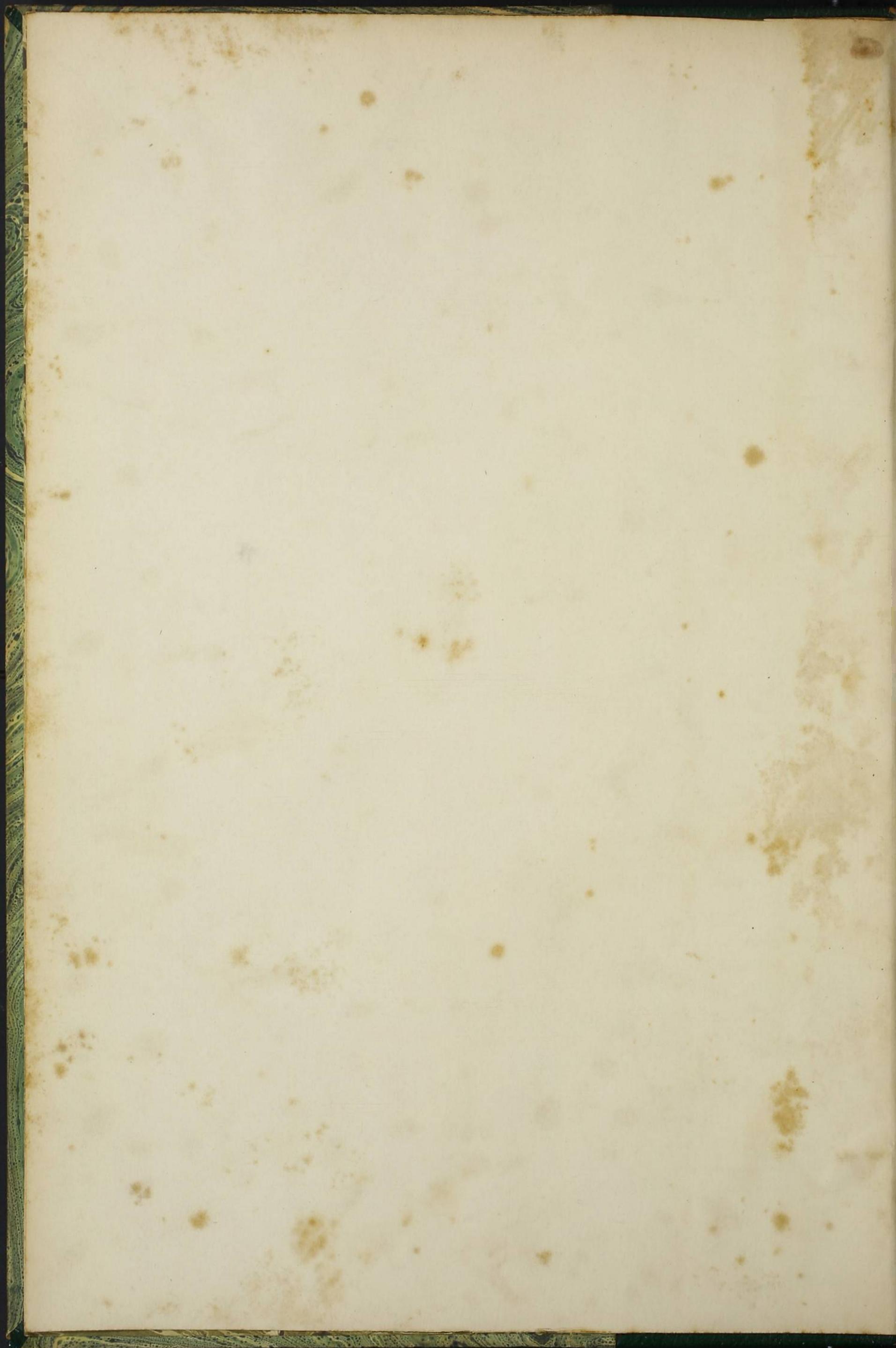


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**  
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

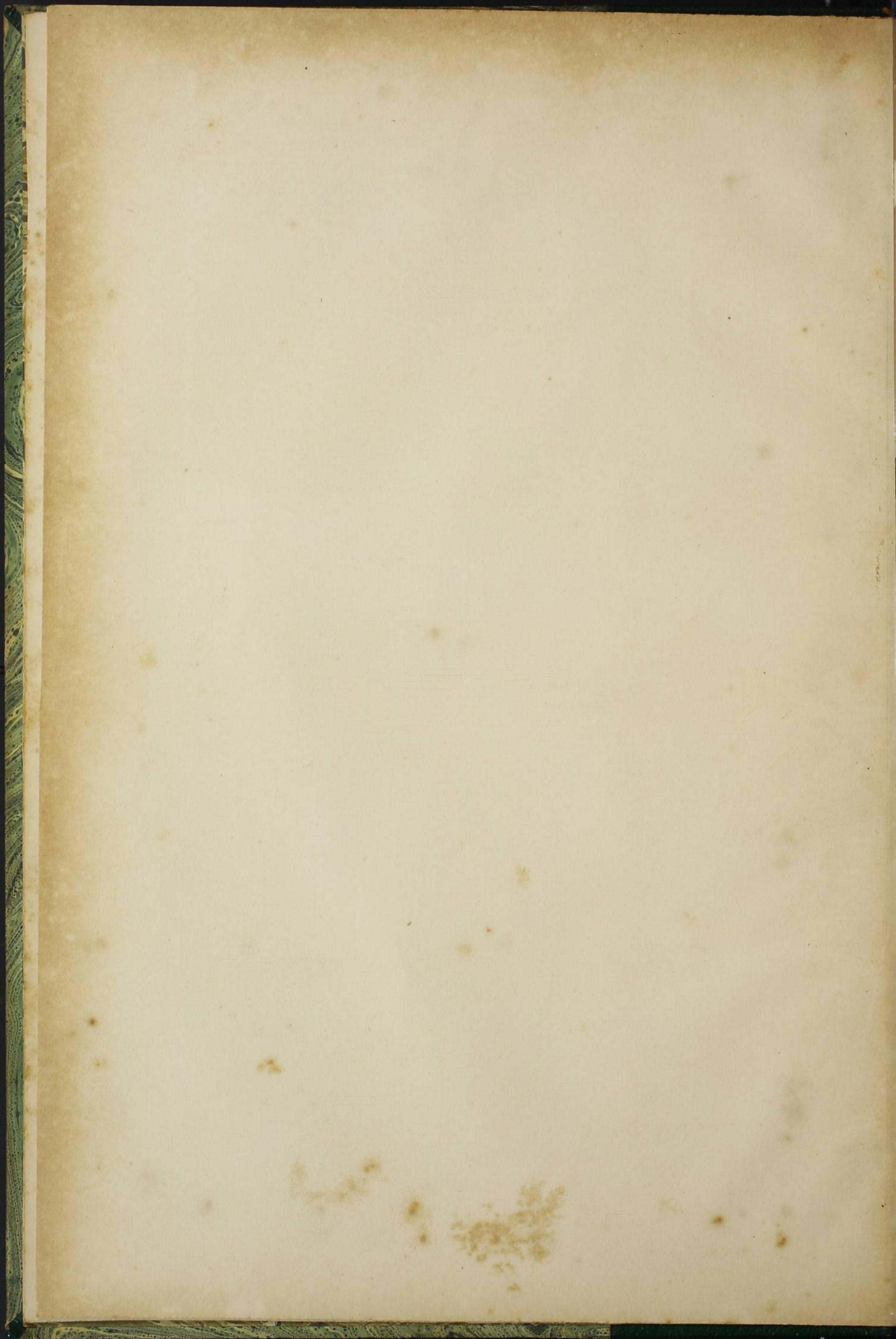




8008.

Todos em 1<sup>ra</sup> edição  
alguns c/ dedicatória do  
autor.

7,500,00



Escrepto especialmente para A NOITE

---

LIMA BARRETO

---

Numa

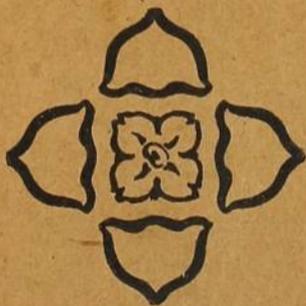
— E A —

Nympha

ROMANCE DA VIDA CONTEMPORANEA

« Cette nation (l'Egypte) grave et serieuse  
connut d'abord la vraie fin de la politique, qui  
est de rendre la vie commode et les peuples  
heureux. »

BOSSUET.



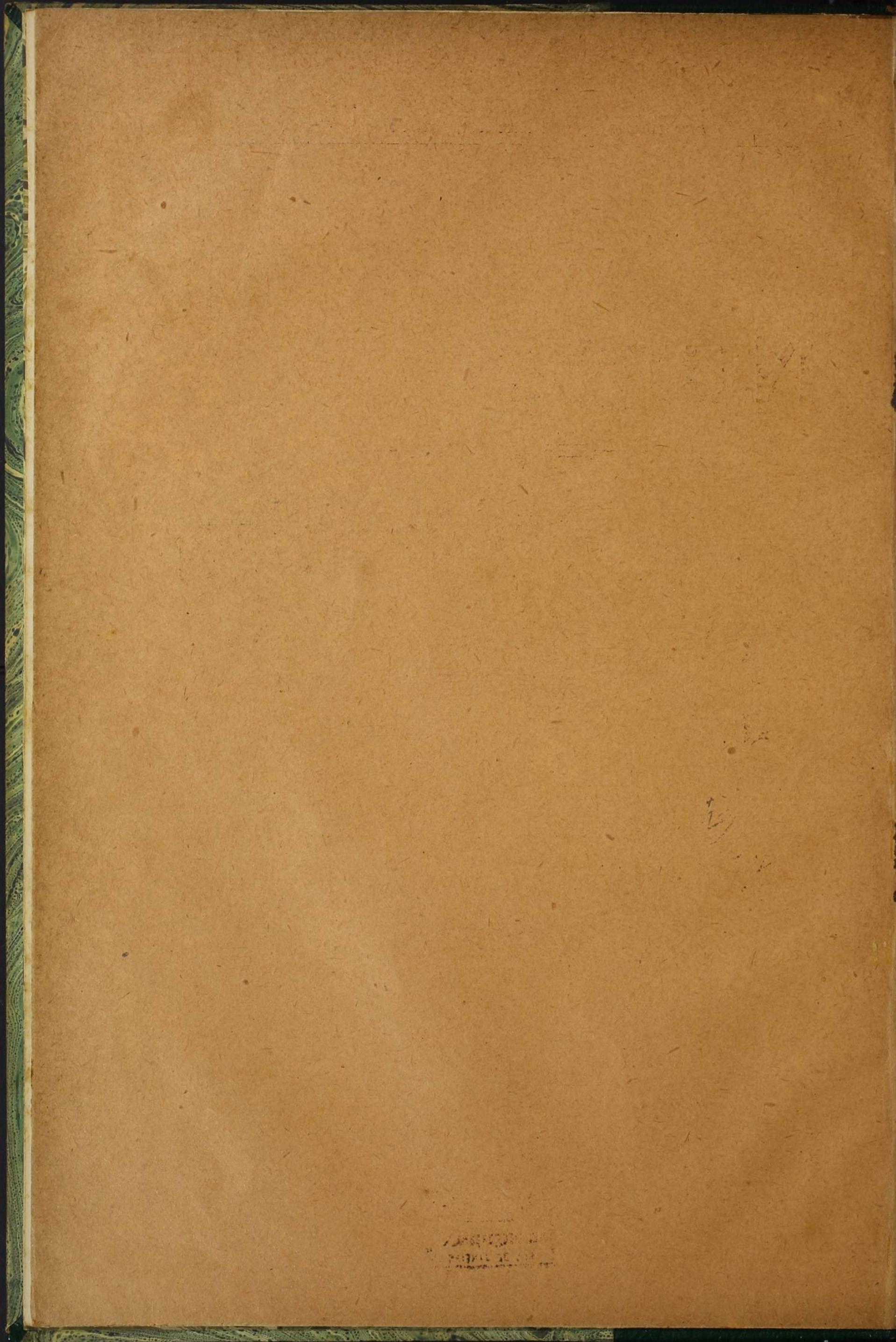
RIO DE JANEIRO

---

OFFICINAS D' "A NOITE" - RUA JULIO CESAR, 29 E 31

---

1915



LIMA BARRETO

# NUMA E A NYMPHA

Romance da vida contemporanea

Escrepto especialmente para A NOITE

« Cette nation (l'Egypte) grave et serieuse  
connut d'abord la vraie fin de la politique, qui  
est de rendre la vie commode et les peuples  
heureux. »

BOSSUET.

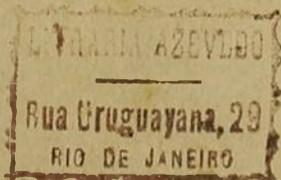
*Miguel Baecelar  
Rio - 1922*



RIO DE JANEIRO

OFFICINAS D' "A NOITE" - RUA JULIO CESAR, 29 E 31

1915



ETO

YMPHA

LENDRES

DATE A NOTTE

Cette nation N. B. est gouvernée par un  
gouverneur et un conseil de six membres  
qui se réunissent la troisième et la cinquième  
année.

RO

ALLO CARR 29 E 01

No antigo collegio. Motta e  
meu constante leitão

Rio, 14-3-17. J. B. B. B.  
Núma e a Nympha

### CAPITULO I

O grande debate que provocara na Camara o projecto de formação de um novo Estado na Federação nacional, apaixonou não só a opinião publica, mas tambem (é extraordinario!) os profissionaes da politica.

Em torno do projecto, interesses de toda a ordem gravitavam. Um grande numero de cargos politicos e administrativos iam ser creados; e, si bem que a passagem do projecto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, sub-chefes, ajudantes, capatazes politicos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquelle lugar para este ou aquelle de seus apaniguados.

De resto, além desse resultado palpavel do projecto, havia nelle outro alcance que só os profissionaes entreviam. Com a criação de um novo Estado nasceria naturalmente uma nova bancada da representação nacional no Senado e na Camara; e o partido dominante, republicano radical, temia não eleger a totalidade della.

Bastos, o seu poderoso e temido chefe, que detinha o dominio politico do paiz, hesitava em apoiar ou contrariar francamente o projecto, e a respeito só tinha phrases vagas e gestos de duvidoso sentido. Os seus assecias, os muitos que lhe obedeciam cegamente, sem a palavra devida, não sabiam o que dizer, e os mais atarantados eram: os seus jornalistas e parlamentares. Uns, apoiavam; outros, combatiam; outros ainda, ora apoiavam, ora combatiam.

Essa desordem nos arraiaes politicos, essa interrupção do trilho guiador, excitava os animos dos legisladores, preocupados todos, quer combatessem, quer apoiassem, em agradar o chefe e revelar que haviam descoberto o pensamento occulto de Bastos — porque o Congresso era todo deste, a não ser uma reduzida minoria que, no afan de combatel-o, ora dizia não, ora sim, conforme suppunha que Bastos queria ou não a criação da nova unidade federal.

Deputados houve que cortaram as relações amistosas, tão somente porque, no calor da discussão, um aparte mais vehemente um delles proferia, quasi sem reflexão.

Dizia-se á bocca pequena que o projecto tinha por fim accrescer a representação federal de geito que, na proxima legislatura, tivesse o Congresso os dous terços necessarios para rejeitar o «vêto» ao projecto de venda de um dos mais importantes proprios nacionaes. Cochichavam que tal influencia receberia tanto; que tal outro já havia recebido metade da gratificação prometida; que a esposa de um diplomata tambem tinha interesse no negocio, além de apontarem outros padrinhos, já conhecidos por todos, como protectores de taes cambalachos.

Ao certo o que havia em torno da proposição parlamentar, o grosso publico não sabia, e que ella podia trazer no bôjo tudo o que se dizia, era admissivel. A imitação do ragimen politico dos Estados Unidos não ficou restricta á Constituição; aos poucos, como consequencia ou não, conscientemente ou sem pensamento anterior, a imitação se estendeu aos seus escusos processos de traficancias em votos e medidas de governo.

A massa da população interessava-se pelo debate, pesava argumentos sem suspeitar que tanto esforço de intelligencia escondesse uma vulgar mascateação ou um arranjo de politicos.

Fosse a importancia do assumpto ou fossem os interesses subalternos em jogo, o certo é que occuparam a tribuna os mais mudos deputados e os mais scepticos foram ainda encontrar, no fundo delles mesmos, ardor e vigor combativos.

Entre as revelações parlamentares que surgiram no momento, uma causou espanto. Era quasi desconhecida da Camara, e completamente do publico, a existencia do deputado Núma Pompilio de Castro.

Apezar de nome tão auspicioso para o officio de legislador, os proprios continuos

não lhe guardaram com facilidade nem o nome nem os traços physiomicos. Durante muito tempo, chamaram-n'o Nuno; e, nos primeiros mezes de seu mandato, frequentemente impediram-lhe a entrada em certas dependencias, a menos que o fizesse pela porta por onde penetrara na vespera. Reconhecido e empossado, não deu signal de si durante o primeiro anno e meio de legislatura. Passou todos esses longos mezes a dormir na sua bancada, pouco conversando, enigmatico, votando automaticamente com o «leader» e designado pelos informados como — «O genro do Cogominho». Era o deputado idéal; já se sabia de antemão a sua opinião, o seu voto, e a sua presença nas sessões era fatal. Si na passagem de algum projecto, anteviam difficuldades na obtenção da maioria, contavam logo com o voto do «genro do Cogominho». Elle vota connosco, diziam os cabalistas, a questão é saber que o Basios quer e o «leader» manda.

A sua collaboração, por esse tempo, para a felicidade nacional si não foi fecunda, foi das mais tacitas de que se ha noticia.

O deputado Pieterzoon, um gordo descendente de hollandez, mas cuja malicia não tinha nem o peso do seu corpo, nem o da sua raça, disse certa vez: o Numa ainda não ouviu a Nympha; quando o fizer — ai de nós!

O deputado Salvador, que ouviu a phrase indagou: Elle é fauno? O homemsinho tinha visto um quadro — Nymphas e Faunos — e não havia meio de se separar na sua intelligencia uma cousa da outra. Pieterzoon redarguiu: Não sei, meu caro, mesmo porque não se está bem certo de que os faunos fossem mudos.

Foi portanto, com extraordinaria surpresa que se viu o deputado Numa tomar a palavra e fazer um discurso valioso. Parecia um milagre ver aquelle sujeito tão mudo, tão esquivo, tão aparentemente sem idéas, lidar com as palavras, organisal-as convenientemente, exprimindo-se com bastante logica.

A sua argumentação foi até das mais perfectas e eruditas, sem que a erudição perturbasse a concatenação, a seriação logica da these a demonstrar. Mostrou que a nossa federação não attendia a tradições locais de costumes, de lingua ou de historia; que não foram pequenos paizes que se uniram por ter um liame commum; mas tão somente um immenso paiz que se dividiu e procurou em uma mais ampla autonomia local perfeição administrativa; e, assim sendo, não se comprehendia nem o «patriotismo estadual», nem a existencia de desmedidos Estados, verdadeiros imperios.

Os representantes dos jornaes, não contando com tão inesperada revelação, denunciaram o entusiasmo com calorosos elogios publicados nas suas folhas, ao dia seguinte.

Dizia «A Aurora»: «O debate sobre a formação do Estado de Guaxupé (projecto

224 A), si outro serviço não prestou, pelo menos teve a vantagem de ter revelado ao paiz um poderoso orador. O Sr. Numa Pompilio, até agora considerado como uma perfeita excrescencia parlamentar, produziu nontem um discurso cheio de criterio, em que se notam saber, elegancia e propriedade de phrase.»

Na secção competente, o «Intransigente» noticiava: «Hontem, na Camara, naquellie indecente valhacouto de caixeiros de oligarchas abandonados, houve novidade. O Sr. Numa de Castro, que até o dia de hontem era tido por idiota, revelou-se um orador. E' verdade que não pôde emparelhar-se com os grandes oradores da Camara. Faltam-lhe imagens, o seu vocabulario é pobre, a sua construcção é rasteira; fala como conversa, quasi terra á terra, sem as imagens que tanto tornam notavel o Sr. Gracimundo Rocha. O seu discurso foi ouvido no maior silencio e impressionou francamente a Camara. Ainda bem que isso lhe desculpa um pouco o ser associado á deslavada oligarchia dos Cogominhos.»

Um outro jornal, que se tinha por neutro, e aqiu e ali, encontravam-se nelle opiniões bem firmadas, contara a estréa da seguinte fórma: «O Sr. Numa Cogominho parece ter esperado o momento azado de revelar-se. Até agora, depois de ter entrado para a Camara, os trabalhos parlamentares têm se limitado a discussões corriqueiras de projectos pessoaes, de questiuncias politicas e mesmo do estafado orçamento. A sua cultura historica e o seu saber sociologico pediam outros pretextos para se revelarem. Hontem, elles foram encontrados na discussão do projecto nº 224 A. Toda gente sabe de que cuida esse projecto, mas o que toda a gente não suppoz era de que maneira elegante e sabia, ao mesmo tempo, elle podia ser tratado. O Sr. Numa fez isso e com muita discreção oratoria, poucos trópos, sem guirlandas de phrases. E' simples a sua maneira de falar, calma e sobria, sem nada daquillo que os latinos chamavam asiatico. Póde-se dizer della o que já se disse do estylo de Descartes: «il n'a que des idées, et pas de style visible».

Antes que acabasse a semana, as revistas illustradas — «Os successos» — «A Nota» — «O mequetrefe» — publicaram o retrato da nova gloria parlamentar e a primeira, a sua biographia desenvolvida. A repercussão do triumpho foi tal que, quando, dias após, o Dr. Numa atravessou a rua do Ouvidor, trazendo ao lado a mulher, era já uma notabilidade apontada e gloriosa. Aquella gente que a enche, gente habituada a respeitar as glorias retratadas nas revistas illustradas e gabadas diariamente nos quotidianos, reconheceu-o e olhou-o com o alto respeito que se deve a um grande orador parlamentar.

Numa caminhava acanhado, de cabeça baixa, tropego um tanto, mas a mulher, D. Edgarda, pisava com segurança, muito na-

turalmente e com a physionomia cheia de alegria contida.

Esforçava-se por não perder o que diziam; e ao menor commentario feito á gloria do marido, procurava de soslaio ver no grupo de quem partia. Os seus olhos, ao chegar aos cantos das orbitas, fulguravam um instante e rapidamente se punham na posição normal. Si parava para falar a um conhecido, a alegria contida arrebatava em demorados sorrisos e phrases meigas, dirigidas ás amigas ou aos filhos destas, si as acompanhavam; e nunca o seu longo olhar foi tão longo e tão liquido e nunca brilhou tanto o esmalte de seus dentes na concia nacarada de seus labios.

Desceram assim os dous lentamente a rua, parando aqui e ali, gosando aos goles o licor inebriante do triumpho. Cumprimentos não faltavam. Numa era detido por este e aquelle, mas, dos muitos que o cumprimentaram, um elle apreciou sobremodo. As palavras do Ignacio Costa foram-lhe ao imo d'alma. A mulher não as ouvira bem, ficara attendendo outro conhecimento e Costa passara a dizer:

— Meu caro Dr. Numa, gostei immensamente do seu discurso. Para mim, achei nas suas palavras um balsamo tranquillizador e patriótico. Estavamos voltando muito ao carrancismo egoista dos conselheiros monarchicos. Os principios republicanos estavam sendo esquecidos. Precisamos sempre reavival-os. Ao mais digno! — é o meu pensamento.

Esse Costa era funcionario publico e fôra da Escola Militar, donde trouxera umas formulas positivistas e uma forte crença nos effeitos milagrosos da palavra republica. Havia no seu feitio mental uma grande incapacidade para a critica, para a comparação e fazia depender a toda a felicidade da população em uma simples modificação na forma de transmissão da chefia do Estado. Passara pelos jacobinos florianistas e tinha a intolerancia que os caracteriza, e a ferocidade politica que os celebrizou.

Feroz e intolerante, com o apoio do positivismo autoritario, a sua concepção de governo se consubstanciava na dictadura e dahi resvalava para o despotismo militar. Não se dirá que não fosse sincero; elle o era, embora houvesse nos seus intuitos, alguma mescla de interesse da melhoria de sua situação burocratica.

Julgava-se com a certeza; e, firmado na sciencia, pois tirava toda a sua argumentação do positivismo, todo elle baseado na sciencia e consequencia della, principalmente da mathematica, condemnava os adversarios á fogueira.

Escusado é dizer que pouco sabia de mathematica e falava por fé. Era um crente que tinha a revelação da certeza politica.

Numa prezou muito a sua opinião por dous motivos: Costa escrevia nos jornaes e era ouvido com attenção pelo poderoso chefe Bastos.

Esta ultima razão era por demais ponderavel, porque Bastos tinha o mesmo feitio mental de Costa; e julgava imprescindivel a manutenção da Republica, necessaria á integração do Brasil no regimen politico da America. Não se atina bem por que seja isso necessario, pois é perfeitamente sabido que antes de nós, os argentinos, nos quaes essa especie de gente encontra modelo, quizeram lá implantar a forma monarchica.

Costa e Bastos eram crentes, fanaticos com a mania da catechese de qualquer geito e não discutiam a sua fé.

Numa viu nas palavras de Costa a approvação do grande chefe — o que consolidava o discreto elogio que este ultimo lhe fizera: Sr. Numa, o senhor é um republicano!...

Numa Pompilio de Castro, a recente gloria da tribuna politica nacional, cuja biographia occupou quatro paginas da «Os Successos», não tinha historia nem interessante nem longa. Filho de um pequeno empregado de um hospital do norte, fizera-se bacharel em direito, á custa das maiores privações. Logo menino, não lhe solicitaram os lados extraordinarios da vida. Embora humilde não foram as cumiadas da vida que elle viu. Viu a formatura, o doutorado isto é, ser um dos brahmanes privilegiados, dominando sem grande luta e provas de valor, pois, com elle, afastava uma grande parte dos concorrentes.

O filho do escripturario, despresado pelos doutores, percebeu logo que era preciso ser doutor fosse como fosse.

Arranjou daqui e dali os preparatorios; e, durante o curso, levou a mais miseravel vida que se póde imaginar. Alimentava-se dias inteiros de café e pão, dormia em cima de jornaes, mas não deixava jamais de ir ás aulas, de sentar-se ao banco da musica, de fazer perguntas ao lente e prestar exames.

De quando em quando, arranjava um emprego ephemero, lições e munia-se de roupa. Formou-se aos vinte e quatro annos, tendo vivido desde os dezeseite sobre si.

Parecia que uma energia dessas se desvesse empregar em altos intuitos; ha ali, porém, uma questão de ponto de vista. No seu entender, o maximo escopo da vida era formar-se e formou-se com grande esforço e tenacidade.

Não que houvesse nelle um alto amor ao saber, uma alta estima ás materias que estudava e das quaes fazia exame. Dava-as até. Todas aquellas complicações de direitos e outras disciplinas pareciam-lhe varias de sentido, sem substancia, puras apparencias e mesmo sem grande utilidade e significação, a não ser a de constituirem barreiras e obstaculos, destinados á selecção dos homens.

O joven Numa não separava o conceito das disciplinas do da formatura: economia politica, direito romano, finanças e medicina legal não respondiam a certas necessidades da communhão humana; e, si taes ma-

terias foram creadas, descobertas ou inventadas, o foram tão somente para fabricar bachareis em direito. Com as outras carreiras, acontecia o mesmo.

Tal idéa pautava e regia o seu curso. Instantes depois de acabado o exame Pompilio esquecia a disciplina.

Demais, pôde dizer-se que nunca vira um livro. Todo o seu curso fôra feito estudando nas apostillas, cadernos e pontos, organizados por outrem. Decorava aquelles periodos mastigados, triturados e os repetia palavra por palavra ao lente. Prevenia-se para a prova, imaginando as perguntas do professor, e organisava as respostas, citando autoridades de varios paizes.

Foi sempre dos primeiros estudantes e, si não foi o primeiro ao fim do curso, deveu á nota baixa que tirou em medicina legal. Vale a pena contar o caso. O lente perguntou-lhe:

— Qual a quantidade de arsenico que pôde ser encontrada nas glandulas thyroidéas?

Respondeu logo:

— Dezesete grammas.

Houve um grande espanto por parte do examinador e o estudante surprehendeu-se com o espanto do lente.

Não fôra a sua ignorancia que o fizera dizer semelhante dislate; foram os cadernos. O primeiro estudante escrevera certo; o copista que se seguira, atralhará-se na virgula dos decimos e, de copista em copista, de erro em erro, a apostilla levara Numa a repetir tão immensa tolice nas bochechas dos seus sabios professores.

O seu rival no curso aproveitou a descida e tirou o premio. Foi a unica amargura de sua vida. Nascido pobremente, tendo passado toda a especie de privações e necessidades, nada o fazia soffrer profundamente. Logo que se viu formado, partiu para a sua terra natal e lá andou um anno inteiro a receber homenagens, sempre estranhando que alguns de seus companheiros de collegio não o chamassem por doutor.

Vendo que nada obtinha, deixou os penates paternos e veiu em busca da fortuna. Em breve tempo, graças á sua insistencia junto a um dos potentados da Republica, Numa foi despachado promotor de uma comarca de Estado longinquo. Aos poucos, com aquelle seu faro de adivinhar onde estava o vencedor — qualidade que lhe vinha não de uma sagacidade natural e propria, mas de uma ausencia total de emoção, de imaginação e orgulho intelligente — foi subindo até juiz de direito.

Durante toda a sua passagem pela magistratura, Numa adquirira fama de talento. Fundava jornaes onde escrevia panegyricos aos chefes, organisava bandas de musica e animava representações theatraes em pequenos theatros de fortuna.

Não representava, mas ensaiava esse pequeno repertorio da roça, velhas comedias que têm o unico proposito de fazer rir,

e, aos poucos as grandes cidades as banem e vão refugiar-se no interior — «Os trinta botões», «A senhora está dormindo», «O bilontra».

Aos actores improvisados ensinava a entonação, a gesticulação, marcava a peça melhor que o proprio autor.

Fazendo de sua vara de juiz alfange de emir obediente aos designios de Neves Cogominho, não estranharam que, eleito este presidente do Estado, Numa fosse feito chefe de policia.

O novo presidente vivera sempre atastado do Estado, desde a proclamação da Republica. Successivamente deputado e senador, deixava-se ficar nas margens da Guanabara dominando o feudo por intermedio de delegados e prepostos.

Não conhecia bem Numa, embora o tivesse recommendado para obter a primeira nomeação; e o aceitou como chefe de policia para satisfazer aos chefes locais.

Cogominho bem sabia que esse seu atastamento do Estado não era bem visto pelos semi-rebeldes do seu dominio. Uma vez ou outra, accusavam-n'o pelas rubras folhas opposicionistas de ter um immenso desprezo pelo torrão natal e só lembrar-se d'elle para obter vantagens politicas.

No intuito de calar esse murmurio, Cogominho fez-se eleger governador, embora fosse grande a differença de subsidio entre aquelle cargo e o de senador; e foi para Ilacá, a capital.

Não foi só; e para mais completamente demonstrar o seu amor á terra natal, levou para o Estado toda a familia. Deixou o filho que andava pelos estudos no Rio de Janeiro; e installou-se no palacio com a filha, uma velha tia e os famulos de confiança que levava. Era viuvo desde muito e a chegada da familia ducal muito alegrou os itaóquenses. As festas foram as mesmas com que se recebiam ali os governadores, a alegria foi a mesma, os discursos foram os mesmos, as boas vindas as mesmas e a duvida de sua estabilidade no dominio de Sepotuba foi a mesma no animo de Cogominho.

Numa esforçara-se muito para provar ao grande sepotubense o seu talento e a sua dedicação. Discursara ao desembarque, ao jantar, e notou com especial agrado que a filha de Cogominho não era de todo indifferente á sua oratoria.

De industria, o juiz se mantivera até então solteiro. Esperava, com rara segurança de coração, que o casamento lhe desse o definitivo empurrão na vida. Aproveitaria sempre o seu estado civil para encarecer-se. Ora ameaçava casar com a filha de Fulano e obtinha isto; ora deixava transparecer que gostava da filha de Beltrano, e conseguia aquillo; e, si estava chefe de policia, devia ao facto de ter julgado o coronel Flores, poderosa influencia do municipio de Catimbáo, que Numa pretendia casar-se com a filha d'elle.

A presença da menina Cogominho fez-o pensar mais alto e relembrar as suas desmedidas ambições casamenteiras. Não que elle fosse bello e galanteador, mas, pertenciamente sabia que essas cousas não são indispensaveis para um bom casamento, desde que o noivo não viesse a fazer má figura no eirado dos diplomatas e outras pessoas exigentes da representação interna e externa do Brasil.

Com toda a firmesa, com aquella firmesa que empregou para formar-se, Numa tratou de casar-se com a filha de Cogominho e não viu deante d'elle obstaculo algum, como aquelle não vira quando tratou de casar-se com a filha do capitalista Gomes.

Edgarda era ainda bem moça, mas já tinha passado dos vinte annos e viera para Itaóca cheia de uma curiosidade constrangida. Nascida e criada no Rio, tendo vivido sempre nas rodas senatoriaes e burguezas, tinha illusões de nobreza. Acompanhava o pae com certa repugnancia; ao mesmo tempo, porém, era attrahida pela existencia «dessas cidades» que não são o Rio. Encontrava no bacharel quem lhe informasse sobre a vida do Estado, a sua historia, a sua industria, as suas cidades; e as pedia com o espirito de uma marquezita ao intendente dos seus dominios.

Essa concepção de nobreza lhe viera da educação das irmãs de caridade e a defeituosa instrução que recebera não pudera ajudar á sua real intelligencia a corrigi-la.

Não metteria em linha de conta que nobreza suppõe dominio effectivo e perpetuidade na familia desse dominio, garantida por privilegios, soberania, tradições de raça e sangue; e a illusão que as irmãs lhe instillaram no espirito aos dezeseis annos, ficou-lhe sempre no sub-consciente.

Como castellã, sonhara sempre casamentos excepçionaes; e, a todos que lhe insinuavam, certos rejeitava por prosaicos; e outros, por serem desproporcionados. Talvez se illudisse a si mesma; talvez já tivesse achado um que era do seu amor, mas não era de sua prudencia. A castellã mais uma vez se fizera burguezinha...

Nunca suppoz que aquelle bacharel esguio, amarellado, cabellos duros, com um grande queixo, vestido com um apuro exagerado de provinciano, premeditasse casar-se com ella; mas, o ocio provinciano, a falta de galanteadores passaveis, a vontade de matar o tedio, fizeram-n'a esquecer a artificial representação que tinha de si mesma e acceptou as homenagens do chefe de policia de seu pae.

O governador via com bons olhos a aproximação dos dous e pareceu-lhe que o casamento de ambos seria util á sua politica.

Conhecendo a fama do rapaz no Estado, a sua influencia, o seu atrevimento, o seu despuor em fazer do seu cargo judicial instrumento das ambições politicas do partido e de oppressão para os adversarios, Cogominho percebeu bem que era melhor

tel-o por alliado, antes que se unisse a Flores, quasi sempre disposto a não lhe obedecer totalmente.

Fra bom separar um do outro para que ambos mais tarde não lhe dessem que fazer e mesmo o «tombo». A desfaçatez judiciaria de Numa dava medida do que elle seria capaz de fazer quando o solicitassem grandes ambições e tivesse o apoio familiar de Flores.

O processo da «Boa Vista» indicava bem a alma do seu chefe de policia. Flores, o Coronel, por uma questão de gado, invadiu certa vez a estancia do rival, mattando-lhe filhas, filhos e criados e deixando que a horda que o acompanhava saqueasse casas, moinhos, curraes e estribaria. Até portas trouxeram.

Devido á celeuma que o caso levantou no Rio, houve processo e Numa, apesar das testemunhas, apesar de todas as provas, despronunciou Flores e seus sequazes.

Como esta, eram muitas as causas em que o juiz se fizera creatura do caudilho e o seu casamento com a filha deste dar-lhe-ia uma força extraordinaria na politica do Estado. O braço juntar-se-ia a cabeça...

Pouco depois de eleito deputado estadual, Numa Pompilio de Castro casara-se com a filha de Neves Cogominho sem surpresa para ninguem, nem mesmo para Flores, que apadrinhara o antigo chefe de policia.

Quando se fizeram as eleições federaes, o genro do presidente foi feito deputado federal e, como tal, partiu para o Rio, apressado em tomar assento na Camara Federal.

Tinha poucas relações e o seu desembarque não foi concorrido como era o do seu sogro. Comtudo, alguns conhecimentos da mulher vieram, entre os quaes um primo de que elle tinha noticia como extravagante de marca. Numa, então, conheceu-o; tratou-o com a polida severidade de suas virtudes judiciarias e admirou-se da satisfação com que sua mulher o acolheu e do olhar doce e curioso com que o cobriu todo.

Neves Cogominho ficou em Itaóca acabando o mandato de presidente; e, durante o primeiro anno, o genro foi fazendo com cautela a sua iniciação de deputado e de bacharel bem casado. Não faltava ás sessões, conversava pouco, não adeantava opiniões e guardava de cór as de Bastos, á cuja casa não deixava de ir em obediencia ás recommendações do sogro.

Não se demorava na rua, mas pouco conversava com a mulher; mas dava os passeios e fazia as visitas de circumstancia.

A vida de ambos era, entretanto, placida como a de um velho casal.

A mulher lia, lia muito e elle, a principio, admirou-se muito com aquella leitura.

Para que? Não sabia bem que prazer pudesse ella encontrar nos livros com os

quas só lidou por obrigação... Nada disse, no entanto; ambos se entederam e elle mesmo, as mais das vezes, se promptificou a trazer este ou aquelle volume.

Os observadores que o viam entrar nas livrarias, adquirir livros e revistas, começaram a estimal-o como estudioso e homem de bom gosto. No fim de poucos mezes, era conhecido dos caixeiros e o deputado Numa Pompilio de Castro continuava a ser obscuro, os diarios não falavam nelle e, quando mesmo apparecia nas festas, as secções mundanas dos jornaes não lhe davam o nome.

A mulher em que o casamento já começava a pesar, aborrecia-se com esta obscuridade. Não o amara, não o suppunha intelligente, mas havia não sei que de organizado nelle, de medio, de segurança de processo, que esperou sempre que a politica o fizesse pelo menos conhecido; mas, assim, não o queria e o seu enlace era um desastre sem desculpa aos seus olhos.

Esperava-o na Camara bulhento, discutido e elle vivia calado; esperava-o atacado pelos jornaes da opposição e elles não ouziam nada; esperava-o conhecido de todos e ninguem o conhecia, até mesmo as suas amigas. Ainda ha dias, a Hortencia não lhe tinha perguntado: «Edgarda, teu marido é deputado?» Precisava animal-o; raziase mistér isso.

De volta do enterro de uma parenta, a mulher de Numa vinha satisfeita. Nem sempre isso acontece, mas muitas vezes se dá, apezar de nós. Não se colhem bem os motivos, as razões profundas de se ter passado de uma emoção á contraria, o certo é que se tem como que um allivio n'alma, a impressão que se diminuíram os nossos peccados; ficamos melhor deante de nós mesmos, mais de accordo com o Deus e com o Mystério.

Ficara Edgarda até ao saimento, voltara e jantara muito contente com o marido e o primo Benevenuto, que raras vezes os visitava. A tarde passaram excepcionalmente communicativos; e, muito ternos, marido e mulher, recolheram-se á hora do costume.

O dia amanheceu lindo, transparente, tranquillo; e os gallos se esqueceram das horas e foram cantando pela manhã em fóra. As alturas destacavam-se na téla fina do azul infinito; o Corcovado curvava-se curioso sobre a casa em que habitavam e as janelas tiveram pressa em se abrir.

Numa conservava os seus habitos de estudante. Erguia-se da cama cedo, tomava banho e cedo procurava o café e os jornaes. A mulher que se demorava mais no leito, naquelle dia acompanhara o marido. Ella ainda tomava café, quando já o esposo lia os jornaes.

O deputado buscava immediatamente o que, nas folhas, se dizia dos debates, os commentarios, os artigos de fundo; e, ao

ler um dos jornaes, não pôde deixar de dizer á mulher:

— Que elogio ao Caldas!

— Que Caldas? O Eduardo?

— Sim.

— E que fez elle?

— Um discurso hontem.

A mulher serviu-se novamente de café, assucareu-o bem, arrepanhou o roupão que lhe ia deixando muito á mostra o peito rosado, e disse:

— Você porque não faz um, tambem?

Sem deixar o jornal, Numa attendeu, sacudindo os hombros:

— Ora.

Edgarda, depois de levar a chicara aos labios, sorver um gole e descançal-a, observou:

— E' preciso apparecer, Numa!

Com preguiça e mansidão, o marido objectou:

— Para que, Edgarda? Para que? Há lá tanta gente intelligente que não preciso incommodar-me.

— Eu, fez ella, si estivesse no caso de você, por isso mesmo é que me incomodava. Você tem vergonha?

— Não, ao contrario; sou até desembaraçado, mas... mas... preciso estudar.

— Pois então estude! Que dificuldade ha? Você por que não experimenta? Não se discute a tal questão do novo Estado?

— Discute-se.

— Por que você não fala?

— E'... E'... Mas...

— Precisa estudar, não é?

— E'.

— Eu ajudo.

— Como? Você sabe?

— Não. Vejo os livros — pergunto a papae; você indica outros, tomo notas e depois você as redige. Lê alguns discursos e o resto se arranja.

— Não vá sair a cousa com algumas inconveniências!

— Qual! Passo a limpo e você leva a papae.. para ver o que ha.

A peça oratoria foi assim composta; e, na redacção final, Numa ficou muito contente com a habilidade da mulher. Encontrou muitas modificações felizes, muita phrase bonita, e cheio de uma intensa alegria, perguntou:

— Você já te escreve ha muito tempo, Edgarda?

— Não, nunca escrevi. Por que? respondeu a mulher com algum estremecimento na voz.

— Por que?... Porque tem muita cousa que você escreveu melhor do que eu.

— Pois você pôde ficar certo de uma cousa: escrevi o que está no teu rascunho, modificando uma ou outra cousa, naturalmente.

Obtida a approvação do sogro, Numa estudou o discurso como si fosse um papel de theatro. Não era sem antecedentes o processo; e elle o soube empregar magnificamente, pois a Camara admirou-o e o seu

sucesso foi grande e notado em toda a cidade.

Quando terminou, recebendo abraços, ouvindo aqui e acolá commentarios, a sua lembrança ia para a casa paterna, lá no seu Estado longinquo; e agora, passada a emoção da estréa, colleccionando parabens e olhares admirativos, naquella rua que sagra as celebridades nacionaes, as recordações lhe voltavam mais vivas e mais cneias de ternura.

Recordou-se bem da casa de seu pae, das suas difficuldades, das suas ancias e sobresaltos para se prevenir contra os chefes politicos que lhe queriam sempre arrebatá-lo o emprego. Subia um partido, descia outro; os Castriotos reconciliavam-se com os Ciceros; os Ciceros deixavam os Castriotos e iam para os Coimbras; e sempre seu pae tinha que adivinhar essas marchas e contra-marchas, essas reconciliações e separações, para manter o seu emprego, sem poder abster-se, obrigado a tomar partido para a sua propria segurança.

Lembrava-se bem da casa, baixa, carada, meio de telha vã, meio farrada, com um largo quintal, tendo, aqui e ali, uma arvore, um cajueiro e os urubu's teimosos misturados com as aves domesticas. E agora? Habitava um palacio, no meio da abundancia, ao lado de uma linda mulher bem educada, onde iria?... Muito póde á formatura! Si elle não se fizesse doutor, que seria?... Bem lhe pareceu desde menino, que a carta era a chave da riqueza, uma chave magica a abrir todas as fechaduras da vida, suavemente, docemente, rapidamente, sem o mais tenue ruido.

Tinha saber? Não sabia. Tinha talento? Não sabia. Que é que sabia ao certo? E' que era formado. Examinou toda a sua vida de juiz e as claudicações lhe vieram com afiada nitidez. Devia ter procedido de outra forma? Devia; mas que lhe adelantava? Ficar lá pelo interior a vegetar em logarejos. O que elle sentia bem, o que lhe tocava, o que penetrava nelle, não eram as faltas no cumprimento dos seus deveres; era a sensação de que estava em uma grande cidade, que tinha uma casa, que o dia de amanhã estava garantido e para viver não precisava esforçar-se. De resto, discursando hoje, falando amanhã, a escensão era certa; e elle que quizera algum, tinha muito; e elle que não ambicionara a celebridade, era celebre; e elle que não procurara os livros, os livros o elevaram.

Olhou um pouco a mulher, e alguém, quando passavam, disse perceptivelmente: o triumpho é d'elle, mas a gloria é d'ella.

Edgarda, distraida da multidão, olhando aqui e ali sem ver, continuava a caminhar com segurança e com uma grande alegria em todo o rosto. Em breve estavam na saleta pretenciosa, onde é de bom gosto tomar chá. Era um luxo novo da cidade, um luxo bem nosso, barato e cauteloso.

Lá, após o passeio, encontravam conhe-

cidos, e, como sempre, achavam-se já sentados a uma das mesas catitas, Mme. Forfaible, esposa do general do mesmo nome, acompanhada de uma amiga, e o primo Benevenuto.

— Não sabe, foi logo dizendo este ultimo, como me agradou o seu discurso. Ha muito pensamento nelle, muito estudo...

O deputado sorriu convencido e respondeu:

— Muito obrigado! Muito obrigado!

Mme. Forfaible concluiu:

— O doutor deve levar em muita conta a opinião do Dr. Benevenuto. Ella é desinteressada, perfeitamente desinteressada... Não é de official do mesmo officio...

— Sei bem, minha senhora. Sei bem.

A Numa seguiu-se Edgarda:

— Como vae o general, Annita?

— O general! Vae bem, vae bem.

Benevenuto indagou, então:

— Não foi para o Supremo?

— Qual! acudiu a mulher. Qual! Eu não dizia até agora que a cousa peor deste mundo é o official do mesmo officio? Pois bem: meu marido é um dos generaes mais illustrados e de mais serviços no Exército. Até hoje, até hoje, ainda não o fizeram marechal nem ministro do Supremo Tribunal. E' isto! Entretanto nomearam o Castello que escreve corneta com «qu».

— Minha senhora, posso garantir-lhe que me interessei muito...

— Olhe Annita, disse Edgarda, não havia dia em que não lembrasse a Numa, que não deixasse de recomendar teu marido a papae.

— Sei bem, disse Mme. Forfaible, que a culpa não é dos civis. E' dos collegas, doutor; é dos collegas... Bem fez o Dr. Benevenuto que não quiz ser nada.

— Não sou eu quem não quer, minha senhora; são os obstaculos. A minha vocação não é para esse «steep-chase» de pistóles, choradeiras, empréstimos, intrigas, abdições, pedidos, mofinas... Para isso, ha uma raça especial... Eu...

Numa interveiu:

— E' mesmo um tormento! E as injustiças? Já no meu curso, não me deram a medalha. Mas tenho trabalhado para subir. Esta sabe bem.

A mulher foi ao encontro do marido, dizendo angelicamente:

— A questão é esperar. Paciencia... Não é só um caminho que leva a Roma.

— O doutor, disse então Benevenuto, póde gabar-se de ter muita paciencia. As injustiças não lhe fazem móssa.

— Já estou habituado com ellas.

— E' uma grande vantagem na nossa vida, continuou o primo. Sem esse habito, não se ia para deante... Eu sei que, ás vezes, a gente se revolta...

— Eu! exclamou Numa. Eu! Não me revoltou nunca. Trabalho, trabalho e consigo.

A amiguinha de Mme. Forfaible falou por ahí, timidamente:

— Quem tem talento, como o doutor, consegue tudo.

— Não é tanto assim, menina! fez Mme.

Forfaible, com alguma irritação. O talento serve muito, não ha duvida; mas é para ajudar.

Calaram-se e puzeram-se a tomar o chá que esfriava nas chicaras.

## CAPITULO II

O ar estava translucido e fino. A manhã ia adeantada mas tinha ainda um pouco do encanto das primeiras horas. Botafogo é dos logares do Rio de Janeiro aquelle em que mais agradavel é o amanhecer. A proximidade do mar e a visinhança das altas montanhas cobertas de vegetação, quando o sol é meigo, ahí pelas primeiras horas do dia, casam-se, unem-se, fundem-se sob a luz macia e o céu azul, de tal fórma que o encanto da manhã é inesquecível. Esquecemo-nos da aspera e violenta atmosphera das outras horas e mesmo de certas manhãs; deixamo-nos envolver na tenue e carinhosa gaze azulada do momento, totalmente, inteiramente, corpo e alma, idéas e sonhos, como si nos preparassemos para supportar os outros bravios instantes do dia.

Naquelle dia amanhecera soberbo e quem andasse pelo arrabalde, pouco notaria as pretenciosas fachadas das casas, os gradis pelintras dos jardins, o movimento da criadagem, dos banhistas, para só aspirar o ar, aspirar e vel-o, e tambem as flores daquelles prudentes jardins minuculos que bem medem a nossa riqueza, a nossa magnificencia e o nosso luxo.

As palmeiras farfalhavam suavemente na rua Paysandu' levando o mar para a montanha e trazendo a montanha para o mar; as arvores estremeciam na atmosphera e todos pareciam contentes. Os criados tagarelavam em grupos, cestos ao braço, mais animados para o arduo serviço; os caixeiros olhavam as cozinheiras com a ternura da manhã; os collegiaes caminhavam brincando para as escolas; as patroas não tinham no rosto o enfado necessario do matrimonio; e os maridos, de volta do banho de mar, tiritavam alegres, sorridentes, esperançados nos seus negocios. A jocundidade da manhã porejava nas pessoas e nas cousas.

O Director do «Diario Mercantil», muito interessado no negocio da venda da Estrada de Ferro de Matto Grosso, tinha resolvido procurar Numa Pompilio, naquella manhã. Demandara á casa do deputado, sem notar a innocencia e a bondade do momento e da paisagem, preocupado com a transacção, desprezando as arvores, o ar, as montanhas as flores e a gente.

Fuas Bandeira era portuguez de nascimento e desde muito se achava no Brasil, dirigindo jornaes. Homem intelligente, não era nem ignorante nem instruido. Tinha a instrucção e a intelligencia de homem de commercio e puzera na sua actividade jornalística, o seu espirito e educação com-

merciaes. Escrevia, mas escrevia como um guarda-livros habil. A influencia dá «correspondencia» sentia-se bem na sua redacção economica de pontos, periodos longos, procurando dizer tudo sem suspender a penna.

Encarava todo o debate jornalístico como objecto de commercio ou industria e estendera esse criterio aos casos politicos, ás pretensões de qualquer natureza. Dizia-o mesmo francamente e francamente agia, embora, quando accusado, se defendesse indignado.

Fazia uma vida brilhante: gastava, jogava, presenteava, mas a sua generosidade era sempre interesseira. Elle a tinha com os poderosos da industria, do commercio, da politica e dos negocios; e, nos apertos não sacrificava um ceutil de suas despesas, para attender ao pagamento dos salarios dos seus empregados.

A sua venalidade provinha de um scepticismo inconsciente quanto ao valor da politica, da acção do governo, mas o curioso é que esse scepticismo só elle o tinha quanto ao Brasil. No que toca á sua patria de origem, era crente e desinteressado, esperando resultados fecundos dos actos accretados do governo.

Seguia-lhe a politica, advogava este ou aquelle partido, gabava tal ou qual personagem sem remuneração alguma e até com prejuizo. Fazia systematicamente entre nós a industria do jornal e não havia empreendimento ou obra, por mais util que fosse, representando emprego de capitaes avultados e lucro para os empreiteiros, de que não se procurasse tirar o seu quinhão.

Não accumulava dinheiro, talvez não sentisse vontade de voltar á terra de origem e tinha o Brasil na conta de mina sua inextinguível que, para dar-lhe lucro, precisava de estar-lhe á testa.

Conhecia todos os poderosos, os que se faziam poderosos, os que se iam fazendo e promettiam sel-o, e a nenhum se acanhava de pedir isto ou aquillo. A' proporção que subiam, subiam os seus pedidos; e, dessa fórma, quando no fastigio podia pedir-lhes o que quizesse.

Lendo os jornaes, fumando teimosamente, sem sentir a olente fragancia dos jasmims e a rua pittoresca, Fuas chegou á residencia do parlamentar.

A casa do deputado Numa Pompilio ficava pelas bandas de Humaytá, pelos lados de Botafogo onde Darwin morou e ao anoitecer, punha-se a ouvir embevecido o hymno que a Natureza, por intermedio das

rãs humildes, entôa ás estrellas distantes. Era um casarão commum, sem movimento, quer na fachada, quer na massa toda do edificio. Muito simplesmente um parallelepipedo, com largas aberturas de portas e janellas, tinha um só pavimento, mas o pórrão era tão alto que bem se podia contar como outro.

Vasto de facto era, e as seis janellas de frente e a situação ao centro do jardim, mais amplo que os communs, com velhas fruteiras nodosas, corrigiam de algum modo a indigencia de sua architectura. Tinha uma certa imponencia e, de mais, com o fuudo para a escarpa verde-negra dos contrafortes do Corcovado, o casarão resaltava, saia, adquiria certa distincção solarenga entre as jovens e acanhadas edificações dos arredores. Não era novo; pertencera aos avós da mulher de Numa e fôra edificado ahi pelos meados do seculo passado.

O velho Gomes (assim fôra conhecido o avô de Edgarda) era portuguez de origem humilde, traficara, enriquecera e se fizera com os annos uma potencia commercial da cidade. Quando edificou aquelle casarão, ainda era roça Botafogo e o fizera amplo e franco como uma casa de campo. Viveu muito e enterrou quasi todos os descendentes, excepto a filha que se casou com o Dr. Neves Cogominho.

O genro, graças á previdencia do velho negociante, não pudera desbaratar os haveres da mulher; elle mesmo não precisava disso. Medico, novamente formado, só necessitava de representação para ganhar fortuna na clinica; não teve tempo, porém, de o fazer, porque, antes de cinco annos de casado, proclamara-se a Republica e a politica offereceu-lhe campo mais vasto e menos trabalhoso para a vida abundante.

Lembrou-se de que era republicano, e seu tio, o coronel Fortuna, amigo intimo de Deodoro, tomou conta do seu Estado natal e elle foi feito deputado, emquanto os seus primos, concunhados, sobrinhos, adherentes e affins occuparam outros cargos no Estado, implantaram nelle o dominio dos Cogominhos de que elle se fez chefe por morte do venerando Fortuna.

A mulher não lhe viu a ascenção na politica; morrera pouco depois de proclamada a Republica, deixando-lhe uma filha de dous ou tres annos, que foi creada por uma velha tia do pae.

Cogominho não abandonou o casarão de Botafogo e só o deixou de habitar continuamente, quando casou a filha. Assim mesmo tinha nelle aposentos, mas dera para ficar em Petropolis, onde antigamente costumava a passar só tres ou quatro mezes.

Seu genro, em começo, custou muito a habituar-se á velha casa. Achava-se deslocado, julgava-a grande em demasia; era como si tivesse vestido a roupa de um gigante. Aquellas amplas salas, grandes quartos e longos corredores, quasi sem habitantes, só com moveis, as mais das vezes fechados, pareciam-lhe povoados de duen-

des. Habitado ás pequenas casas, orphãs de trastes e outros adereços, Numa esforçava-se por entrar na significação e necessidade daquelles consolos, reposteiros e divans. Achava os sofás estufados baixos demais e as cadeiras frageis; o que o aborrecia muito era a falta de escarradeiras.

O cunhado estava na Europa e grande parte da casa vivia fechada, só vindo a conhecer algumas dependencias quando a velha tia de Cogominho, D. Romana, voltou de Sepotuba. A velha fazia abrir, varrer e espanar tudo aquillo diariamente e movia-se dentro do casarão com a liberdade de quem conheceu daquelles como centro de leguas quadradas de uma fazenda.

Era de suppor que Numa esperasse por tudo isso, mas não pedia tanto a sua ambição de posição e dinheiro. Nella, não havia necessidade interna de grandeza, de luxo, de commodidade, de magnificencia; havia tão somente preguiça, preguiça physica, preguiça mental, vontade de ficar a coberto dos vae-vens da sorte, das «reborderosas», o pavor nacional do dia de amanhã. Ficou extranho á casa, ás alfaias e continuou com os seus habitos mediocres.

Após o café e a leitura dos jornaes, viera o deputado até á sala de visitas espacrecer um pouco. Vinha ver pelas janellas a rua que lhe ficava em frente da casa. Antes de espiar o movimento matinal do bairro, quiz o acaso que examinasse um pouco os adornos da sala. Ahi, parou um pouco convidado por este ou aquelle moveel. Julgou uns antipathicos, gostou dos antigos, pesados e amplos; examinou os bibelots e demorou-se a considerar uma estatueta de bronze. Sentada em exedra, de marmore, uma mulher tinha os braços abertos sobre os ramos da cadeira. O busto estava nu, a parte inferior coberta, e; aos pés, uma corôa de louros. Viu-lhe o olhar perscrutador, a expressão do rosto de serena imaterialidade, a attitude geral de suspensão. Olhou-a ainda demoradamente e descobriu qualquer cousa naquelle pedaço de bronze que até ali não tinha sentido nunca. Afastou-se um pouco, examinou um biscuit, um outro bronze; mas, sempre aquella mulher em expectativa, á espera não sei de que, attraia o seu exame.

Teve medo de apanhal-a; afinal, o fez. Leu alguma cousa na base; não decitrou bem ou não teve confiança na leitura. Apesar da manhã muito clara, devido ás cortinas, a luz entrava escassamente e a sala estava em uma meia penumbra. Trouxe-a até bem junto á janella e leu claramente: «Histoire — Historia!»

Numa não precisou bem a relação entre a estatueta e a legenda, mas ainda assim olhou o bronze, o modo natural de seus braços abertos, a sua serenidade total, quando lhe avisaram de que havia uma pessoa que queria falar-lhe. Leu o cartão e mandou que fizessem entrar para a saleta o Sr. Fuas Bandeira, director do «Diario Mercantil».

Apurou melhor a «toilette» matinal e foi ao encontro do jornalista, depois de ter ao acaso lançado o olhar sobre o retrato do avô de sua mulher, enquadrado em uma grande moldura dourada.

Fuas Bandeira desculpou-se preliminarmente por ter vindo incommodado tão cedo e expoz com franqueza o objecto de sua visita. A rejeição do «veto» opposto ao projecto de venda da Estrada de Matto Grosso devia ser posta em ordem do dia e Fuas esperava que Numa votasse pela rejeição.

O legislador afastou da lembrança a figura da estatueta e respondeu:

— Qual é a opinião de Bastos?

— A mim, meu caro doutor, elle já me disse que não tem opinião firmada. Dá mesmo a entender que é questão aberta...

— Mas não disse claramente?

— Não, não disse. O doutor sabe como é o doutor Bastos. Elle não costuma dizer, quando se trata de insignificancias, penso assim ou não. Parece-lhe que dizer a tal respeito a sua opinião é insinuar que os seus amigos votem com elle. O doutor Bastos já está farto de ouvir dizer que elle violenta a consciencia dos seus amigos, que é um dictador, que é a sua vontade que domina a dos outros, que elle é o partido. Ora, doutor, quando se trata dessas cousas de nonaqua, elle abstem-se de falar para que os republicanos votem como entendam.

— Mas no caso do Peixoto...

— Ah! doutor! O caso ahí é outro. Tratava-se, lê verdade, de uma licença, mas Peixoto é inimigo do partido, inimigo acerrimo. Com o caso da Estrada, não ha nada disso, posso garantir-lhe!

— E o povo?

— O povo! O povo! Que tem o povo com essas questões? Por acaso elle pode raciocinar sobre finanças? Creio que não, meu caro doutor. Não é a sua opinião?

— Dizem que o governo gastou cem mil contos e vae vender pela metade.

— Não é certo; mas, si o fosse, valia a pena contar tambem com o «deficit» que ella dá. A operação, meu caro doutor, traz desafogo para o governo, não só para já, como para o futuro. O meu interesse, como republicano, é facilitar meios de vida á republica e tambem educar o Brasil no caminho da iniciativa particular. Si até agora ella não se tem feito sentir na economia do paiz, é devido á timidez dos senhores deante da algazarra dos calumniadores.

A teimosa fragilidade da estatueta passou de novo pelos olhos do antigo juiz de Camimbáo.

Fuas Bandeira accendeu o charuto e continuou de pé:

— O doutor, certamente, conhece bem a questão?

— Pouco.

— Pois si quer... Ah!

— Que procura, Sr. Fuas?

— A minha pasta... Está no automovel.

Numa fez vir o criado para busca-la e della tirou o jornalista um folheto explicativo sobre a vantagem da operação. Ainda falaram sobre outras questões; Fuas não accitou o almoço e despediu-se recomendoando:

— Leia, doutor! Leia! Quanto á opinião do doutor Bastos, não se incomode, pois elle dá toda a liberdade a seus amigos.

Quando Numa voltou em demanda ao interior da casa, ainda olhou distraido a estatueta que continuava repousada, serena, na meia penumbra do salão.

A vida do casal continuava a ser a mesma. Viviam um ao lado do outro, sem grandes ternuras, sem odio, sem tambem a perfeita e mutua penetração que o casamento suppõe. Pareciam habituados áquelle viver desde muito tempo; e D. Edgarda costumava a velar, a animar a carreira politica do marido, maternalmente.

Era a sua ambição que se realisava na celebridade do marido. Educanda das irmãs, de Botafogo, ella não queria ficar atrás das outras e lembrava-se do que lhe dissera certo dia a irmã Thereza, com sua voz macia e aquelle olhar intelligente que dava tanta vida á sua cutis de pergaminho:

— Veja só, Edgarda, quasi todos os homens importantes do Brasil têm se casado com moças educadas aqui. A mulher do Indalecio, o ministro da Justiça, foi nossa discipula; a Rosinha, que se casou com o Castrioto, do Supremo Tribunal, tambem; e a mulher do almirante Chavantes? e a Laurentina? Como era bonita, meu Deus! Coitada! essa morreu cedo, mas o marido foi longe. E' rara, minha filha, a educanda nossa que não leva o marido longe.

Nunca se havia esquecido do que lera naquelle palimpsesto debaixo de taes palavras; e casara, certa de que Numa ja fazer o seu nome ecoar por todo o paiz. Era preguiçoso, descansado; mas já dera o primeiro passo e a questão estava em continuar. A sua satisfação foi grande quando o viu elogiado, apontado, em caminho da notoriedade; mas, era necessario que não ficasse ali. Precisava insistir, ter o seu nome em todas as bocas, ser falado diariamente pelos jornaes, como o era o marido da Ilka, sua antiga collega.

Notava ella que a celebridade do marido começava a esfriar, a ser esquecida; e ficava contrariada quando lhe diziam nas lojas, ali ou aqui, que não o conheciam. Fizera o marido comprar muitos numeros da «Os successos» e mandar para o Estado; insistira com o pae para que a biographia fosse transcripta no orgão official do partido, em Itaóca. Esforçava-se por adivinhar os golpes que elle pudesse levar e só os via por parte de Salustiano, um contra-parente do pae, que parecia não ver com bons olhos o dominio de Cogominho.

Tinha nascido no Estado, occupava um bom emprego e todo o desejo della era tel-o sempre afastado de Sepotuba, para não obter influencia directa, ficar sempre

na dependencia de Cogominho e não azer valer em proveito proprio a tradição do pae delle, Salustiano.

Recommendava muito ao marido que fosse gentil com elle, que o convidasse a jantar, que perguntasse pela familia; mas Numa tinha uma pequena implicancia com o parente, por saber que sempre o tratava como — «o genro do Cogominho».

Dissera mesmo isso á mulher; ella, porém, lhe recommendara que não desse attenção e lhe captasse a boa vontade.

Edgarda lembrou-se naquella manhã de insistir com Numa para que apparecesse na tribuna. A visita de Fuas fel-a adiar de proposito e occupou toda a manhã em cousas cascas. Foi ao jardim, correu a chacara, viu bem a horta, porque era ella unicamente quem se interessava por aquellas dependencias da casa.

O marido, apesar de ter nascido em cidade pequena, do interior, não as apreciava; e si ia por ali, passava por sobre os canteiros um olhar distraído e indifferente. Só uma mangueira despertava-lhe interesse e era de antipathia. Elle não notava a belleza da fruteira, os seus grandes ramos alongados como braços, a sua sombra maternal e piedosa; Numa antipathisava com a arvore porque não dava frutos.

A mulher era quem se interessava por aquellas silenciosas e consoadoras vidas, que lhe suggeriam recordações de menina, de moça, da mãe, do avô.

D. Romana, a tia-avó, ficava no interior e tinha pelos velhos trastes, pelas velhas terrinas rachadas, por tudo quanto era alfaia velha ou utensilio antigo, um interesse de depositaria do passado. Não deixava pôr fóra um movei bichado, um bule sem tampa, só si de todo não lhe fosse possível esconder em qualquer socavão da casa.

Entre as duas, a velha tia e a sobrinha moça, havia esse accordo tacito de tratar uma do exterior e a outra do interior do velho casarão do fallecido Gomes.

D. Edgarda viu com prazer a visita de Fuas. Estava no fundo do quintal, mas de lá mesmo pôde reconhecê-lo pelo automobile. Continuou, porém, na chacara e não notou a saída do jornalista.

Até quasi á hora do almoço ficou vendo as hortaliças, os preparativos do chacareiro para protegê-las no verão; e, quando deixou a horta, já a mesa estava posta.

Numa empregava o tempo fazendo lentamente a sua «toilette» de sair. Sempre a fizera com lentidão e vagar; desde os tempos de pobreza, que elle officiava no vestir a calça, no abotoar os punhos e estudava bem ao espelho o atar a gravata.

A mesa, sentaram-se, como de costume: elle, a mulher e a velha D. Romana.

Em começo, artes de desdobrarem o guardanapo. Edgarda perguntou:

— Numa, não foi o Fuas quem esteve ahí?

— Foi.

Numa respondeu e, sem alongar a resposta, começou a servir-se. A mulher insistiu:

— Que queria elle?

O parlamentar reprimiu um pouco o aborrecimento que a insistencia da mulher lhe causava e respondeu:

— Nada! Um negocio de venda de uma estrada de ferro.

— Que estrada? A de Matto Grosso?

— E', Edgarda.

— Você prometteu o voto?

— Disse que ia pensar.

— Pensar?! Você já sabe a opinião de Bastos?

— Não, mas dizem que elle não faz questão.

— E' preciso cuidado.

Arrependeu-se o marido do máo humor com que recebera as perguntas da mulher e indagou com affecto, olhando-a demoradamente:

— Si elle não faz questão e é cousa de dinheiro, quer dizer...

— Quer dizer...

— Quer dizer; quer dizer — o que?

— Quer dizer que você deve aproveitar, seu tolo!

— Como?!

A mulher riu-se gostosamente e a velha ficou espantada com a attitude da neta e o espanto de Numa.

— Como?! — fez Edgarda. Eu sou deputado, por acaso? Por que não pergunta aos seus collegas... Veja como o Christiano está rico! Quando foi eleito, tinha alguma cousa? Tinha nada, seu tolo! Tinha nada!

Houve entre os dous um silencio de intelligencia; e, aproveitando uma ausencia do copeiro, Numa reflectiu:

— Esse Fuas não é cousa muito boa.

A mulher descansou o garfo, serviu-se de vinho e disse com vagar:

— Em politica, nessas cousas, a gente não tem muito que escolher. Si uns não são amigos dos outros, uns têm necessidade dos outros e as cousas vão passando. Você deve saber disso.

— E', mas esses homens de jornal... estrangeiro...

— Olhe, papae diz sempre: ninguem cospe no prato em que comeu; e papae já é antigo na politica, é muito considerado... O que você deve fazer é apparecer, é falar, dar pareceres...

— Não tenho tido occasião...

— Ha sempre occasião desde que...

O copeiro interrompeu-os e avisou o patrão de que estava ahí o Lucrecio que lhe queria falar.

Lucrecio, ou melhor: Lucrecio Barba de Bode, por seu alcunha, que tão intempestiva-

mente interrompia o almoço do deputado Numa Pompilio, não era propriamente um político, mas fazia parte da politica e tinha o papel de ligal-a ás classes populares. Era um mulato moço, nascido por ahi, carpinteiro de profissão, mas de ha muito que não exercia o officio. Um conhecido, certo dia, disse-lhe que elle era bem tolo em estar trabalhando que nem um mouro; que isso de officio não dá nada; que se mettesse na politica. Lucrecio julgava que esse negocio de politica era para os graúdos, mas o amigo lhe affirmou que todos tinham direito a ella, estava na Constituição.

Já o seu amigo fôra manobreiro da Central, mas não quiz ficar naquella «joça» e estava arranjando cousa melhor. Dinheiro não lhe faltava e mostrou-lhe vinte mil réis? — Sabes como arranjei? fez o outro. Arranjei com Tótônho do Cattete, que trabalha para o Campeflo.

Lucrecio tomou nota da cousa e continuou a aplainar as taboas, de máo humor. Que diabo? Para que esse esforço, para que tanto trabalho?

Fez-se eleitor e alistou-se no bando do Tótônho, que trabalhava para o Campeflo. Deu em faltar á officina, começou a usar armas, a habituar-se a rôlos eleitoraes, a auxiliar a soitura dos conhecidos, pedindo e levando cartas deste ou daquelle politico para as autoridades. Perdeu o medo das leis, sentiu a injustiça do trabalho, a nihilidade do bom comportamento. Todo o seu systema de idéas e noções sobre a vida e a sociedade modificou-se, si não se inverteu. Começou a desprezar a vida dos outros e a sua tambem. Vida não se fez para negocio... Metteu-se numa questão de jogo com um rival temido, matou-o e foi sagrado valente. Foi a jury e absolvido, por isto ou por aquillo, o Tótônho fez constar que o fôra por empenho do Dr. Campeflo. Dahi em deante se julgou cercado de um halo de impunidade e encheu-se de processos. Quando voltou a noções mais justas e ponderou o exacto poder de seus mandantes estava inutilisado, desacreditado, e tinha que continuar no papel...

Vivia de expedientes, de pedir a este ou áquelle, de arranjar protecção para tavola-gens em troco de subvenções disfarçadas. Sentia necessidade de voltar ao officio, mas esta a desabitudo e sempre tinha a esperança de um emprego aqui ou ali, que lhe haviam vagamente promettido. Não sendo nada, não se julgava mais operario; mesmo os de seu officio não o procuravam e se sentia mal no meio delles. Passava os dias nas casas do Congresso; conhecia-lhes o regimento, os empregados; sabia dos boatos politicos e das chicanas eleitoraes. Enthusiasmava-se nas scisões por officio e necessidade. Era este o Lucrecio que, ao entrar, fez com toda a jovialidade:

— Bons dias.

Todos responderam e elle esperou que lhe perguntassem a que vinha

Esperou com muito acanhamento e respeito. Respondeu:

— O doutor Neves manda dizer a V. Ex. que não deixe de ir logo á tarde ao Senado.

— A que horas?

— Ahi pelas tres horas.

D. Edgarda voltou-se para Lucrecio e indagou naturalmente:

— Você sabe de alguma cousa?

— Eu, minha senhora, não sei bem, mas ouvi rosnar.

— O que?

— Não sei... mas parece... eu não sei... A questão é do novo presidente... O Dr. Bastos...

— Elle sabe?

— Homem, minha senhora; elle é macaco fino...

— Quem é o novo? Não é o Xisto?

— Não sei, mas si ha «encrenca» é porque não é o do gosto do «velho».

Numa poz fim á conversa mandando que elle fosse almoçar. Lucrecio conhecia a casa e os criados, com os quaes era familiar. Almoçou na cópa com todo o desembaraço, como fazia na casa deste e daquelle parlamentar. O copeiro perguntou-lhe:

— Que ha, Lucrecio?

— Olha; não digas nada. A força não quer o Xisto. Não digas nada. Querem pôr lá o ministro delles, o general Bentes... Não digas nada!

A saída do Barba de Bode não produziu o reactamento da conversa. Marido e mulher calaram-se. Pairou sobre elles uma atmosphera de apprehensões e presentimentos. As novidades do emissario, as suas meias palavras, o vago de suas informações, a imprecisão dellas escondiam algo de tenebroso para as suas ambições. Viam na estrada obstaculos, viam-n'a interrompida bruscamente, violentamente. Sentiam a proximidade do imprevisito e esse sentimento se engolfava avolumava-se, crescia nelles, perturbava-lhes as sensações e as idéas, misturava umas com as outras, baralhava as lembranças; a consciencia fugia de regulal-as, de encateal-as; a personalidade perdia os pontos de referencia. Era a catastrophe proxima, a catastrophe jamais esperada.

O dia ainda continuava lindo, fresco e tranquillo; o chá foi servido quasi em silencio; a velha Romana olhava um e outro e não tinha nada a dizer. As breves palavras do serviçal e as que lhe eram dirigidas morriam no silencio como si não fossem pronunciadas. O proprio copeiro servia sem desembaraço; parecia novo no officio, constangido. O ruido das chicaras era logo abatado. De quando em quando, o marido olhava a mulher, e esta aquelle; e aos dous, com um olhar perscrutador, cheio de esforço de adivinhar, a velha D. Romana, tia-avó de D. Edgarda.

la assim o almoço já ao fim, quando a cadellinha appareceu na sala. Correu para

junto da dona; com accentuados trejeitos de contentamento; iestejou-a e a moça afagou-a, dizendo:

— Olha a minha pobre Lili.

Apanhou-a ao collo, abraçou-a, dizendo:

— Coitadinha! Coitadinha della! Onde estiveste, meu bem?

Levantaram-se da mesa e D. Edgarda pôde dizer:

— Não deixes de ir ver papae. Essas cousas não se adiam.

Elja continuou a afagar a cachorrinha; Numa accendeu o charuto que teimava em apagar-se e respondeu com firmeza:

— Não deixo, não deixo!... Sei bem, muito bem, que é preciso ouvil-o.

As mulheres afastaram-se, enquanto Numa, sentado á cadeira de balanço, fumava, vendo desfazer-se a mesa do almoço. Essas reviravoltas, essas contra-marchas na politica, elle ainda não sabia adivinhar. A's vezes estava na votação de um projecto; outras vezes, na noticia de um jornal; outras vezes em um boato, de fórma que não sabia si á sua inexperiencia ou a outra qualquer cousa devia attribuir essa falta de acuidade para descobri-las.

Ainda hontem saira da Camara e nada vira, nada notara de extraordinario, a não ser um tenente do seu Estado a conversar á parte com um deputado veterano. Virados, lembrava-se de que quasi sempre contabulavam; mas agora é que notava os reiterados encontros de ambos e o cuidado que tinham em falar baixo, quando se acercava delles. Haveria uma revolução? Mas não podia haver! Deviam estar satisfeitos os militares. A recommendação era dar-lhes tudo. Não tinham? O montepio das filhas que deviam perder ao casar, não ficava com ellas depois do matrimonio? Queriam mais postos? A reforma não se fizera? As suas viúvas não viviam em casas do Estado sem pagar aluguel? Os seus filhos não tinham um luxuoso collegio de graça? Mas seria mesmo revolução?... Quem seria vencedor, si houvesse uma? Era preciso adivinhar. Mas como adivinhar, meu Deus? Quem estava garantido em um paiz desses? Quem? O imperador, um homem bom, honesto, sabio, sem saber porque, não foi de uma hora para outra tocado daqui pelos batalhões? Quem podia contar com o dia de amanhã? Elle, Numa? Julgara isto até ali, mas via bem que não. Só havia um alvitre: ir para fóra e esperar que as cousas se decidissem, adherindo, então, ao vencedor. Seria bom.

A sua vontade era esta, mas... o seu sogro havia de indicar-lhe o caminho. Tinha experiencia dessas cousas.

O copeiro acabava de tirar a toalha e sacudiu peia janella lateral as migalhas que tinham ficado nella. Numa reparou a operação sem nenhum pensamento, esquecido um instante de suas apprehensões. A idéa de revolução voltou-lhe novamente e dirigiu as suas idéas para o governo. Que fazia

elle? Não sabia? Então o governo não tem tanta força que o paiz paga para mantel-o — como não tinha tomado providencias? Para que servia a Policia, os Bombeiros? Que poder!!! E a Constituição? Lembrou-se Numa que era tambem poder, poder legislativo; e a revolução podia attingil-o. A mulher appareceu:

— Pensei que você já tivesse ido.

— Não. Que é que ha?

— Eu sei lá!

— Deve haver alguma cousa, porque...

— O melhor é você fingir que não sabe nada.

— E' o que vou fazer.

— Outra cousa, Numa: você vê si os meus livros já vieram.

O deputado, com essas commissões da mulher, ganhara uma certa pratica dos livros e matara um pouco em si a aversão que sempre sentira por elles. Só julgava perdoaveis, aquelles que lhe serviam á carreira, os outros julgava que deviam ser queimados.

Passava frequentemente pelas livrarias, comprava um e outro, dava-os á mulher que sempre tivera habito de ler. E ella lia poetas, lia os romances, e foi alargando o campo de leitura. Deste e daquelle modo foi completando a sua instrucção, adquirindo essa segunda que as mulheres, no dizer de Balzac, só adquirem com um homem. Apanhara bem a relação que ha entre a vida que não vivera, e o livro que lia; entre a realidade e a expressão.

Numa tinha o cuidado de não dizer aos indiscretos que os livros eram para mulher; e gostava daquelles encargos, mirando ás vezes as estantes da esposa, com intimo orgulho.

O marido fóra attender uma visita; ella abriu o livro que trazia marcado e seguro em uma das mãos e poz-se a lê-o sentada á mesa de jantar.

Numa que estava completamente preparado para sair, não se demorou em ir á sala. Nella, encontrou uma elegante senhora de quarenta annos, luxuosamente de luto, irreprehensivelmente espartilhada, muito alva, com uns lindos olhos negros que mais se encheram de brilho e seducção quando disse:

— O doutor ha de desculpar-me tel-o incommodado agora, mas...

— Não, minha senhora. Prefiro mesmo ser procurado a esta hora, porque, á tarde, ou mesmo á noite, estou quasi sempre occupado com estudos, lavrando pareceres... Faça o favor de sentar-se... Os deputados trabalham muito, minha senhora.

Os dous sentaram-se, e a dama tomou uma posição natural e irreprehensivel, como si posasse para o retrato.

— Sei bem, doutor. Sei perfeitamente. Meu marido já me dizia isso.

— Seu marido foi deputado, minha senhora?

— Não, doutor. Sou viuva do Dr. Lopo Xavier.

— Oh! Conheci muito...

— Deu-se com elle?

— Não. De nome. Era um bello talento... Queira aceitar os meus pezames.

— Obrigada, doutor.

Calou-se um instante; com o dorso da mão esquerda, assentou melhor a blusa na cintura delgada e continuou a viuva mais melodiosa:

— O doutor sabe que elle não deixou nada. Morreu pobre. Só deixou a casa em que moramos, o montepio, muito pequeno, e quasi nada mais... Não nos é possível viver com isso, tudo está tão caro, doutor, que requeri ao Congresso uma pensão.

Pronunciou as ultimas palavras doçando as syllabas com uma leve inflexão de sofrimento.

Numa perguntou:

— Muitos filhos, minha senhora?

— Um, uma filha.

— Julguei que fossem mais. Os jornaes, si não me engano, disseram...

— São do primeiro casamento. Estão maiores, os filhos; e a filha, casada.

A senhora alongou o busto e explicou immediatamente:

— Não é justo, doutor, que o governo deixe na miséria a viuva e a filha de um homem que tanto trabalhou pela patria. Foi propagandista da Republica, bateu-se pela abolição...

— Sei bem disso, mas esse negocio de pensão... esse negocio de pensão... A senhora fá falou com o senador Bastos?

— Já. Elle me disse que dava o voto delle.

— Vou ver.

— Dão-se tantas. Não deram á viuva de um calafate que morreu num incendio de um navio de guerra? Meu marido foi um juiz integro...

— Não ha duvida, minha senhora; mas houve grande difficuldade em dar-se á viuva daquelle general...

— Ah! doutor! O montepio é muito grande; não é como o nosso, viovas de civis.

Numa passou o olhar pela sala e demorou-se um instante olhando o retrato do avô de sua mulher. Notou-lhe a expressão de energia, a agudeza do olhar e considerou depois a espessa moldura dourada. O legislador ia falar, mas a viuva tomou-lhe a palavra:

— E' de toda a justiça, doutor, o que peço.

— Não ha duvida, minha senhora! Não ha duvida! Conte commigo, minha senhora.

A viuva levantou-se e, estendendo a mão irreprehensivelmente enlucada, despediu-se:

— Obrigada, doutor. Obrigada. E, sem querer incommodal-o mais, desde já lhe agradeço muito o favor que me vae prestar.

Encaminhou-se para a porta e a marcha fez que ondas de essencias caras envolvessem o doutor carinhosamente.

Ao pisar no patamar da escada, arrepanhou gentilmente as sedas da saia, voltou-se e cumprimentou sorrindo o deputado, que a levava até á porta de entrada.

Edgarda tinha continuado, na sala de jantar, a leitura do seu querido Anatole France. Relia o volume e se detivera na phrase em que um velho academico, depois de cochilar um tanto, affirma: «Rassurez-vous, madame; une cométe ne viendra pas de si tôt heurter la terre. De telles rencontres sont extrêmement peu probables.»

Lembrou-se bem do fim do almoço e ficou segura de que o fim do mundo estava indefinidamente adiado.

Tendo-se despedido da viuva, Numa voltou á sala de jantar, já com o chapéo na mão, para sair. A mulher perguntou:

— Quem era essa senhora?

— E' a viuva do Lopo Xavier.

— Que queria ella?

— O meu voto para que lhe fosse concedida uma pensão que requereu.

— Prometteste?

— Prometti.

— E o Bastos?

— Não se incomoda.

— Tu a conheces?

— Não.

— Pois saibas tu de uma cousa: ella é rica, não muito, mas tem com o que viver.

— Quem te disse?

— Todos sabem. O pae deixou-lhe dinheiro e o marido alguma cousa. O que ella quer é luxar... Não precisa... O que tem dá e sobra.

Os dous calaram-se e Numa ficou um instante parado, hesitando em despedir-se de sua mulher. Não achava nenhuma gravação na promessa. Que podia ser? Trezentos ou quatrocentos mil réis por mez. Adeantou-se para beijar a mulher, quando esta lhe perguntou de repente:

— Numa, vocês já votaram a pensão para a viuva daquelle bombeiro que morreu num incendio da Saude?

— Que bombeiro?

— Homem, não sabes? O presidente pediu até em mensagem especial... Não te lembras?

— Ahn! E' verdade!

— Então?

— Ainda não. A commissão ainda não deu parecer.

Beijaram-se e Numa saiu para a sessão da Camara dos Deputados.

## CAPITULO III

O general Manoel Forfaible almoçava cedo e logo procurava a séde de sua commissão. Presidia a commissão de inventario do material bellico inutilisado e avaliava do proveito provavel de algumas peças pelas listas que os saígentos lhe enviavam. Era uma commissão técnica e os outros seus auxiliares tinham tambem conhecimentos solidos de sciencia e artes militares que applicavam nas listas, a exemplo do cnete.

Sua joven mulher empregava o ocio matrimonial fazendo visitas, correndo casas de modas, assistindo a sessões cinematographicas. Havia entre ambos uma effusiva sympathia. Não eram bem marido e mulher; eram pae e filha. Mais do que a differença da idade, cerca do dobro, entre os dous, determinava esse aspecto de suas relações a differença de temperamento. O general era bonachão, simplorio, lento de espirito, já um tanto desmilitarizado; a mulher, porém, era viva, convencida dos bordados do marido e das prerogativas que os dourados lhe davam.

Ella o via a cavallo passando revista ás tropas, garboso, erecto na sella, com um olhar de batalha; elle se via sempre em chinellas, lendo os jornaes na varanda de casa.

Desde muito que D. Anna Forfaible não visitava a sua amiga Mariquinhas. Era terça-feira, dia morto para a rua do Ouvidor; os cinemas não tinham mudado de programma; ella vestiu-se e resolveu-se a ir ver a amiga. Certamente, estava em casa, pensou ella; Mariquinhas é caseira, tem filhos; de mais, o marido ainda é tenente e não póde andar em passeios. Não tinha muito que esperar para melhorar, pois as cousas iam mudar. Mme. Forfaible desejava ardentemente a prosperidade do marido de sua amiga. Elle era engenheiro militar, tinha um bom curso, sabia bem mathematica, não podia estar a lidar com soldados, a fazer serviço de quartel. O seu logar era occupar uma boa commissão dessas que os paizanos têm, esses paizanos que não sabem nada...

Muito bem vestida, enluvada, fechou o rosto na sua importancia, radiou a patente de seu marido e seguiu para a casa da amiga. Chegou.

— Não sabes, disse ella suspendendo a «voilette», como tenho andado azafamada... Não te tenho podido visitar... Tambem tu não vaes lá em casa?

— Não tenho podido, Annita; o Descartes anda só doente e...

— Não ficou no collegio?

— Não. Aquelle idiota do commandante mandou-o para casa... Si fosse filho de um coronel...

— Isto tudo vae mudar, Mariquinhas. Tem paciencia...

— Qual paciencia, minha filha. Aquelle collegio té assim mesmo. Já nos exames

é o diabo. Perseguem o pequeno... Alvaro vae lá, fala, mas o que queres?

— São os paizanos?

— Qual, paizanos, minha filha! São os collegas mesmo do Alvaro...

— Vae melhor?

— Vae... Já está bom.

— E a Heloisa?

— Muito bem. Está no collegio. Não queres tomar café?

Foram para a saia de jantar. Sentando-se á mesa, Mme. Forfaible descansou a bolsa, tirou as luvas, juntou tudo — lenço, luvas e carteira — e pôz ao lado esquerdo. A dona da casa começou a collocar as chicanas; ia e vinha do guarda-louça, para a mesa, e foram conversando:

— Estou sem criada, Annita. Um inferno!

— As minhas tambem não param.

— Não ha teís...

— Esses paizanos, esses deputados não servem para nada.

— Não ha quem cuide disso. Ganham um dinheirão...

— Si fossem militares...

— Hão de acabar.

— Olha, queres saber de uma cousa: o Xisto não vae.

— Corre isso.

— Pois eu te digo que sim. Está tudo preparado... Bastos ainda não deu o sim, mas quem vae é o Bentes.

— Ouviste dizer isto?

— O Manoel não te disse nada?

— Nada. E o Alvaro?

— Alvaro não diz cousa com cousa, mas ouço as conversas delles... Quem vae é mesmo o Bastos... Quem fez a Republica, não foram elles? Então fizeram a Republica para os outros? Não achas?

— Certamente. Não nos tem adeantado nada. Os paizanos tomaram os logares, os bons, e nos deixaram os ossos. Uma ova!

— Vê tu o que ganha o Alvaro. E' soldo de um official, de um engenheiro? Qualquer civil ahí, que não sabe o que elle sabe, ganha contos de réis! Não tem logar nenhum!... E' um desaforo!

— Mas Bentes quer?

— Bentes quer, mas tem medo. Sabes bem que quem o faz querer não é elle, é o Gomes.

— Os militares sempre provam bem.

— E são honestos!

— O que era preciso, minha filha, era melhorar tambem o montepio.

— De tudo isso, elles vão tratar; e agora é que são ellas!

— Si o «velho» não quizer — como ha de ser?

— Contra a força não ha resistencia, Annita. Sabes bem disso.

O café foi servido e ambas deixaram um instante de conversar.

Mme. Forfaible perguntou:

— Quem será o ministro da Guerra?

— Não sei; mas Alvaro não pôde deixar de ser promovido. Agora é por antiguidade e merecimento. O Supremo já disse... Queres ver o Almanack?

— Não é preciso... Sei bem... Não vae ser ministro o Costa?

— Qual Costa! Costa está barrado.

— Não sabes nada?

— Nada.

— Si fosse o Manoel?

— Era bom... O Alvaro estava feito... Mas elle não quer logar no ministerio, quei civil.

— Isso arranja-se.

— Tudo vae ser militar

Acabaram de tomar café e Mme. Forfaible ainda pediu que D. Annita se interessasse junto a Neves Cogominho pela nomeação de um parente. Como fosse agora adequada. Mme. Forfaible dirigiu-se ao Senado. Não estava certa de obter, mas servia á amiga e podia ver o que havia. Não lhe foi difficil falar ao pae de Edgarda, que prometeu interessar-se; sobre politica porém, nada pôde adeantar. Observou as physionomias dos continuos, dos solicitantes, dos jornalistas e parlamentares; notou o tom das conversas aos cantos da janella, e pareceu-lhe que havia alguma coisa de anormal. Esses rumores, esses cochichos, ella os ouvia desde muito tempo; mas agora, depois das revelações da amiga, Annita já sabia de que se tratava. Era preciso aproveitar. O marido devia esforçar-se por ser ministro e viu na cousa uma promoção.

Não tinha tenção de vir, mas a sombra, as «vitrines», a agitação da rua do Ouvidor attrahiam-n'a como para um afago. Mergulhou nella sentindo a volupia de um banho morno. Já pisava de outra fórma, já olhava sem «morgue»; sentia-se bem no seu elemento. Não tardou encontrar conhecimentos. Parou um pouco a falar com o poeta Albuquerque, um poeta curioso, só poeta nas salas, só conferencista nas salas, teimoso em sel-o em toda a parte, mas que mesmo os que o conheciam nos salões, não admittiam que o fosse fóra delles. Mme. Forfaible gostava de falar com elle e gostava de seus versos, mas os comprehendia melhor quando os recitava nas casas de familia, entre moças e senhoras, de casaca ou «smoking», com o seu grande olhar negro quasi parado, sem fixar-se em nenhuma physionomia.

Albuquerque offereceu-lhe chá e foram tomar na saleta «chic».

— Tenho, minha senhora, uma nova produção. Creio que vae gostar muito della.

— Não a recite na rua, senhor Albuquerque. Podem pensar que eu sou tambem literata...

— Não havia mal disso. Guardarei, entretanto, para dizel-a ao servirmo-nos do «tea»; e entre um «gateau» e outro poderei contar-lhe, minha senhora, «a historia vernal dos meus amores».

— E' do soneto?

— E': minha senhora.

— Logo vi.

No caminho, encontraram Benevenuto, o primo de D. Edgarda, que os cumprimentou e continuou a caminhar. Albuquerque disse por ahí a D. Annita:

— Dizem que este moço tem talento... Elle faz versos, a senhora sabe?

— Sr. Albuquerque, penso que poeta aqui é o senhor.

— Não, minha senhora. Não! Perdeme... Ouço sempre dizer que elle tem muito talento e me informava simplesmente.

Benevenuto não fazia versos nem cousa alguma. A sua preocupação era mesmo não fazer nada. Não tinha isso como systema e até estimava que os outros fizessem. Era o seu modo de viver, modo seu, porque se julgava defeituoso de intelligencia para fazer qualquer cousa e inútil fazel-a desde que fosse defeituoso. Gastara uma parte da fortuna em prodigalidades e acções vulgares e ganhara a fama de extravagante. Moço, illustrado, ao par de tudo, rico ainda, podia bem viver fóra do Rio, mas dava-se mal fóra d'elle, sentia-se desarraigado, si não respirasse a atmospheria dos amigos, dos inimigos, dos conhecidos, das tolices e bobagens do paiz. Lia, cansava-se de ler, passava por toda a parte, bebia aqui e ali, ás vezes mesmo embebedava-se, ninguem lhe conhecia amores e as confetarias o tinham por literato. Não evitava conversas, tinha relações em toda a parte e, por signal, depois de passar por Mme. Forfaible e Albuquerque, encontrou o Ignacio Costa, com quem foi tomar café.

A estranha mania de Costa era a politica. Estava sempre ao par dos reconhecimentos, das manobras, das intrigas. Benevenuto, que não lia essas cousas, que passava os olhos distraidos pelas secções parlamentares dos jornaes, a não ser quando se tratava de Numa, estimava a sua palestra por lhe informar a respeito desse aspecto de nossa vida que elle não prezava, absolutamente.

— Acabo de saber que o general Bentes quer mesmo; o Bastos não se oppõe, pois acha a candidatura do Xisto insolita.

Elle falava quasi em segredo e o companheiro comprehendia por alto o que dizia.

— Já mandei a minha adhesão... O seu parente...

— Quem?

— O Salustiano.

— Não é meu parente. E' parente do Cogominho e da minha prima, de quem sou parente por parte de mãe.

— Não quer dizer nada... Vamos ter um governo forte, um governo como o do grande Frederico, que conciliou a liberdade e a dictadura, realisando espontaneamente o voto systemático de Hobbes.

Costa esquecia-se muito de quem fôra Frederico e de quem era o general Bentes; mas Benevenuto não lhe quiz lembrar.

— Costa, disse-lhe este, não te parece semelhante conciliação um tanto difficil?

— A dictadura não é isso que vocês pensam. É a dictadura republicana.

— Em que consiste a diferença?

— Em que consiste? Consiste em suprimir, em diminuir as attribuições desse Congresso, dessa Justiça que perturbam o regimen.

— Mas, Costa, você não quer conciliação da liberdade com o governo?

— É o que diz o Mestre, o maior pensador dos tempos modernos, que completou Condorcet por de Maistre.

— Sei; si você quer isso, deve querer Justiça e Congresso, porque assim se obtém a conciliação. Todo o pensamento em creal-os e fazel-os independentes não foi sinão com esse fim. Você lembre-se bem da historia da revolução...

— Nada! Nada! Isto tudo entorpece a acção do governo... Esses debates, essas chicanas...

— Mas, Costa, você quer é um sultanato, um khanato oriental e peor do que isso, porque nesses ha ainda uma lei: o Corão; e, no teu, não ha lei alguma. Como limitar a vontade do governo, como saber os nossos direitos e deveres? Com a «Politique» do Comte ou simplesmente: com o Lagarigue?

— Qual lei! Lei são as leis naturaes que são irrevogaveis.

— Nem tanto assim, meu caro, são tambem hypotheses possiveis...

— Como?

— São. Você deve conhecer a historia das sciencias. Ha o exemplo muito curioso da queda dos corpos que têm tido diversas leis pelos annos em fóra, desde Aristoteles, e outros muitos.

— Mas agora está certa?

— Quem affirma isso a você?

— Benevenuto, você é um metaphysico!

Ignacio Costa despediu-se e correu atraz de um amigo, a quem desenrolou o manifesto para o qual pedia assignaturas.

Benevenuto tinha vagas noticias dessa candidatura presidencial de Bentes, mas, como toda a gente, não a levou a serio. Ouvira num bonde que fóra levantada pela «A-Cimitarra», um jornaleco do interior, e não deu attenção ao caso. A agitação do Costa, o seu entusiasmo não lhe pareceram de bom agouro. Sabia que Costa passara pelo florianismo e essa concepção nacional de governo traz no bojo, no fim de contas, um grande desprezo pela vida humana. Numa, com quem estivera, parecia amedrontado; e fóra com insistencia que perguntara pelo Salustiano. Não dera o devido valor á insistencia; mas, com os dados que ia collhendo, parecia que esse Salustiano adherira ao candidato improvisado para subir e galgar posições politicas, talvez mesmo retirar Cogominho da chefia.

Ainda uma vez elle não comprehendia esse negocio de politica e ainda uma vez sentia bem que, ao contrario dos que abraçam uma qualquer profissão, os politicos

não pretendem nunca realizar o que a politica supõe, e isto logo ao começarem; Singular e honesta gente! Que se diria de um medico que não pretendesse curar os seus doentes?

A esmo poz-se a passear, a andar daqui para ali a ver as montras de joias, o vasio das physionomias naquella constante curiosidade aterrada que parecia dominar-as.

A satisfação que elle encontrou em Ignacio Costa não era o sentimento que elle via na massa da população. Os boletins dos jornaes eram avidamente lidos, embora insignificantes. Os transeuntes paravam, amontoavam-se á porta dos jornaes para ler a noticia de um simples fallecimento. A cidade estava apprehensiva e angustiana. É que ella conhecia essa especie de governos fortes, conhecia bem essas approximações de dictadura republicana. O florianismo deralhe a visão perfeita do que eram. Um esphacelamento da autoridade, um pululamento de tyrannos; e, no fim, um tyranno em chefe que não podia nada. A liberdade conciliada com a dictadura! Quem regulava essa conciliação, quem determinava os limites de uma e de outra? Ninguem, ou antes: a vontade do tyranno, si fosse um, ou de dous mil tyrannos, como era de esperar. Os moços, os que tinham visto os acontecimentos de '93, quando meninos, no instante da vida em que se gravam bem as dolorosas impressões, anteviam as execuções, os fuzilamentos, os encarceramentos, os homicidios legais e se horrorizavam.

Benevenuto era desses, desses que aos doze annos, viram as maravilhas do Marechal de Ferro, o regimen da irresponsabilidade; e não podia esquecer pequenos episodios caracteristicos do espirito de sua governança, todos elles brutaes, todos elles intolerantes, além do acompanhamento de gritaria dos energumenos dos cafés.

Não suppunha que a resurreição fosse adeante, como prophetisava Costa. Elle sabia bem que a principal funcção do governo é desagradar, e todos nós sempre estamos a pedir um rei; mas desta vez parecia que as rãs queriam o que estava e contentavam-se com o seu tóco de pão mau-so, fraco e inerte.

Continuou a caminhar, fatigou-se, não quiz entrar em café conhecido. Procurou um fóra da Avenida e da rua do Ouvidor. Comprou um jornal da tarde onde nada leu de novo. Era de maravilhar isso, pois corriam tantos boatos, tantas versões, havia tanta anciedade, como as folhas não se apressavam em dizer alguma cousa? Calavam-se; calavam-se como si tivessem medo de despertar o monstro que dormitava.

O café não ficava longe, mas não era visitado pelos «habitués» da Avenida. Occupava uma velha casa baixa, cujo andar terreo, tendo as paredes violadas em portas, aqui e ali, dava a entender que supportavam com estorço o pavimento superior. Não nascera para aquelle destino e as columnas

de ferro mal lhe dissimulavam a fadiga. Benevenuto sentou-se e emendou a leitura do jornal que vinha começada. Em uma mesa proxima, um grupo conversava. O recém-chegado não os examinou bem, mas ouviu-lhes a conversa.

— E' melhor ser assim... Isto de estar com negaças, não vale... Quem quer, quer mesmo!!!

— A historia era o Bastos.

— Ora, Bastos! Bastos é tutu'? Todo o mundo tem medo de Bastos.

— Elle é mesmo homem...

— Ora! Enquanto mulher parir, não ha homem valente. Elle tem mesmo que engulir a espada.

— E' dos nossos.

— Não podia deixar de ser assim... Este chefe não póde continuar... Não dá emprego á gente e não quer jogo... A gente tem que viver de que?

— Si o general vier...

— Si vier!? Vem mesmo!

— E' um modo de falar... Tudo muda. Vocês não viram o Floriano? Estava tudo barato. Agora?

— Quai! Paizano não dá p'ra cousa.

Benevenuto ouvia a conversa, mas não se atrevia a examinar os visinhos. Descansou da leitura, poz-se a tomar café; e, por acaso, demorou o olhar sobre o grupo. Reconheceu nelle Lucrecio Barba de Bode e foi reconhecido.

— Doutor, cómo está?

— Como está, Lucrecio?

Eram tres e todos tinham um aspecto desembaraçado e descansado, de quem está habituado a encarar a vida por qualquer ponto de vista. Conheciam todas as misérias e todos os constrangimentos. Pareciam tranquilos, seguros de si e esperançados. A conversa entre elles continuou:

— Era mesmo preciso mudar... As necessidades augmentam cada vez mais... Você não viu, Lucrecio, o suicidio daquella moça?

— Foi cousa de amor... Ora, bolas!

— E', mas pelos domingos se tiram os dias santos.

— Não ha duvida! — disse o terceiro — um preto que mascava um charuto. — Não ha duvida! O «velho» queria tomar conta de tudo, não deixava ninguem agir...

— Elle mesmo é que deu azo a tudo isso.

— P'ra acabar! Vocês sabem de uma cousa: si nós não ganharmos, perder é que não perdemos... Vamo-nos embora!

Lucrecio cumprimentou Benevenuto e seguiu com os companheiros em direitura ao largo de São Francisco. Anoi-tecia e o largo tinha um maior movimento. Os sinos da igreja soavam Angelus; soavam quasi sem ser ouvidos pelos transeuntes apressados, correndo atraz deste ou daquelle bonde. A igreja, porém, continuava immovel, a annunciar, como o fazia ha seculos, as Ave-Maria. Barba de Bode lembrou-se de ir para a casa, jantar e voltar. Uma força estranha o prendia no centro da cidade. Não

se cançava de andar deste para aquelle ponto, de subir e descer as escadas da Camara e dos escriptorios, de estar de pé horas e horas; fatigava-se da monotonia do interior, do socego da sua rua pobre, sem bonde, sem transito algum, povoada á tarde pelos brincos das creanças da visinhança.

Não foi; ficou ainda; a noite foi fechando e pelas nesgas abertas pelas ruas no horizonte, elle viu, sem demorar-se vendo, um pouco do crepusculo rosado.

Quando de todo veio a noite, o largo tomou outro aspecto. Eram só mulheres, moças, ás duas, ás tres, ás quatro. Eram modistas, eram as costureiras. Quasi todas, traindo o officio, no apuro do vestuario, fazendas pobres, mas bem talhadas e provadas; e todas ellas garrulas, louças, contentes, como si não tivessem trabalhado doze horas e não trabalhassem. As retardatarias passaram e o largo ficou um instante vazio. Não vinham mais homens aos magotes, nem moças aos bandos; nem dos bondes desembarcavam revas de passageiros. Havia passeantes solitarios, homens e mulheres. Paravam nas «vitrines», demoravam-se no ponto dos bondes, sempre marchando vagarosamente como si esperassem alguém. Por vezes um delles se encontrava com uma dellas, trocavam breves palavras e o caminho de casa era encontrado. A igreja se escondia na sombra, e a Escola Polytechnica, muito alta, parecia dormir philosophicamente.

Lucrecio olhou o relógio e despediu-se dos companheiros. Não gostava daquella hora ali no largo, preferia-a na Avenida, onde sempre encontrava um conhecido ou outro que lhe offerencia de beber. De resto, precisava saber o «bicho» que dera no jogo nocturno; e não convinha, si tivesse ganho, que os outros soubessem. Passou em uma casa de «book-maker» e verificou. Tinha ganho no grupo. Eram vinte mil réis. Poderia levar alguma cousa para casa. De que servia? Tinha tanta divida... O melhor era aproveitar a «sorte», a «maré». Jantaria primeiro e depois arriscaria o restante. Tomou uma «abrideira», um calice de cachaça, e procurou um hotel onde jantou vagarosamente, e com appetite. Acabado o jantar, adquiriu um charuto, deu umas voltas e, dentro em pouco, arriscava as sobras no jogo. Houve alternativas de ganho e de perda. Por fim ganhou, e, á uma hora, estava em casa.

Lucrecio morava na Cidade Nova, naquella triste parte da cidade, de longas ruas rectas, com uma edificação muito egual de velhas casas de rotula, porta e janella, antigo charco, aterrado com detritos e sedimentos dos morros que a comprimem, bairro quasi no coração da cidade, curioso por mais de um aspecto.

Muito baixo e comprimido entre as vertentes e contra-fortes de Santa Thereza e a cinta de collinas graníticas—Providencia, Pinto, Nheco — ainda hoje as chuvas copiosas do estio teimam em encontrar deposito naquella bacia, transformam-se em rega-

tos barrentos, saltam dos leitos das rias, invadem, por vezes, as casas: os moveis boiam e saem pelas janellas ainda boiando, para se perderem no mar ou irem ao acaso encontrar outros donos.

Irregular como é o Rio, não se pôde dizer que fique bem ao centro da cidade; é, porém, ponto obrigado de passagem para a Tijuca e adjacencias, São Christovão e suburbios.

O velho «aterrado» que conheceu atribulações de fidalgos em caminho do beija-mão de D. João VI, é hoje o Mangue, com asphalto e meios-fios; mas, de quando em quando, marcosamente o canal enche desde que o céu queira' para lembrar as suas origens aos que passam por ellas nos bondes e automoveis.

A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; não lhe deram tempo para que as aguas trouxessem das alturas a quantidade necessaria de sedimento; mas ficou sendo o deposito dos detrictos da cidade nascente, das raças que nos vão povoando e foram trazidas para estas plagas pelos negreiros, pelos navios de immigrantes, á força e á vontade. A miseria uniu-as ou acamou-as ali; e ellas lá afloram com evidencia. Ella desfez muito sonho que partiu da Italia e Portugal em busca da riqueza; e, por contrapeso, muita fortuna se fez ali, para continuar a alimentar e excitar esses sonhos.

Para os imitadores, nas «revistas» de anno e nos jornaes, de velhos e obsoletos folhetins, a população da Cidade Nova; é quasi inteiramente de côr, no que se enganam e em tudo o mais que se segue.

A Cidade Nova de França Junior já morreu, como já tinha morrido a do «Sargento de Milicias» quando França escreveu.

As mesmas razões que levaram a população de côr, livre; a procural-a, ha sessenta annos, levou tambem a população branca necessitada, de immigrantes e seus descendentes, a ir habital-a tambem.

Em geral, era e ainda é, a população de côr, composta de gente de fracos meios economicos, que vive de pequenos empregos; tem, portanto, que procurar habitação barata, nas proximidades do lugar onde trabalha e veiu dahi a sua procura pelas cercanias do aterrado; desde, porém, que a ella se vieram juntar os immigrantes italianos ou de outras procedencias, vivendo de pequenos officios, pelas mesmas razões elles a procuraram.

Já se vê, pois, que, ao lado da população de côr, naturalmente numerosa, ha uma grande e forte população branca, especialmente de italianos e descendentes. Não é raro ver-se naquellas ruas, valentes napolitanas a sopesar na cabeça fardos de costuras que levaram a manufacturar em casa; e a marcha esforçada faz os seus grandes argolões de ouro balançarem nas orelhas, tão intensamente, que se chega a esperar que choçalhem. Por toda a parte ha remendões; e, de manhã, muito antes que o sol se

levante, daquellas mediocres casas, daquellas tristes estalagens, saem os vendedores de jornaes, com suas corrêas e bolsas a tiracóllo que são o seu distinctivo, saindo tambem peixeiros e vendedores de hortaliças com os cestos vasios.

A nacional, branca ou não; é composta de typographos, de impressores, de continuos e serventes de repartições, de pequenos empregados publicos ou de casas particulares, que lá moram por encontrar habitação barata e evitar a despesa de conducção.

Basta examinar um pouco para se verificar a verdade disso e é de admirar que os observadores profissionaes não tenham atinado com facto tão evidente.

E' de ver aquellas ruas pobres, com aquellas linhas de rotulas discretas em casas tão frageis, dando a impressão de que vão desmoronar-se, mas, de tal modo, umas se apoiam nas outras, que duram annos, e constituem um bom emprego de capital.

Porque não são tão baratos assim aquelles casebres e a pontualidade no pagamento é regra geral. Al não ser aos domingos, a Cidade Nova é surumbatica e scismadora, entre as suas montanhas e com a sua mediocridade burgueza. O namoro, como em toda a parte, impera; é feito, porém, com tantas precauções, é cercado de tanto mysterio, que fica tendo o amor, além da sua tristeza inevitavel, uma caligem de crime; de cousa defendida.

Por parte dos paes, dada a sua condição, ha o temor de seducção, da deshonra e a vigilancia se opera com redobrado vigor sobre as filhas; e, para vencel-a, ha os processos avelhantados da linguagem das flores, dos meneios do leque e da hencella, e o geral aos bairros do «abarracamento».

Não é verdade, como fazem crer os panurgianos de «revistas» e folhetins «surrenés», que os seus bailes sejam cousas licenciosas. Ha nelles até exagero de vigilancia materna ou paterna, de preceitos, de regras costumeiras de grupo social inferior que realisa a criação ou a invenção de outro grupo. Mais do que nelles, nos grandes bailes luxuosos teria razão o arabe de Anatolie France.

Como em todas as partes, em todas as épocas, em todos os paizes, em todas as raças, embora se dê, ás vezes, o contrario, sendo mesmo condição vital á existencia e progresso das sociedades — os inferiores se apropriam e imitam os ademanos, a linguagem, o vestuario, as concepções de honra e familia dos superiores. Toda a invenção social é criação de um individuo ou grupo particular propagado por imitação a outros individuos e grupos; e, quem sabe disso não tem que se amofinar com os bailes da Cidade Nova, ou fazer acreditar que sejam batuques ou sambas, que lá os ha como em todos os bairros. E' excepção.

A Cidade Nova dança á franceza ou á americana e ao som do piano. Ha por lá até o celebre typo do pianista, tão amal-

diçoado, mas tão aproveitado que bem se induz que é occultamente querido por toda a cidade. E' um typo tbem característico, bem funcção do lugar, o que vem a demonstrar que o «cateretê» não á bem do que a Cidade Nova gosta.

O pianista é o heróe-poeta, é o demiurgo esthetico, é o resumo, a expressão dos anseios de belleza daquella parte do Rio de Janeiro. E' sempre bem vindo; é, ás vezes, mesmo disputado. As moças conhecem os seus hábitos, as suas roupas e pronunciam-lhe os alcunhas e nomes com uma entonação de quasi adoração amorosa. E' o «Xixi», o «Dudu», o «Bastinhos».

São mais apreciados os que tocam «de ouvido» e parece que elles põem nas «fiorituras», trinados e «mordentes», com que urdem as composições suas e dos outros, um pouco do imponderavel, do vago, do indistincto que ha naquellas almas.

Uma «schottisch» tocada por elles, rythmica o sonho daquellas cabeças, e põe no seu pensamento não sei que promessas de felicidade que todos se transfiguram quando o pianista a toca.

Alóra a modinha, tão amada por todos nós, são as valsas, as polkas, que saem dos dedos de seus pianistas a expressão de arte que a Cidade Nova ama e quer.

E' assim aquella parte da cidade, bem grande e scismadora, bem curiosa e esquecida, que fica entre aquelles morros e tem quasi ao centro o palmeiral do Mangue que cresce no lôdo e beija o céu.

«Barha de Bode» morava por uma rua daquellas em que os lagedos dos passeios fazem montanhas russas e o macadam da rua dá saudades do barro batido. Era a casa commum da Cidade Nova, uma pequena casa com a indefectivel rotula, janella, dous quartos, duas salas; onde moravam elle, a mulher, uma irmã e um filho menor, além de um hospede, um russo, o Dr. Bogoloff.

Não era das mais povoadas, pois outras havia em que se amontoavam no seu estreito ambito oito e dez pessoas.

A mobilia era a mais reduzida possivel. Na sala principal, havia duas ou tres cadeiras de madeira, com espaldar de grades, a sair de quando em quando do encaixe, ficando na mão do desageitado como um enorme pente; havia tambem uma commoda, com o oratorio em cima; onde se acotovellavam muitas imagens de santos e, cá do lado de fóra, queimava uma lamparina e seccavam em uma velha chicara ramos de arruda. Na sala de jantar havia uma larga mesa de pinho, um armario com alguma louça, um grande banco e chromos e foliinhas adornavam as paredes.

De manhã, quando Lurecio saiu do quarto; toda a familia já estava de pé. A irmã lavava ao tanque, no quintal; a mulher já varrera a casa e preparava o almoço e o filho fôra em busca do «O Talisman», famoso jornal de palpites do «bicho», em que toda a casa tinha fé. Não havia dia que o não comprassem e bem duas horas le-

vavam a decifral-o, a estudal-o, para afinal jogarem aquellas pobres mulheres um cruzado, si tanto.

O jornal do «bicho» é procurado e lido; é o mensageiro da abundancia, é a esperanza de salvar compromissos e poderosamente concorre para a realisação de casamentos e baptisados. A nossa triste humanidade sempre poz grandes esperanças no Acaso...

Si uma viuva tem que casar a filha e meios não lhe sobram, só um recurso ha: acertar no bicho, na dezena e centena, com auxilio do jornal bem informado. Os redactores desses jornaes vivem assediados de cartas, pedindo palpites nas dezenas e centenas; e, nessas cartas, os missivistas, em geral do sexo feminino, confessam as suas miserias e necessidades, mais intimas, segredos de coração.

O primeiro cuidado da mulher de Lurecio e da irmã era comprar o jornal e, muitas vezes, sem dinheiro para jogar, compravam-n'o por prazer e devoção.

A mulher de Lurecio, Angela, era mulata como elle, mas franzina, um pouco mais clara, feia, avelhantada precocemente e docemente triste; a irmã era forte, mas pesada de corpo, um rosto curto e nariz grosso e uns olhos empapuçados. Era casada, mas do marido não tinha noticias e perdera os filhos em pequena idade.

Lurecio, depois de banhar-se, pediu á mulher que lhe desse de almoçar; queria sair cedo.

— Já está prompto o que há, disse ella.

Elle acabou de vestir-se e sentou-se logo á mesa do almoço. O filho voltou com o jornal; e, um instante, Lurecio olhou para a creança com o olhar mais preocupado.

— A benção, papae?

— Deus te abençoe, meu filho.

O pae viu ainda os olhos luminosos da creança, carbuculando nas escleroticas muito brancas e pensou de si para si: que vae ser delle? Lembrou-se de dar-lhe dinheiro para os sapatos com que fosse á escola, mas estava atrasado na casa. A desordem de sua vida; antigamente.... Que vae ser delle? Bem, arranjaria um emprego; fal-o-ia estudar e havia de tomar caminho. Que vae ser delle? E logo lhe veiu o scepticismo desesperado dos imprevidentes, dos apaixonados e dos que erraram: ha de ser como os outros, como eu e muita gente. E' sua!

A mulher foi pondo os pratos na mesa e Lurecio se foi preparando para comer.

— Não fizeste arroz, Angela?

— Não. Para que?

— Quero arroz, fez com azedume Lurecio.

Havia entre os dous essa necessidade de rixa e parece que cada um d'elles queria por esse meio manifestar ao outro as desillusões que se trouxeram reciprocamente. As vezes, era o marido a provocal-a; em outras, a mulher, entretanto elles viviam unidos, trocando heroicas dedicações.

— Si você quer, disse-lhe a mulher, é magdar buscar.

— Por que você não mandou?

A irmã continuava a lavar no tanque e Lucio, o filho de Barba de Bode, assistia encolhido a um canto a discussão entre os paes. Tinha as mãos entre as pernas e olhava um e outro quasi ao mesmo tempo.

— Não mandei... Por que você não se levanta mais cedo e diz o que quer? Não adivinho!

A' vista da insistencia da mulher, Lucrecio fez-se calmo, pensou um pouco e disse ao filho:

— Lucio, vae lá á venda e diz ao «seu» Antunes que mande um kilo de arroz. Angela, ajuntou, dá o caderno.

O pequeno ficou enleiado e, embora se houvesse erguido, não moveu pé; a mulher fez que não ouvia. Barba de Bode insistiu com furia:

— Você não vae, rapaz? Não está ouvindo?

A mãe interveiu:

— Sente-se ahí!

— Como? fez o pae.

— Então você não sabe que o Antunes não nos fia mais?

— Por que?

— Ora, por que? Porque você não lhe paga e não estou para o pequeno estar ouvindo desaforos!

Lucrecio ergueu-se, com os olhos fóra das orbitas, rilhando os dentes e expectorou:

— Aquelle... Elle me paga!

E dirigiu-se para o corredor; a mulher ctorou:

— Que vae você fazer, Lucrecio? Você deve...

— Deixe-me! disse elle.

A mulher insistiu:

— Não vá lá... Você tem um filho, homem de Deus!

Desvencilhou-se da mulher; ella, porém, ainda o deteve na sala de visitas, quasi chorando:

— Não vá lá, Lucrecio! Não vá!

— Deixe-me! Deixe-me! Vocês não sabem o que é ser mulato! Ora, bolas!

Por ahí a porta do quarto que dava para a sala de visitas foi aberta e appareceu o hospede:

— Que é isso, Lucrecio?

— Não é nada, doutor. Não é nada!

Sentou-se á uma cadeira, pôz-se um instante com a cabeça inclinada segura entre as mãos que se apoiavam nos joelhos; e, ao fim de algum tempo, perguntou á mulher, que estava de pé em frente delle, braços cruzados:

— Quantos mezes devemos de casa?

— Tres.

Pedi a conta da venda, considerou bem e disse para o filho, tirando o dinheiro do bolso:

— Vá pagar a esse judeu, Lucio! Doutor, fez para o hospede logo em seguida, vamos almoçar.

O doutor Gregory Petrovich Bogoloff era russo e tinha vindo para o Brasil como imigrantes. Lucrecio conhecera-o na rua,

num botequim; bebera com elle e, sabedor de que não tinha pouso, cedera-lhe um dos dous quartos de sua casa. Nesse tempo, elle andava doente e tinha abandonado o nucleo colonial onde se estabelecera.

Com as melhores disposições para o trabalho honesto, emigrou, foi para uma colonia, derrubou o matto do lote que lhe deram, construiu uma palhoça; e, aos poucos, uma casa de madeira ao geito das «isbas» russas.

A colonia era occupada por familias russas e polacas e, enquanto os seus trabalhos de installação não se acabaram, Bogoloff não travou relações valiosas.

Ao fim de dous mezes o doutor de Kazan tinha as mãos em misero estado, si bem que o corpo tivesse ganho mais saúde e mais força. Aos administradores da colonia via pouco e evitava vel-os, porque eram arrogantes mas travou relações com o interprete, que muito o orientou na vida brasileira. Havia neste certos tics, certos gestos, que pareceu a Bogoloff ter o funcionario soffrido trabalhos forçados. Era russo e pouco disse dos seus antecedentes. Um dia disse ao compatriota:

— E's tolo, Bogoloff; devias ter-te feito tratar por doutor.

— De que serve isso?

— Aquí, muito! No Brasil, é um titulo que dá todos os direitos, toda a consideração... Si te fizesses chamar de doutor, terias um lote melhor, melhores ferramentas e sementes. Louro, doutor e estrangeiro, ias longe! Os philosophos do paiz se encarregavam disso.

— Ora bolas! Para que distincções, si me quero annullar? Si quero ser um simples cultivador?

— Cultivador! Isto é bom em outras terras que se prestam a culturas remuneradoras. As daqui são horrorosas e só dão bem aipim ou mandioca e batata doce. Dentro em breve estarás desanimado. Vaes ver!

Desprezando as amargas prophcias do interprete da colonia, poz-se o immigrante a trabalhar a terra com decisão. Plantou milho e fez uma horta em que semeou couves, nabos, repolhos.

De facto, veiu o milho rapidamente, mas as espigas, quando foram colhidas, estavam meio roidas pelas lagartas; a horta deu mais resultado; a rosca e o «piolho», porém, estragaram grande parte dos canteiros.

Tentou outras culturas, a do trigo, a da batata ingleza, mas não deram cousa que prestasse. Assim foi; e quer dizer que Bogoloff no «Eldorado», continuava a viver da mesma forma atrás que no inferno da Russia. Deitou-se com afinco á cultura da batata doce, do aipim, da abobora e mais não fez sinão pedir á terra esses productos quasi espontaneos e respeitados pelos insectos damninhos.

A colheita foi tal, que, pela primeira vez, teve lucro e satisfação. Começou a criar porcos que engordou com as batatas doces

e os aipins; e, embora não encontrasse mercados faceis para os suinos, ganhou algum dinheiro e viveu assim alguns annos, adquirindo aos poucos os habitos de cultivador do paiz. Não comia mais pão, mas brôa da farinha de milho ou aipim cozido; o assucar com que temperava o café, era o melaço de canna que obtinha em uma engenhoca tosca de sua propria construção. Desanimara de culturas mais importantes e a base de sua vida era a batata doce, o aipim, a canna e o porco.

A terra, a sua estrutura e composição, seu determinismo, enfim, tinha levado o doutor russo a esse resultado e só obedecendo a elle é que pudera tirar della alguma renda.

Quem sabe si a vida no Brasil só será possível facilmente, baseando-se no aipim e na batata doce? Quem sabe si por ter querido fugir a essa fatalidade da terra, é que o paiz tem vivido uma vida precaria de expedientes?

Durante muito tempo, a fortuna do Brasil veio do pão de tinturaria que lhe deu o nome, depois do assucar, depois do ouro e dos diamantes; alguns desses productos, por isso ou aquillo, aos poucos, foram perdendo o valor ou, quando não, deixaram de ser encontrados em abundancia remuneradora.

Mais tarde vieram o café e a borracha, productos ambos que, por concorrência, quanto ao primeiro, e tambem, quanto ao segundo, pelo adeantamento nas industrias

químicas, estão á mercê de desvalorização repentina. Viu bem isso tudo.

A vida economica do Brasil nunca se baseara em um producto indispensavel á vida ou ás industrias, no trigo, no boi, na lã ou no carvão. Vivia de expedientes...

Bogoloff fatigou-se de sua vida de colono, que nunca chegaria á fortuna, daquelle viver mediocre e monotono, fóra dos seus habitos adquiridos. Viu a cidade, quiz fugir ao sol inexoravel, á gleba em que estava. Liquidou os haveres e correu ao Rio de Janeiro. Foi professor aqua e ali, ganhando ninharias. Não encontrou apoio nem o procurou. Passava dias nos cafés, conheceu toda a especie de gente, caiu na miseria e foi soccorrido por Lucrecio, quando doente e sem vintem, em cuja casa estava ha dous mezes.

O almoço era parco e Barba de Bode tornara-se jovial. O russo não se deixara contaminar pela alegria do hospede e viu-lhe entrar o filho com um compassivo olhar agradecido.

— Doutor, tudo isso vae mudar. O «homem» vem...

— Quem?

— O Bentes.

Bogoloff não tinha nem fé nem estima pela politica e muito menos o costume de depositar nella os interesses de sua vida. Calou-se, mas Barba de Bode asseverou:

— Póde ficar certo que lhe arranjarei um emprego.

O russo olhou com um ingenuo espanto o rosto jovial do antigo carpinteiro.

#### CAPITULO IV

O bonde ia agora atravessando os Arcos. Sob a luz de um dia brumoso, encoberto, um dia pardo, a cidade se estendia irregular e triste. Bondes, carros, transeuntes passavam por debaixo da arcaria secular. Escaçoavam, marulhavam, rodomoinhavam, como as aguas de um rio. As casas eram vistas pelos fundos e os passageiros entravam um pouco na vida intima dos seus habitantes.

Viam-se criadas a lavar, homens em traje de banho, casaes que almoçavam — todas essas scenas familiares iam sendo desvendadas pelo electrico que rodava de vagar, quasi roçando as bordas do velho aqueducto do conde de Bobadella.

Foi um allivio quando penetrou pelo flanco da montanha de Santa Thereza, guinchando estrepitosamente, vencendo a rampa que o levava morro acima. A cidade se foi vendo melhor. Lá estavam as ruas centras, cobertas de mercancia; mais além a Cidade Nova; acolá a pedreira de São Diogo, chanfrada, esfolada e roida pela teimosa humanidade; a estrada de ferro, o Mangue...

As torres das egrejas subiam aos céos com os seus votos e desejos. Do zimbório da Candelaria, muito calmo na sua curva

suave, o lanternim olhava tudo aquillo com superioridade e curiosa indiferença.

O mar parecia coagulado ou feito de um liquido pesado e espelhante; os navios estavam como encrustados nelle e as ilhas pareciam borrões naquelle espelho fosco.

A vista caia sobre um vehiculo, um carro, por exemplo, dali, poucos metros acima do solo, não se podia perceber si era um «coupé» de luxo ou um carro da Misericordia, si era uma traquitana de praça ou o «landau» do presidente.

Não se separavam bem as pessoas e as cousas; o que se via era aquelle ajuntamento, aquella agglomeração, que lá do alto parecia ser uma existencia, uma vida, feita de muitas vidas e muitas existencias. Não era o palacete ou o cortiço, não era o patrão ou o criado, não era o theatro ou o cemiterio, não era o capitalista ou o mendigo; era a cidade, a grande cidade, a somma de trabalho, de riqueza de miseria, de dores, de crimes de quasi quatro seculos contados.

O bonde chegou ao largo do Guimarães, e D. Edgarda se viu novamente mergulhada numa atmospheria urbana. Uma praça cercada de casas, «rails» a cruzarem-se, bodegas, armarios, um scenario de praça

de cidade pequena. O vehiculo continuou e agora lhe veiu pensar para onde marchava aquillo tudo, para que fim, para que destino, se encaminhava o resultado de tanto trabalho e de tanta intelligencia empregados na creação, na edificação daquella immensa colméa humana. Pensava, mas não viu nenhum; não quiz, porém, o seu espirito acreditar que tudo o que aquillo representava de intelligencia, todo o amor accumulado ali, todo o soffrimento que porejava naquellas paredes e se evolava da quellas felhados, não se destinavam a um remate, a um destino superior qualquer.

Comtudo, no instante, a sua meditação se resumiu em sentir a inanidade das nossas creações e teve a immensa visão do inutil dos nossos esforços para o bem e para o mal.

O bonde galgava a montanha relinchando longamente, traindo o esforço que fazia, e approximava-se da residencia do Dr. Macieira Galvão, governador eleito do Estado das Palmeiras. Dentro de dias, elle e familia embarcariam para lá e D. Edgarda vinha fazer a visita de despedidas, na expectativa de não poder ir ao embarque.

Macieira tinha nas Palmeiras a posição que seu pae tinha em Sepotuba e admirava-se que a sua finura consentisse naquella partida, em vespuras de grandes acontecimentos politicos. Bentes já declarara pelos jornaes que era candidato, deixando até o ministerio. Xisto, o outro ministro que era candidato official, resignara a candidatura; e, pelo que diziam, tratava de adherir a Bentes, como estava fazendo toda a gente, opposicionistas e governistas. Não julgava de bom alvitre Macieira abandonar o Centro e deixar que Bentes fosse cercado pelos seus adversarios. Não lhe diria nada. Que tinha com isso? Seu pae já devia ter tomado as precauções necessarias e era o bastante. Quanto ao marido, ella estava socegada, pois o seu pae saberia escorral-o. O terremoto não chegaria a abalo; e elle, até ali tão assustado, vivia tranquillo e sem medo algum. Ainda agora, pouco antes de sair, tivera occasião de verificar. Vestia-se quando ouviu que a chamavam:

— Edgarda! Edgarda!

Compoz-se um pouco, escondeu entre as rendas da camisa as suas firmes espaldas, e foi ver o marido no aposento proximo.

— Como é que se diz, Edgarda, E' talwég ou tálweg?

Disse-lhe e Numa continuou tranquillamente a estudar o discurso que devia pronunciar brevemente. A mulher ainda se demorou um pouco a ouvir-o, a apreciar o seu minucioso estudo da peça, que elle recitava, quasi toda de cór, com a sua voz, ás vezes aspera, mas volumosa, articulando nitidamente as palavras.

O bonde avisinhou-se mais; Edgarda saltou e desceu em pouco uma rua transversal que escorregava suavemente pelas abas do morro. Metros após descansava a sua longa mão enluvada no botão da campainha

que brijhava no portão de um amplo chalet risonho.

A casa toda era cercada pelo jardim e a varanda ao lado desaparecia sob um doceel de trepadeiras. A mulher de Numa ficou á espera um instante. Antes que o criado lhe viesse attender, uma outra pessoa, um rapaz, bem apessoado, bigodes encerados, surgiu á varanda a modos de quem ia sair.

— Por aqui, D. Edgarda?

Desceu a pequena escada e veiu abrir o portão que dava para a rua.

A visita pôde responder:

— E' verdade, venho despedir-me... D. Celeste não está, doutor Felicianinho?

O moço, sempre sorrindo, affirmou que estava e levou-a até o interior da casa. Ainda não era doutor, mas estava no fim do curso. Sabia-se mal a origem da grande protecção que gosava aquelle rapaz da familia de Macieira. Vindo do interior, a estudar no Rio qualquer cousa, ahi peio segundo anno de engenharia, começara a frequentar a casa e dentro de seis mezes nella se installara completamente. Recedia da familia tudo de que necessitava: roupa, livros, dinheiro e corria que isso obtivera devido á paixão que inspirara á velha D. Alice, mãe de Macieira Galvão, de quem se fizera amante.

Ao encontral-o no portão, Edgarda por-se por instantes a imaginar como aquelle moço de vinte e poucos annos, tão elegante quasi bonito, podia viver com uma velha de quasi setenta, uma ruina, inteiramente escorada pelos postiços e ingredientes.

Via-o já formado, collocado, casado, subindo, e comprehendeu então a natureza de seu amor e a razão de sua complacencia.

Não era a primeira vez que ali vinha; e, da sala em que estava, conhecia bem as alfaias e moveis. Tudo era caro, sinão de gosto; mas, da fórma que estavam arrumados, não tinham nada de intelligente ou artistico. Reçumava de tudo uma exhibição de riqueza, uma necessidade de provar fortuna, mas nunca um sentimento superior de luxo, de arte, de conforto ou gosto.

Não custou em vir ao encontro da amiga, D. Celeste. Entrou com aquella sua honancheirice roceira, risonha, contente e foi toda aberta em alegria que falou á amiga. Havia cerca de vinte annos que passava pelas altas camadas, que a comprimiam o codigo das varias cerimonias de sociedade, mas guardava intactas todas as qualidades e defeitos de sua educação de fazenda. De gostos elementares, sem comprehensão para as altas cousas, com fraca energia de sentidos, D. Celeste era virtuosa e casta; tinha, entretanto, as ridiculas arrogancias de nossa nobreza campestre — uma dureza e um certo desdem em tratar os inferiores, um sentimento de propriedade sobre elles e um sequito atrás de pequeninos preconceitos e superstições.

Apezar disso, era generosa e caridosa. Sendo assim, á primeira vista era sympathica; e quem a analysasse cuidadosamen-

te, achal-a-ia um pouco ridícula, mas sempre sympathica. Em a examinando bem, sentia-se perfeitamente tudo o que ella tinha de máo e estreito dentro de si. tudo o que o seu feitio de espirito representava de peso morto na nessa sociedade; por momentos, porém, havia profundas modificações no seu character e ella se manifestava em grandes actos de verdadeira grandeza que brotavam da sua exuberancia sentimental.

— Eu não esperava você hoje, minha querida Edgarda. Julguei que viesse nas vespas...

— Desde a semana passada que quiz vir, D. Celeste. Quando é o embarque?

— Minha filha, não sei bem... Esses negocios de politica andam tão atrapalhados... Macieira está com pouca vontade... Quer ver em que param as modas... Por mim, não tenho grande vontade.

— E' grande a capital?

— Qual! E' menor que Nictheroy.

— E' Nictheroy sem o Rio perto não é?

— O que? fez Celeste, sem comprehender. Quinze dias de viagem!... Não ha bondes, não ha agua...

— Compete ao doutor Galvão pôr isso tudo.

— Qual! Ha tempo para isso? A politica moropolisa tudo. E' um coronel que quer isso, é um deputado que quer aquillo... Ha as brigas. Demais, a renda é pequena, não dá...

— E é saudavel?

— Lá isso é; mas não é a cidade que me aborrece. E' aquella gente. Que gente! E fechou a physionomia cheia de despreso e desgosto.

— D. Celeste, que tem a senhora com elles?

— Que tenho? Invadem o palacio... Aqui, ao menos, a gente está isolada, não precisa estar a toda hora em contacto com elles; mas lá — não ha outro remedio!

D. Celeste, após uma pausa, reflectiu:

— Os deputados e governadores não deviam estar em dependencia tão estreita desse povinho — não acha você, Edgarda?

— Creio, mas... Dizem que elles devem ouvir todo o mundo, para bem representar a vontade do povo, por quem são eleitos.

— O povo! Eleitos! Nós é que sabemos como é isso, minha cara Edgarda; nós sabemos disso...

A mulher do senador Macieira riu-se sublinhando a phrase; a visita, porém, não a acompanhou inteiramente no seu scepticismo pelo nosso aparelho politico.

D. Alice, a mãe do senador, vinha entrando, erecta, alta, lembrando ainda o gesto senhorial e distincto, o donaire que devia ter em moça. As massagens não conseguiram disfarçar as rugas da velhice, mas as pinturas davam aos cabellos o vivo negror natural.

Contudo, havia nos olhos alguma coisa de moço; um certo calor, uns fortes re-

flexos luminosos que aqueciam a sua physionomia que nevava. Ainda era uma bella velha, cheia de naturalidade de gestos e encanto de maneiras:

Depois dos cumprimentos, D. Edgarda perguntou á velha D. Alice:

— Então, D. Alice, vae tambem?

— Não, não posso. As viagens fazem-me mal, não posso supportal-as... Demais, o Felicianinho vae formar-se e eu não quero... não quero ir.

A nora atalhou:

— Você não imagina, Edgarda, a ternura que mamãe tem pelo Felicianinho... E' Felicianinho para aqui, é Felicianinho para ali... Nem para Macieira, que é seu filho, nem para mim, nem para o Orestes, que é seu neto, ella tem os mimos que tem para Felicianinho.

— Ora! Vocês foram felizes; tiveram pae e mãe, e fortuna... Elle é orphão e pobre — não acha que faço bem, Edgarda? Neste mundo, a falta de amor, de carinho, faz mais mal do que a do dinheiro, não é?

— Não ha duvida que sim, mas, ás vezes, tambem estraga, adduziu Edgarda.

— Isso é quando se trata desse amor por ahi, fez a velha; mas o de mãe, nunca é demais!

Quando na rua, a mulher de Numa hesitou em se firmar na natureza do sentimento da velha D. Alice. A's vezes, parecia-lhe um simples amor de mulner; em outras, um grande amor de mãe; mas, afinal, concordou que havia as duas cousas juntas, misturadas de tal forma que não se podia saber qual dos dous sentimentos dominava.

O que mais a impressionou, não foi a certeza a que ella chegou de haver em D. Alice uma curiosa mistura ou combinação daquelles dous sentimentos tão diferentes; o que mais admirou foi a candura e a innocencia que a velha revelava falando daquelle geito dos seus sentimentos pelo rapaz.

Sentia-se desculpada, perdoada, não porque amasse como mulher, mas porque amava tambem o rapaz como mãe: seguia-lhe os estudos, soccorria-o de todo o geito, trazia-lhe sempre deante dos olhos o futuro e a gloria.

D. Edgarda já estava no bonde que parou um pouco adiante para dar entrada a um senhor alto que todos os passageiros cumprimentaram. O senador, Carlos Gerpes entrou no vehiculo com agilidade e desempeno. Olhou com aquelle seu fino olhar os circumstantes, olhar sempre para frente de quem beira precipicios. Não tardou em dar com D. Edgarda e veiu collocar-se num banco adiante, de modo que lhe pudesse falar.

— Já sei, disse elle, que o Numa hoje ou amanhã falará sobre o orçamento do Exterior... Deve fazel-o!... E' moço e convém apparecer... Hoje, a minha actividade está reduzida; mas, na idade d'elle, não perdia vasa... Foi ao Lyrico?

— Ainda não. Numa não tem podido ir... O senhor sabe...

— Deve ir. Que propriedade, que naturalidade! Os papeis de amorosas então ella os faz muito bem... O amor moderno... Não ha aquellas imprecações, aquelles éstos antigos... Oh! E' perfeito!

Quem o visse falar assim e mesmo na tribuna, não supporia que toda a sua educação e instrucção se fizeram nos comicios, clubs eleitoraes e assembléas politicas; e fôra nelles que aprendera desde as boas maneiras até finanças, desde noções de arithmetica até literatura—o bastante para ser uma notabilidade politica, com influencia e vencendo todos os obstaculos á manutenção da sua situação.

D. Edgarda explicou melhor porque não tinha ido ver a famosa actriz:

— Numa anda muito atrapalhado... Muito trabalho!... Conferencia com este e aquelle... As cousas andam tão turvas...

— Turvas! Qual turvas, minha senhora!

Sentou-se melhor no banco e continuou com toda a simplicidade:

— A senhora quer saber de uma cousa... Olhe, minha senhora, vou lhe contar uma historia, antiga, mas que tem muito ensinamento.

— Para a politica?

— Para tudo, minha senhora. Para tudo! Quer ouvi-la?

— Pois não, senador!

— Um negociante voltava de longe, onde fôra commerciar, e trazia no navio em que estava embarcado toda a sua fortuna. De repente, arma-se uma tempestade; e, deante da ameaça do naufragio, o negociante promete que, si salvar-se, mandará resar em todos os altares da primeira igreja que encontrar, missas em acção de graças aos santos respectivos, illuminando a igreja completamente. Feita a promessa a tempestade amainou e é salvo. Chegando em terra, cumpre a promessa. Vae assistir ás missas e repara que ha um canto da sacristia escuro, não tinha vela. Chama o sacristão e pergunta porque não accendera um cirio ali. O homem responde que ali era o logar do diabo. Accenda assim mesmo, ordena o negociante. Foi feita a cousa e elle continuou a sua viagem. No meio do caminho, foi roubado pelos salteadores que o deixaram, por muito favor, continuar a viagem. Desanimado e pobre, seguiu; em meio da jornada, porém, encontrou um cavalleiro que lhe perguntou o nome. Respondeu e o desconhecido, sabendo que havia sido roubado disse: não se incomode, venha commigo. Dahi ha pouco, estava senhor de sua fortuna. O desconhecido indagou: O senhor sabe quem sou eu? Não, retrucou o negociante. Sou o diabo, disse o outro; e desapareceu.

— Compreendeu?

— Pois não, senador, fez a moça entre um sorriso.

— Eu, minha senhora, não deixo nunca um canto sem véla; e creio que Cogominho faz o mesmo.

Gerpes não pôde continuar a expor pittorescamente a sua philosophia politica; outro procere da Republica veiu tomar o bonde ao lado do collega.

— Como vaes, Gerpes?

— Como vaes, Martinho? Não conheces D. Edgarda?

O novo passageiro poz o pince-nez e olhou a senhora com um frio olhar perscrutador, olhar de medico, de medico de consultorio frequentado, e respondeu:

— Não tenho a honra...

— D. Edgarda, esposa do deputado Numa.

— Ah! Bem!... Já sei que seu marido vae falar.

— E' verdade, disse a moça.

— Não convinha alongar o debate, observou Gerpes.

— E'... O Bastos quer mostrar que não são só os deputados do Estado d'elle que o defendem, mas o partido inteiro.

Abriu o «Diario Mercantil» e correu ligeiramente os olhos sobre a folha.

— Leste o artigo do Fuas Bandeira? perguntou Gespes.

— Li.

— Definiu-se.

— E' um aviso seguro.

Nada mais disse, encolheu-se, pondo-se a ler o jornal que desdobrara. Martinho era uma das culminancias da politica republicana. Não era só a sua fama de talento e a grande reputação de clinico que lhe davam um grande prestigio; concorria tambem para isso a estranheza de sua vida e dos seus gostos.

Alcandorado em um casacão, vivia sybaritadamente isolado, cercado de livros, de curiosidades e de sapos. Tinha uma collecção de batrachios de todas as regiões do Globo: sapos gigantes, sapos minusculos, sapos com chifres, sapos com cauda, até um immenso e desmedido sapo, remanescente de uma idade morta, adquirido por alto preço a um paleontologista americano.

Em materia de amor, era curioso. Não conquistava, não namorava, não «flirtava», não amava; comprava. Tal dama assim que desejasse, mandava dizer: dou tanto. A's vezes, era um encontro rapido, um cochicho; em outras, o capricho vinha e o caso se demorava mezes.

Tinha em si o enfado de Tiberio, mas sem ter a sua grandesa monstruosa. Faltavam-lhe o tempo e o sentimento artistico, para sellar os seus actos com uma exuberancia impudica. Moço, trabalhara muito; e feio, vivera sempre a parte das mulheres. Chegando á grandeza, á riqueza, vingava-se, tratando a metade da especie com mais desprezo que os sapos dos seus tanques.

Por vezes, sentia remorso do seu proceder e o arrependimento vinha todo carregado de ingenuas manifestações sentimentaes. Foi talvez em uma dessas crises que, quando ministro, o fez determinar que o busto da

Republica, mandado esculpir para o seu gabinete, tivesse a feição de uma das suas amantes mortas.

Gosava da fama de frio, de sceptico, de cruel, mas o que havia de exacto era um cansaço, um esgotamento do seu forte sentir por muito tempo sopitado e nunca bem encaminhado.

Edgarda considerou um pouco aquelles dous homens. Martinho lia com a cabeça baixa, pescoço enterrado, jornal quasi sobre os joelhos; Gerpes tinha o pescoço em pé e o pince-nez á altura dos olhos. Neste a audacia espontanea; naquelle, o calculo laborioso.

A esposa de Numa ainda olhava a cidade que a esperava lá em baixo. O bonde caminhava e agora era o esforço para detel-o na descida que o fazia guinchar nos trilhos.

O acaso que traçou a cidade, parece ter deixado aqui e ali pequenas ruas, travessas, beccos, proprios aos amores que não querem ser suspeitados.

Ao lado das ruas principaes, ficam o seu socego e discreção para asylar os amozos, evitando-lhes grandes rodeios e afastando as suspeitas de quem os vê por ellas.

Casas ha ainda mais favoraveis aos que amam fóra da lei; são as que têm duas e mais entradas para ruas differentes. Essas, porém, só são achadas nas ruas centraes, onde o temor de encontrar conhecidos não permite que os apaixonados prudentes as procurem.

Comtudo, os mais afoitos e menos cautelosos não as desprezam; e, das ruas centraes, escolhem aquellas mais compridas, as que se alongam até o Campo de Sant'Anna, em cujas proximidades, então, armam os seus ninhos carinhosos.

Essa especie de amozos são os medios, aquelles que dispõem de pequena fortuna ou razoaveis rendimentos; aquelles, porém, que têm maiores recursos, fogem dos caminhos batidos, procuram asylos mais seguros e confortaveis.

Escolhem essas travessas mortas em ruas de pouco movimento e á pouca distancia da cidade, onde, em um pulo, se possam encontrar, e de onde, em dez minutos, possam voltar á rua do Ouvidor.

Ha sempre uma velha ou um casal complacente, antigos famulos da casa, protegidos da senhora ou do amante, que simulam á vizinhança serem donos da casa e acolhem generosamente o amor clandestino.

A nossa população é bisbilhoteira; os nossos vizinhos estão sempre a saber o que fazemos e nós o que elles fazem, de modo que é preciso precauções de estrategista, planos de pelles-vermelhas para despistar a vigilancia gratuita dos curiosos e fazer calar as suspeitas de sua bisbilhotice 'idiota.

Quem visse D. Edgarda, após descer um pequeno trecho da ladeira de Santa Theresza, tomar um bonde do Rocio Pequeno, havia de julgar que ia apanhar conducção que a levasse ao Rio Comprido ou á Ti-

juca, para fazer alguma visita. O seu ar natural, a sua attitude de inteira tranquillidade davam a entender que continuava a cumprir os seus deveres sociaes de grande senhora; entretanto, antes que o vehiculo começasse a trepar a ladeira que existe quasi ao lim da velha azinhaga de Matta-Cavillos, ella saltou muito naturalmente, apanhou a calçada, dobrou esta e aquella rua e entrou com segurança em uma casa modesta, muito pobre de apparencia.

Nem preciso era que ella desconfiasse e tomasse precauções, porquanto a rua estava deserta e silenciosa, como sóe sempre estar a qualquer hora do dia e da noite. Accresce mais que a casa era conhecida e os seus habitantes sabiam perfeitamente que lá residiam uma velha rapariga e uma filha que viviam de costuras, além do filho que trabalhava como embarcadiço de um paquete.

A sala tinha uma pobre mobilia e sobravam utensilios de costura. Havia machinas, manequins, uma mesa para o córte, figurinos, e a mãe e a filha, uma na machina e outra, á tesoura, trabalhavam distraidas.

Ambas não tiveram a menor surpresa em ver Edgarda entrar, parecia que a esperavam e corresponderam com simplicidade ao cumprimento que lhes fez.

A moça costureira franziu um pouco a physionomia, mas a velha tornou-se logo alegre e foi falar familiarmente com a mulher do deputado. Conhecera-a menina criada-se na casa do avô, e, sempre, encontrara na moça uma amiga, uma protectora para os seus tristes dias de viuva pobre.

— Benevenuto já veio, Carola?

— Já, Edgarda. Está lá dentro.

— Você já acabou aquella saia?

— Cortei, mas não sabia si você a queria com pressa, mesmo.

A filha, que até ali se mantivera calada, acudiu:

— E' aquella «salmon», mamãe?

— E'.

— Póde ser provada. A senhora quer?

Não teve tempo de responder, pois a velha lhe perguntava:

— Edgarda, que barulho vae haver?

— Barulho?

— Negocio de politica. Não é, Livia?

— Corre ahi... Não sei...

— A candidatura do general?

— Sim; mas dizem que o «velho» deixa.

— Deixa? Quem disse isso a você?

— Benevenuto.

— Vou falar com elle. Com licença!

Edgarda atravessou o corredor e foi á sala de jantar. A casa era pequena, não tinha mais do que duas salas e dous quartos, dando um destes para a sala de jantar. Havia de permeio aos aposentos uma area que illuminava mal, tanto um como outro quarto. Mas, assim mesmo, a casa bastava para o destino que ella tinha merecido.

O primo já estava no interior, quando Edgarda lá entrou. Ao vel-a, elle se le-

vantou e um instante beijaram-se, sem dizer palavra.

Parentes proximos, conhecidos desde meninos, o amor só brotou nelles depois do casamento da prima. Nunca se haviam conhecido bem, nunca se tinham compreendido; e, nella, o matrimonio como que lhe deu um outro sentido, uma antenna que descobriu no primo o que lhe exigiram a imaginação e a intelligencia.

Casada, um pouco das suas idéas de menina e de moça evoluiu; si os desejos de notoriedade do marido, não se foram tambem, é porque nelles havia muito de seu amor proprio pessoal e o seu casamento fôra determinado por esse mesmo sentimento.

Si o marido não quiz em começo corresponder a esses desejos, era, entretanto, bastante plastico para ser modelado por elles; o primo, porém, com uma personalidade mais forte, em que sobravam tantas aptidões, não seria capaz de plasmal-os; e sempre mostrava pelos politicos uma indiferença sinão um desdem superior.

O ambiente familiar, as preocupações do pae, as suas conversas, o modo por que, aqui e ali, se referia a elle, fizeram que a menina Cogominho concordasse, partilhasse essa fórma de ver do pae e mesmo o tornasse incomprehensivel a seus olhos. Tudo isso afastou-a do primo; e do pae, elle sempre vivera afastado, mas sem odio nem rancor.

Referia-se o senador ao primo affirm com condescendencia de pae de filho prodigo. Bom rapaz, dizia elle; mas bohemio e extravagante.

Nada mais dizia a respeito do parente e parecia incommodar-se muito pouco com as opiniões e ditos que proferia ou citava. Nunca se indignava, nunca o censurava e, si uma phrase era mais atrevida, fechava e conversava com um — Ora! Você! — e emendava outro assumpto. Certa vez não foi com elle mesmo, mas com um dos seus deputados, que Benevenuto dissera:

— Essa politica é deshonesta.

— Deshonesto! Por que?

— Por que? Porque vocês se propõem a fazer a felicidade do paiz, cousa de que vocês estão convencidos que não fazem, nem tentam de modo algum fazer.

Essas e outras opiniões chocavam a moça, ameaçavam desmontar ou perturbar o seu systema de idéas; e Edgarda evitou um pouco o primo, sem odial-o, sem aborrecel-o, mas por temel-o um pouco.

De volta de Sepotuba, esquecida ou já não tão dominada pelas suas primeiras concepções, acolheu o primo com grande effusão, admirou-o, apagando de todo a ponta de diabolismo que encontrava nelle e amaram-se sem saber como, sem determinar o começo, ora parecendo amor antigo, ora um recente capricho.

El contravam-se ha quasi um anno naquela casa discreta, graças á complacencia de uma velha conhecida, quasi pessoa da fa-

milia de sua mãe, que lhe prestava aquelle serviço mais por dedicação do que por interesse de outra ordem.

Edgarda tirou o chapéo, foi se desabotoando com o auxilio do amante — tudo muito vagarosamente, com preguiça e sem nenhum ardor; Benevenuto disse-lhe:

— Sabes, Edgarda, que o «velho» vae resignar?

— Não.

— Pois vae, si não resignou já.

— Quem te disse?

— O Ignacio Costa... Elle anda sempre informado, vive nesses bastidores — elle e o teu primo Salustiano.

— Salustiano? Que tem elle com essas cousas?

Em corpete, collete descansado no toucador, ella sentara-se a uma cadeira, uma perna sobre a outra, e deixara um instante de desabotoar as botinas.

— Que tem?!

— Você é que não adivinhou. Tola, disse elle beijando-a: elle quer é deslocar teu pae.

— Como?

— E' muito simples. Quem dá prestigio a teu pae?

— O partido... Os eleitores...

— Que eleitores! E' o governo federal! Que faz Salustiano? Adhere a Bentes, desde já; blasona influencia; Bentes fica amigo delle, faz-se presidente e transfere o apoio para Salustiano. Admira de que não tenhas visto isto logo!

— Desconfiava, mas...

— Pensavas que Bentes tinha que contar com teu pae?

— Era isso.

— Tinha não na duvida; mas não tem. Teria si fosse um candidato normal, então trocariam favores; mas Bentes, de qualquer modo, sóbe por uma revolução. Dispensa eleição, Congresso, etc. E' o que diz o Ignacio Costa e é o que se está passando.

A visão daquella insolita queda do pae pareceu-lhe uma desfeita, um insulto; e comquanto elle pudesse prescindir dos proventos dos cargos, viu no facto uma humilhação á idade e á respeitabilidade do pae. Tirou uma das botinas e exclamou com raiva:

— E' um desaforo!

— Precisa manha meu amor. O que teu pae deve fazer e os outros tambem é fingirem grande dedicação a Bentes, fazel-o prisioneiro, simular admiração pelos seus talentos e convencil-o de que é normal a sua ascensão. Mas, para isso devem exagerar, exagerar tudo, o prestigio que têm.

— Como?

— Com telegrammas, retratos nos jornaes, artigos, manifestações... Queres saber de uma cousa?

— Que é?

— Desde já vocês devem tratar de organizar uma manifestação a teu pae.

— Como?  
— Fala ao Lucrecio, fala ao Ignacio Costa...

— Ignacio!  
— Sim. Elle quer é pôr o nome em evidencia... Fala a elles... Vamos tratar de outra cousa.

A moça já tinha desfeito a sua «toilette» quasi inteiramente e o seu collo nascia por entre as marulhosas ondas rendadas da camisa. A preocupação não a deixava.

— Deita-te!

— Mas...

— Não pensa mais nisto. O fim do mundo ainda não chegou...

Ella quiz afastar a obsessão, a teimosa anciedade; mas voltava-lhe á idéa o «tombó» na influencia paterna, enchia-se um momento de indignação sobretudo contra o tal Salustiano, um seu parente! Tomaria o lugar do pae? Como havia de olhal-o? Já não quizera ridicularisar o marido?

— Ah! E' verdade! lembrou-se ella.

— Que é, meu bem?

— Já fizeste aquillo?

— Ora! Não te esqueças...

— Não se fala em outra cousa. Ainda agora, no bonde de Santa Thereza...

— Onde foste?

— A' casa do Macieira. Por signal que vi o Felicianinho... Está bonito!

— Casa-te com elle.

— Só quando eu tiver setenta annos.

Riram-se brevemente e Benevenuto perguntou:

— Quem encontraste no bonde?

— O Gerpes e o Martinho, que me falaram em Numa... Já fizeste?

— Edgarda, és muito egoista!... Ainda não me beijaste e...

— Perdôa, meu bem! Tu sabes... E'... E os dous se beijaram longa e fartamente.

## CAPITULO V

Bogoloff vivia ainda na casa de Lucrecio «Barba de Bode». Esperava este que o seu partido subisse para collocar convenientemente o doutor russo. A sua esperança era cega; tudo marchava para tal desenlace. O velho presidente resignara o poder e o seu substituto subira á presidencia hypothecado aos partidarios de Bentes. A população não podia comprehender aquelle desmoronar de castello de cartas; não entendia que o governo, pelo seu mais poderoso representante, estivesse assim exposto a uma despedida tão ultrajante; não atinava com o motivo por que um dos seus ministros se puzera de instante para outro, em franca rebeldia contra o presidente; e não atinava porque a explicação não podia ser achada sinão com o exame vagaroso dos detalhes.

Com os novos governantes, o pavor do começo transformou-se em uma falsa alegria de encomenda. Os jornaes pullulavam; nasciam e morriam, com a publicação do retrato do heróe; os agapes, os banquetes eram diariamente annunciados; telegrammas e cartas congratulatorios eram publicados, e polyanthéas, e biographias. Pelino Guedes fazia discipulos e eram legião. Todos riam-se, mas riam falso. Um riso de prostitutas em orgia sesquipedal. Houve a industria das manifestações e Lucrecio aproveitou muito com ella, enquanto os seus serviços não eram encaminhados mais effizazmente. Havia necessidade de fazer crer que o povo, que a opinião desejava ardentemente a immissão do Messias nas re-deas do Estado, e o povo faz-se, faz-se graças á necessidade, graças á illusão do Estado e á simplicidade dos esmagados.

Bogoloff poude ganhar algum dinheiro, escrevendo artigos para jornaes de pouca vida; metteu-se aos poucos no torvelinho dos que se agitavam á espera do reinbros

ceos que Bentes vinha realizar sobre a terra; e o populacho, as creanças e mulheres, sobretudo, fossem de que condição fossem, viam a agitação daquelles possessos como máo agouro. Essa gente não quer cousa boa; parece que tem o tinioso no corpo, dizem.

A mulher de Lucrecio não se cançava de dizer-lhe: Toma cuidado, Lucrecio; esse homem não é bom. Olha o que elle fez com o «velho»...

Lucrecio não ouvia a mulher, mas estremeia com a lembrança della e fazia fugir á má propheta com argumentos tirados aos jornaes da situação. O russo não se enthusiasmava; vivia e por viver, foi que prometeu ir á manifestação que se fazia a Neves Cogominho naquella noite.

Ignacio Costa com quem travara conhecimento, era presidente da commissão e dissera:

— Doutor! Não deixe de ir! Precisamos acabar com os conselheiros, com o tartulismo delles... A sã politica é filha da moral e da razão... Vá! Há bondes especiaes.

Elle começava a conhecer a actividade politica, os seus bastidores, as suas retórtas de fantasticas transformações.

Essas presenças, essas atenções, emfim, esse ritual de salamaleques e falsas demonstrações de amisade influem no progresso da vida politica. Como haviamos de subir, ou, pelo menos, de manter a posição conquistada, si não fossemos sempre ás missas de setimo dia dos parentes dos chefes, si não lhes mandássemos cartões nos dias de anniversario, si não estivessemos presentes aos embarques e desembarques de figurões? Fóra daqui as noticias desses actos têm grande repercussão e infinito alcance; e, de resto, ás vezes, um bofa-fora decidia uma rejeição. Vejam só o que aconteteu

com o Baptista. Estava nas boas graças do Carneiro; mas, no dia do embarque deste para Pernambuco deixou de ir. Carneiro notou e, quando Bandeira quiz incluí-lo de novo na chapa, oppoz-se tenazmente.

Os chefes não admittem independência, nem mesmo nos embarques. Os pequenos presentes mantêm as amizades; mas, na política, não são só os presentes que mantêm as relações; é preciso que os poderosos sintam que gravitamos em torno delles, que nenhum acto intimo de sua existencia nos é estranho, que o natalicio dos filhos, o anniversario de casamento ou formatura se reflectem no movimento e como que perturbam a orbita da nossa vida.

Numa, que sabia bem disso tudo, foi alma das muitas manifestações que se realisaram naquella época. Sempre tivera a visão nitida desse feitic da vida politica; nunca a vira pelo lado epico ou lyrico, e estava no seu elemento. Concebera a existencia chãmente e, graças a essa concepção estava seguro na vida, rico pela fortuna da mulher e tratava de segurar-se quanto á parte de deputado.

Desde menino, sentira bem que era preciso não perder de vista a submissão aos grandes do dia, adquirir distincções rapidas, formaturas, cargos, titulos, de fórma a ir se extremado bem etiquetado, doutor, socio de qualquer instituto, academico ou c. u. s. a que o valha, da massa anonyma.

Era preciso ficar bem endossado, ceder sempre ás idéas e aos preconceitos actuaes. Esperar por uma distincção puramente pessoal ou individual, era tolice! Si o Estado e a Sociedade marcavam meios de notoriedade, de fiança de capacidade, para que trabalhar em obter outros mais difficeis, quando aquelles estavam á mão e se obtinham com muita submissão e um pouco de tenacidade?

Era preciso dominar e, na sua espessa mediocridade, esse desejo guiava todos os sentimentos e matava outra qualquer velicidade mais nobre.

Qual o alcance das manifestações com que os detentores da politica contraminavam os ataques dos seus provaveis adversarios, naquella hora de mutuos enganos. Numa viu claro e organisou a que se fez ao sogro, com tal geito, que ninguem suspeitaria da sua acção preponderante nella. Ignacio Costa, alliado de Salustiano, sequioso de apparecer, de fazer gravar o seu nome na memoria de Bentes, não trepidou em ir ao encontro das suas tenções; e, sem que o deputado lhe desse a minima ordem, fez-se presidente da commissão organisadora, obteve os fundos num ministerio complacente e o publico indispensavel para as acclamações.

A homenagem a Neves Cogominho foi annunciada nas folhas com grande gasto de palavras campanudas. O «Diario Mercantil», o jornal de Fuas Bandeira, publicou-lhe o retrato num «cliché» de cerca de pagina e um artigo de Quiterio Barrado mostrava perfeitamente a paridade que havia entre o

senador de Sepotuba e o coronel da Guarda Nacional americana Heatgold, caçador de onças e celebridade do momento. Quiterio tinha gostos de Plutarcho, mas de Plutarcho actual; e procurava sempre estudar as vidas dos poderosos em evidencia, pondó em paralelo a de outros poderosos tambem em evidencia. Neves nunca houvera caçado onças, a não ser nos arredores de Petropolis, quando tomou parte numa partida venatoria do fidalgo Club de Santo Huberto.

A nobresa da cidade de Piabanha, nobresa bem documentada por um d'Hozier ignorado, resolvera reunir-se para dar pasto ao aristocratico sport de seus maiores. E' verdade que não tinha coutados nem tapadas nos seus castellos, mas os fidalgos da sera substituíram-n'a com um capoeirão de carvoeiros dos arredores. Não houve cão vagabundo, furet, caniche que não fosse convenientemente açaimado e a «meute», fidalgas, fidalgos, cavallos, piqueiros, monteiros, veadores e mais trem de caça grossa partiam a montar javardos, lobos, onças e outras feras daqui e da Europa. Obedecidas todas as regras, coube a Neves Cogominho abafera; e, ficando as esporas, foi esperal-a na trilha que as trombetas dos monteiros indicavam como sendo a da passagem do animal enfurecido. Atirou, desmontou para dar-lhe o tiro de graça; e descobriu então que havia matado um bezerro complacente que uma mascara adrede transformara em onça.

Ha nas antigas chronicas de caça narrativas da intromissão de genios maltasejos para operar tão extranhas transformações; mas, daquella vez, não foram elles e sim a cautela e prudencia dos organisadores da partida para attender á falta absoluta da onça adequada.

Essa proeza de Neves foi notada e elle não a quiz repetir para que não houvesse o desercanto. Cogominho era homem serio, cheio de responsabilidades do seu cargo, silencioso, olhava com doçura e segurança, e não lhe parecia bem arriscar-se assim aos dentes das feras — elle que esperava occupar a presidencia para a felicidade do paiz.

De resto, ganhara corpo; o ventre lhe crescerá e junte-se tudo isto ao nasoculos, para se ver como elle era improprio para montar a cavallo e repetir aquella proeza cynegetica. Quiterio, que tivera noticia della, não a esquecerá no seu artigo e foi a paridade encontrada por elle muito gabada pelos entendidos em psychologia, philosophia, semantica e escripturação por partidas dobradas.

O palacete do senador, inteiramente aberto e illuminado, fulgia no fundo do longo jardim. Perdidos na massa escura dos canteiros, globulos electricos multicores brilhavam amortecidos, abafados.

As pessoas mais chegadas, os chefes politicos e os seus subordinados, os admiradores e os ultimos amigos já lá estavam, esperando a manifestação.

Erravam pelas salas da casa os nomes mais em evidencia na politica nacional e seus asseclas. Até o Clodoveu Rodrigue que se julgava um futuro opposicionista, lá estava. Era curioso esse Clodoveu, no physico e no moral. Muito alto e esguio, tinha um semblante triste e pensativo. O seu longo nariz de corte aquilino, não fazia lembrar uma aguia, mas uma cegonha, em postura meditativa de estampa, a qual houvessem cortado uma grande porção do bico.

Rico, talvez solteiro, cheio de doirados e posições, de filigranas e enfeites, temia as aventuras amorosas do seu mundo. Fosse por timidez natural ou medo do comprometimento, o certo é que não se murmurava nada a respeito de sua actividade sentimental.

Na sua concentrada tristesa, havia algum mysterio de coração, que não tomava a proporção de um cynico desafio ás convenções e aos preceitos, porque o deputado abafava o homem.

A presença de Clodoveu ali causava certa surpresa, pois as suas ligações com o presidente decaído obrigavam-n'o a ficar na opposição; no entanto, elle passeava de uma sala para a outra, lentamente, fleugmaticamente, pachorrentamente.

Lá estava também o J. F. Brochado, um curioso typo de politico, como quasi todos os de sua raça, secco d'alma, mas como poucos delles agitado, a fazer praça de honesto, tendo sempre uma cauda de bajuladores, aos quaes nos seus momentos de poder, liaza, indifferentemente, continuos e juizes, deputados e escripturarios, engenheiros e carimbadores, conforme fosse o momento, a occasião, a vaga, sem attender a saber ou a quer que fosse.

Seguiu-o sempre o seu amado secretario, uma mumia peruana, untada de pinturas e a enxergar por uns oculos negros, sombra que não o deixava um unico instante. Era poeta de modinhas e orador hilariante.

Havia também o Carlos Salvaterra, senador, homem lido e intelligente, mas escravo da politica e escondendo em caprichos de «toqué» a escravatura que pesava na sua consciencia.

Além destes, também lá se encontravam o general Cesar Japuhy, um crente do nosso mysticismo militar, convencido de que a sua qualidade de general, unicamente ella, dava-lhe capacidades superiores de governo e administrador; o Sarmento Heltz, fino e cauto, que todos, naquella meio julgavam precioso e raro como uma raposa polar; o gordo Pieterzoom, o deputado Costade, mais conhecido por Xandu', que andava sempre á cata do emprego de ministro, o general Forfaible, o senador Macieira e outros mais. Muitos tenentes.

Numa providenciava; e Quiterio, o autor do epenicio do «Diario», não parava em grupo algum. Desenterrava o pescoço da caixa ossea, e partia deste para aquelle,

dizendo aqui isto, ali aquillo, saltitando, como um tico-tico á cata de migalhas.

Souza, que conversava com Numa, intormou-o sobre quem era aquella interessante pessoa.

— Não conheces? E' um rapaz de muito talento...

— Esses talentos...

Numa não gostava dos talentos, não os invejava; não gostava mesmo, achava-os prejudiciaes á vida, fracos para obter a minima cousa, orgulhosos e exigentes e, como que a perturbar a existencia dos felizes, com a attenção que se devia a elles.

— Não gostas dos talentos? perguntou Souza.

— São muito pretenciosos, não se submettem a ninguem e não amam ninguem.

— Quem ama a quem?... Aquelle que estás vendo está sempre disposto a submeter-se. Muda de donos, mas se submete...

Numa não insistiu com o collega de bancada. Elle o sabia mordaz na familiaridade. febril em aguçadas ironias e encarniçado no cynismo resignado. Fôra eleito porque, tendo publicado um trabalho historico de valor, Neves quizera mostrar que a sua oligarchia sabia aproveitar os talentos humildes. Era «leader» da bancada, em que havia um tio de Cogominho, um cunhado, elle, Numa, genro, e outros que não eram propriamente parentes. Souza, eleito, julgou que o melhor meio de manter a posição era apagar-se completamente e assim fez.

Numa afastou-se e procurou outras rodas.

A manifestação não chegava e aquella gente fina aneciava pela sua chegada e a sua dissolução, para que ficassem á vontade, longe da presença daquelles vagabundos que deviam compo-la.

Quando Numa se approximou de Xandu', este dizia a Bogolloff:

— Meu caro doutor, si eu fôr ministro creia que hei de aproveitá-lo convenientemente. A Republica precisa de sangue novo... Veja só os Estados Unidos... Não acha, Dr. Numa?

— Perfeitamente.

Costade, o Xandu' — como era conhecido entre os politicos — julgava-se «yankee» e isto por dous motivos: por falar muito depressa e usar o bigode raspado, moda que bem pôde ser romana.

Desde muito que o casarão do velho Gomes não era aberto assim de par em par e não recebia tanta gente. Neves sempre fôra parco em recepções e não gostava das grandes, em que uma multidão se move nas salas, quasi sempre de desconhecidos. Sua tia D. Romana gostava desse aspecto da vida familiar e tinha a simplicidade roqueira de receber quem quer que fosse prazentemente.

A sua veñice adeantada, porém, fizera espaçar aos poucos os grandes bailes do poderoso politico; ficaram raros, até mesmo quasi supprimidos depois do casamento de Numa.

A velha D. Romana, com a volta, naquella dia, do esplendor da antiga morada, remocou, tornou-se activa e não cessava de ir de uma sala para outra, perscrutando os desejos dos convidados. A neta conversava com algumas amigas, sem deixar o logar que occupara logo em começo. Procurava sopitar a impaciencia com que esperava a chegada dos manifestantes, mas D. Celeste adivinhara-a e observou:

— E' mesmo uma massada, minha filha. A politica — que cousa! Você deve ter gasto muito!

— Alguma cousa...

— Alguma cousa! Eu é que não queria receber dessas manifestações — dão no bolso! Todo mundo quer ser politico. E' porque não sabem quanto custa.

Mme. Costade, esposa do Xandu', aventou por ahi:

— Tudo é assim, D. Celeste: visto de fóra é muito facil, mas cá do lado de dentro é que são ellas... Xandu', só em «facadas», gastou o anno passado um terço do subsidio... Pensam que os politicos ganham muito, mas é um engano.

— Ganham alguma cousa, disse D. Celeste, mas gastam muito. E as manifestações?

— Cada profissão, disse Mme. Forfaible; tem os seus espinhos, e não são só os politicos que ganham pouco. Meu marido...

— Sim, disse Mme. Costade; seu marido não tem que lidar com tanta gente.

— E' o que me aborrece! disse D. Celeste. Que caras! Não sou nenhuma rainha, mas supportar gente tão mal vestida... Qual! E' demais!

— Edgarda, disse Mme. Forfaible, é que não se aborrece!

— Eu, acudiu a mulher de Numa, não os aborreço, nem os estimo; supporto e acho-os necessarios.

— Pois olha, Edgarda, fez a esposa de Xandu', si eu pudesse...

— Que é que fazia? perguntou Mme. Forfaible.

— Mandava tudo para o Acre.

— E quem elegia o marido de você? indagou sorrindo Edgarda.

— Quem?

— Isso não é preciso, disse Mme. Forfaible. Deviam ser nomeados. Os generaes não são?

— Mas os generaes, reflectiu Edgarda, não são representantes da Nação.

— Você diz isto, porque não é casada com um general... Quem vae p'ra guerra? O que é mais difficil: falar na Camara ou ir para a guerra? O Manoel tem mais serviços que muitos, entretanto ainda não foi para o Supremo... E' verdade? Quem ficará na Guerra, Edgarda?

— Não sei. Por ora?...

— Eu sei; o Chaves ficou provisoriamente. Mas, quem vae? D. Celeste sabe?

— Não sei. Quem vae para o Ministerio é cá o marido da minha amiguinha... E aportou com o leque para Mme. Costade.

— Ora! fez ella com um riso chocho. Dizem isto ha tanto tempo...

— Agora vae, confirmou Edgarda.

— Você é bem feliz, disse Mme. Forfaible; meu marido é que não arranja nada. Não tem sorte!

Com a resignação do presidente, houve grande mudança nos altos cargos politicos; essa mudança, porém, não se deu immediatamente. O substituto, temendo não satisfazer todos os seus amigos, insistira para que os antigos detentores ficassem. Poucos accitaram e assim mesmo interinamente, para não crear tropeços ao novo governo. Davam-se vagas e era uma difficuldade preencher-as. Acontecia que nem sempre o candidato de Bastos era de Bentes; e, ás vezes, o de Bastos era inimigo de Bentes e o de Bentes era inimigo de Bastos, cousa vulgar. Um unico obtivera a concomittancia dos dous poderosos padrinhos, fóra Xandu' que estava á espera de deixar o antigo a pasta para occupal-a. Quanto á de chefe de policia, o novo executivo reservara a nomeação para si. Escolheu entre os seus amigos um velho compadre roceiro, arruinado, que precisava dos proventos do cargo para resgatar hypothecas. Era o Dr. José Dias Chaveco, mais conhecido por Juca Chaveco, que, naquelle instante, expunha a Bogolloff as suas doutrinas policiaes:

— Quá retrato, doutô! Quá, nada! Si arguem viu, o marvado póde sê preso, mas si não viu — quá, só si outro vié contá.

Bogolloff tinha ha pouco tempo entrado no convivio daquelles homens todos; mas era tal a sua flexibilidade, a sua malleabilidade de espirito, que lhes inspirava confiança, merecia-lhes consideração e os tratava com um digno respeito.

A Chaveco lhe havia falado em processos modernos de investigação, mas o chefe de policia tinha a respeito idéas simples de delegado da roça. Deixou-o e foi ter ao grupo em que falava Neves Cogominho. No momento, a conversa era conduzida por Macieira Galvão. Tinha andado este deveras atrapalhado com a posição que devia tomar na politica: tendo querido que o presidente, por um dos seus ministros, demittisse um funcionario e nomeasse um seu parente, não fóra satisfeito e pensou declarar-se em opposição; mas não o fizera francamente, mandando que um dos seus deputados o fizesse. O seu jogo fóra presentido e denunciado. Para disfarçar o insuccesso resolveu afastar-se, fazendo-se eleger governador de Palmeiras.

— Eu bem vi, dizia elle, que o «velho» não ia... não nos queria attender... Foi isso que se viu.

Fuas Bandeira confirmou:

— Era de uma teimosia de creança... Vejam só este caso do estado de Matto Grosso... Não prejudicou as finanças?

Numa accrescentou:.

— Esse se havia fossilizado nos processos imperiaes de politica... Ha necessidade de vistas novas.

Pieterzoom perguntou:

— Numa, você ainda não disse nada sobre o caso do Espirito Santo?

— Não é preciso.

— Como não é preciso, fez Fuas; vejam só o ataque do Salomão. E' preciso tirar-lhe os dentes.

— Phrases! Phrases! disse hamleticamente Xandu'.

— Não penso assim, considerou Macieira; não se deve desprezar os ataques dessa maneira. Fazem éco e somos prejudicados.

Neves Cogominho tambem era do mesmo parecer, mas Xandu' observou peremptoriamente:

— Prefiro a acção ás palavras.

Pieterzoom contradisse risonho:

— Mas, caro Xandu', a nossa acção são as palavras.

— Por isso estou deslocado.

— Mas não está Numa que falará. Não acha util, Dr. Cogominho?

— Com toda a certeza, apesar dos horizontes se esclarecerem.

A conversa ainda demorou algum tempo até que se ouviram os primeiros compassos da banda militar que puxava a manifestação. Senhoras e cavalheiros vieram collocar-se na sala principal; alguns nos vãos das janellas, outros nas portas de comunicação; e Neves ficou em um dos angulos da sala ao centro de um grupo de senhoras e cavalheiros. O seu corpo alentado e a sua altura dominavam tudo; e elle punha as mãos sobre o ventre, esperando pacientemente. Ao lado direito tinha a filha e o genro; á esquerda Mme. Forfaible, côr de cera, alta, modelada, em «grande tenue» com o olhar de bataíha que o marido não tinha; Mme. Celeste Galvão ficara atrás, com medo dos manifestantes e pudera dizer á velha D. Romana, quando foi tomar logar á esquerda do sobrinho:

— Amanhã é que são ellas! Copos turcados, bibelots, jardim estragado... Qual! esta politica!

Os admiradores de Cogominho penetraram no jardim: Viva! Viva o senador Cogominho! Viva!

Ei a banda a todo pulmão, repinicava um dobrado entusiastico e cadenciado; as lanternas venezianas, nas pontas das cannas, dansavam; e tudo parecia uma longa cobra phosphorescente e musical que rastejava para o palacete. Viva o senador Cogominho! Viva! Viva o general Bentes!... A multidão vinha premida na estreita alameda principal do jardim; as lanternas venezianas dansavam na ponta das cannas... Viva o senador Cogominho! Viva! Viva o senador Bastos! Viva! Viva! Queimavam fogos de bengala... Viva! Viva!

A cabeça sonora attingia a escada de pedra, afastou-se a musica para o lado; sci-

diu-se do corpo que colleando subiu até o salão de recepção.

Ignacio Costa, suando, lenço ao pescoço, fungando o seu teimoso defluxo, vinha á frente, berrando, agitando o chapéo, bem junto de Canto Ribeiro, celebridade dos «meetings» e manifestações, typo da cidade, renitente orador, cuja oratoria consistia em berrar as mais gastas chapas do «Orador Popular». Era tambem empreiteiro de manifestações e, como todo o empreiteiro que se preza, tinha o seu pessoal adestrado. Além de um nucleo forte de bravos, possuía a seu serviço moços limpos: estudantes, pequenos empregados, aspirantes a empregos — gente illudida com promessas de logares e promoções.

Havia em Canto Ribeiro um pouco de especulação e muita sinceridade. Suppondo-se orador, julgava-se com um alto destino politico e não pejava em ser orador de praças publicas, para abrir caminho, até os altos cargos politicos.

A sua oratoria era feita de berros, de mugidos e rugidos; e, além de qualquer apuro literario, faltava-lhe tambem uma voz musical, numerosa, com inflexões.

Barba de Bode tratou de collocar os admiradores do melhor modo. A sala era vasta, mas não pôde conter todos os manifestes. Uma grande parte ficou pela escada e peio jardim.

Havia de toda a gente; pobres homens desempregados, que vinham ali ganhar uma esportula; vagabundos notaveis, entusiastas ingenuos, curiosos e agradecidos: todas as côres. Os vestuarios eram os mais engraçados e inesperados. Havia um preto com uma sobrecasaca côr de vinho, calçado com uma bota preta e outra amarella; um rapaz louro, com umas calças bicolor, uma perna preta e outra cinzenta; fraques antidiluvianos, calças de kaki, blusas, dolmans, colletes sarapintados.

Vendo essa gente miseravel, degradada physica e moralmente, tão contente com a politica, parecia que ella não tinha por fim fazer os povos felizes...

Os admiradores comprimiram-se, os moços foram arredados e Canto Ribeiro começou a falar. Durante vinte minutos, expectorou as mais sordidas banalidades sobre a republica e a patria.

Ellas tiveram, porém, o grande e esperado effeito de commover Cogominho, Numa, as senhoras e provocar a inveja de Quiterio, que devorou o orador com o seu olhar meudo. Havia-lhe no olhar tambem admiração pela torrente de banalidades que Canto repetia e adivinhava-se que Quiterio dizia de si para si: Ah! Meu Deus! Como elle fala bem!

Ignacio Costa tomou a palavra, e, em nome da commissão organísadora, disse:

«Minhas senhoras, meus senhores. O digno senador Neves Cogominho tira da civilisação contemporanea a deducção do estado politico que mais lhe convém para a sociedade. Segue nesse ponto, desprezando

a metaphysica de Platão e o theologismo de De Maistre, um systema assemelhado ao de Rousseau.»

Houve alguns pigarros indiscretos na sala, mas Ignacio continuou impavidamente, chegando a este curioso trecho:

«Sua individualidade una e perfeita não tem limites «extremos», desde que estes terminam, em relação a um aspecto, onde começam quanto a um outro.»

Uma moça bocejou no silencio profundo da sala; e Costa mais seguro de si continuou:

«E, na grandeza incommensuravel da promiscuidade de suas feições, sentindo a visão mystica das cousas, apostolando uma fé inabalavel na Republica, Neves Cogominho apparece com a aureola do — O MAIS DIGNO.»

Canto Ribeiro berrou fortemente — Apoiado! Ignacio Costa continuou com entusiasmo:

«O sabio estadista que ahi vedes vae sempre ao encontro do termo da equação politica do momento.»

Depois desta manifestação do seu saber mathematico, o futuro chefe de secção precipitou o seu discurso, rematou-o, dizendo:

«Nas ligeiras palavras que disse, procurei esboçar o retrato deste homem, não de perfil nem de frente; mas, como Pelino Guedes, em obra conhecida, de frente voltada para o céu, tentei retratar esse gigante politico, que maduz perfeitamente a acção de um passado que se affirma no presente, como reflectirá sobre o futuro, quando o historiador tiver que tratar de todo este periodo da nossa vida republicana. Saudemol-o, senhores! Elle é O MAIS DIGNO!»

Houve palmas, vivas e Numa abraçou-o, dizendo-lhe ao ouvido: Estiveste muito philosophico.

Foram offerecidos, em seguida, mimos e Clodia, filha do Dr. Henocanti, offertou um ramo de flores, com doces e capitosas palavras.

Quiterio tirou a cabeça de dentro do thorax e ficou extatico deante da sedosa alvura da moça, da sua elegancia, do seu langor, da sua attracção fortemente sensual.

— Quem é?

Não lhe responderam; Neves Cogominho falou com grande simplicidade, não sem commoção e, por fim, entusiasmado com o entusiasmo dos outros, agradeceu a homenagem com periodos repassados de sentimento.

Aos circumstantes foram offerecidos «chopp» e servidos em uma sala interior. Quasi houve briga, quasi houve bofetadas. As mãos passavam por cima das cabeças, por entre os corpos, por debaixo dos braços de outrem; e os copeiros não sabiam como servir toda aquella gente serviosa.

Canto Ribeiro e Ignacio Costa, vendo que a cousa podia degenerar em conflicto, pois já havia uma disputa em um canto, gri-

taram: vamos, rapazes! Os bondes vão partir!

Foram-se e, na sala, encostado ao balcão improvisado de «buffet», ficou unicamente Barba de Bode.

Encostou-se e disse com gloriosa satisfação:

— Sim, agora posso beber. Não sou desses «avançadores» que só vêm ás festas para beber.

Em seguida, voltou-se para o copeiro e fez familiarmente:

— O' amigo! Dá-me uma «joça» dessas!

Sorveu o copo quasi inteiramente de um trago, e foi cheio de loquacidade que pronunciou:

— Vocês sabem, eu cá sou de casa. Não preciso de manifestação para entrar... O homem é meu amigo... Todos esses typos são «engrossadores»...

Bebeu o resto que estava no copo, e pediu:

— Mais um «chopp».

E continuou loquaz e jovial, jovialidade e loquacidade a que não era estranho o alcool que já bebera durante o dia todo. Continuou:

— Eu cá sou amigo... Não sou um dia de um, um dia de outro. Mais um «chopp».

Bebeu e emendou:

— Vocês viram o que se deu com o Dr. Macieira... Elle está ahi e não me deixa mentir... Quando o «velho» lhe andava fazendo fosquinhas, quem é que o procurava? Um ou outro. Eu cá não, sempre estive a seu lado. Mais um «chopp».

Os copeiros serviram e elle adduziu sentenciosamente:

— Esses homens são adulados, quando estão por cima; mas, logo que rosna qualquer cousa, tudo foge. É' isto. Vamos beber!

Falando e bebendo, Lucrecio sorveu bem uma dezena de copos de cerveja; mas, quando ia ultrapassal-os, passou pela sala o Dr. Macieira. Barba de Bode correu-lhe ao encontro:

— V. Ex. dá licença?

— Que é que você quer, homem? Já bebeste como diabo, hein?

— Alguma cousa. Queria agora beber á saude de V. Ex.

— Deixa isso para mais tarde. Agora...

Lucrecio deitou sobre o poderoso politico um supplice olhar de desgosto e Macieira não achou máo dar uma demonstração de tolerante bondade pelos humildes. Disse com bonhomia:

— Bem! Vá lá!

— Sr. senador Macieira, começou Lucrecio. Neste momento solemne...

E parou como si buscasse palavras, termos, imagens. Esteve um instante calado, com a boca fortemente fechada; houve um imperceptivel movimento nos musculos da garganta, movimento de quem tenta engulir alguma cousa. Por esse tempo, começaram a vir da sala convivas, damas e cavalheiros,

curiosos de travar conhecimento com a eloquencia de Lurecio.

Ao ver tanta gente á sua roda, animou-se e continuou: Sr. senador, — mas não pôde acabar. Veiu-lhe um forte vomito e, antes que pudesse correr á janella, despejou-o ali mesmo, horrifando o peitinho do famoso senador e a barra das salas daquellas grandes damas. Lançou, lançou tudo o que tinha no estomago.

O triste final do discurso causou hilaridade, mas houve quem se indignasse. Entre estas pessoas a que mais se zangou foi o Dr. Chaveco. Logo que soube, correu á sala do «buffet».

— «Tá bêbo... Chama ahí um políça... Mette elle no xadrez.

Houve um grande esforço por parte dos presentes para que não fizesse prender o Lurecio.

— «Mas sô chefe! O home bebe... que faço então?»

Neves Cogominho, Macieira, Numa, Souza, Pietrezoom, Costade e todas as senhoras interessaram-se, conseguindo dissuadi-lo de effectuar a diligencia. Lurecio foi levado para o quarto dos criados; e o Dr. Chaveco, apanhando o chapéo e a bengala, sem castão nem ponteira, despediu-se:

— Ta bão... Inté menhá!»

Aquelle chefe de policia era bem um chefe de policia do tempo. Ingenuo e submisso, por necessidade de submissão agradecida, procurava onde applicar as suas terriveis funcções. Queria de qualquer modo mostrar energia e provar ao protector que estava attento, que velava pela sua segurança e respeitabilidade.

As visitas tinham voltado á sala de visitas; e, na sala do «buffet», a um canto, ficaram ainda a tia de Cogominho e algumas outras senhoras. O doutor Chaveco entrou de novo, batendo com a bengala no assoalho, ao geito de um pastor biblico:

— D. Romana, disse elle, me esqueci uma cousa.

— Que foi, doutor?

— A modo que não levei uns rebuçado p'r'os meninos.

— Pois não, doutor.

— Tem artéa, siá dona? O Juca tá cum tosse.

— Não doutor. Quer de amendoas?

— Serve, dona.

Sentou-se a uma cadeira, enquanto a velha senhora tratava de preparar o embrulho de balas. Bogoloff que viera tomar um copo de cerveja, acercou-se do chefe e indagou, ao vê-lo com chapéo e bengala:

— Já vae, doutor?

— Já, moço. Drumo c'os pintos. E' mais bom p'ra saude.

— Mas, no seu cargo, nem sempre é possível, doutor.

— Quá, moço! Tenho os auxiliá que faz minhas vez.

Chaveco concertou melhor o busto na cadeira e indagou convictamente:

— Cá dê o malandro?

— Que malandro, doutor? fez Bogoloff.

— Aquelle que se embriagou-se.

— Não é malandro, doutor. E' amigo da casa. Um rapaz generoso...

— Como se chama?

— Lurecio.

— De que?

— Barba de Bode.

Riu-se gostosamente e disse com toda a sua simplicidade roceira:

— Bem posto... O cabra tem mesmo barba de bode.

D. Romana voltou com o embrulho; Chaveco agradeceu, levantou-se; despediu-se e disse para Bogoloff:

— Qué i cô nós, moço? Não paga nada. Intomove tá na porta.

O Dr. Bogoloff não podia deixar de aceitar o convite. Lançara-se nas altas camadas, esperava tirar dellas os melhores proveitos e o momento era azado para estreitar o conhecimento com aquella alta autoridade que tão obsequiosa se mostrava.

— Aceito, doutor.

— Bâmo!

Juntos atravessaram as salas e, em breve, estavam na rua, onde um luxuoso automovei esperava, entre a fila de muitos outros. Sem esperar que o ajudante abrisse a portinhola, Chaveco a foi abrindo e convidou:

— Treppe, moço!

Logo que o russo entrou e o chefe tambem, o motorista perguntou-lhe o destino do carro:

— P'ra onde vosmecê qué i, moço?

O automovel rodou e os passageiros, depois de bem se collocarem nos assentos, puzeram-se a conversar. O chefe de policia perguntou:

— Como é seu nome, moço?

O russo disse-o e o chefe encheu-se de admiração infantil:

— Ué! gentes! Que nome l é de santo?

O doutor russo explicou-lhe que era ou podia ser, mas o doutor Chaveco, em pequenas risadas, mantinha a sua duvida.

Afogada no luar, a cidade offerecia um aspecto de paz serena e tranquillidade satisfeita. Pelas ruas, não havia ninguem e aquellas casas inteiramente fechadas, mudas, tranquillias, enchiam os dous passageiros de uma suave satisfação. Era como si esquecemos que, dentro dellas, havia muita angustia, muito tormento, muita paixão e odio. Verificando isso, tinha-se vontade de que todos nós, toda a humanidade, viesse a dormir assim, pelos seculos em fóra...

O doutor Chaveco cochilava na almofada e Bogoloff lembrou-se da terrivel policia russa, contemplando aquelle inoffensivo chefe, aquelle doce homem, simples, em que havia tanto de creança. Como era que naquellas mãos estavam tão terriveis poderes e como era que aquella bondade nativa não se fazia sentir em todas as rodas do mecanismo policial?

Recordou-se tambem do azedume com que as autoridades policiaes o trataram quando

açortou ao Rio. Já começavam a desembarcar os passageiros de terceira classe, quando um empregado de bordo veio chamá-lo. Promptamente seguiu-o e achou-se em presença de um homem agalado, que lhe perguntou:

— Como se chama?

O interprete que estava a seu lado traduziu e Bogoloff respondeu:

— Gregory Petrovitch Bogoloff.

O homem da policia maritima pediu então que lhe escrevesse o nome no papel. Esteve olhando as letras e, por fim, indagou:

— Qual é a sua profissão?

Com auxilio do interprete, Bogoloff pôde responder:

— Sou professor.

O homem pareceu não se conformar com a resposta; olhou o immigrante muito e perguntou abruptamente:

— Você não é «caften»?

Logo que Bogoloff percebeu o sentido, ficou indignado e disse:

— Por que?

O homem da policia replicou muito ingenuamente:

— Estes nomes em «itch», em «off», em «sky», quasi todos são de «caftens». Não faça!

Disse-lhe o russo então que não era, nem

nunca tinha sido. mas o homem não acreditou e insistiu:

— Si você não é «caften», é anarchista.

Houve muito trabalho por parte do adventicio para tirar a autoridade de sua singular idéa:

— Estes nomes em «itch», em «off», em «sky», polacos e russos, quando não são de «caftens», são de anarchistas.

Mostrou Bogoloff os documentos; e, afinal, depois de muita hesitação por parte da autoridade, pode pisar a terra onde viera procurar liberdade e socego, mais que fortuna e felicidade.

O Dr. Chaveco continuava a dormir serenamente recostado á almofada do carro. As suas longas barbas tinham uma doçura patriarcal. A sua pelle estava queimada do sol e o seu ar era doce, bom e feliz. Era um pastor biblico em que o luar punha a patina da eternidade; e esse pastor biblico tinha nas mãos a segurança, a ordem, a liberdade de uma vasta agglomeração humana de um milhão de almas!

Lembrou-se ainda Bogoloff das difficuldades do seu desembarque... A lembrança se esbatia no tempo; as suas linhas tinham perdido a nitidez... Como estava longe! Olhou o céu. A lua se mostrava por entre flocos de nuvens que corriam doidas. A cidade dormia tranquilla, serena, satisfeita e a vontade delle era que ella continuasse a dormir assim pelos seculos em fóra...

## CAPITULO VI

— Sim... sim... como?... como votar?... entendi... bem... o «leader» como vota?... questão aberta?... bem... já?... aqui á meia hora... entendi... vou ver... não demoro... respondo já... não me esqueço... sim... sei... bem... já disse... eu sei, Numa! sei... Até já...

É descansou o phone no gancho durante alguns instantes. Esperou que a ligação se desfizesse e pediu nova:

— Minha senhora... allô!... meia duzia zero quatro villa... sim! villa...

Aguardou um momento e continuou:

— Allô! Allô! Quem fala?... Ah! E' você, Benta?... Benevenuto está?... vae chamá-lo ao aparelho... de que casa?... da minha casa... sim... espero... vae...

Não houve grande demora e Edgarda com o phone ao ouvido, o lado esquerdo voltado para o aparelho, a cabeça meio inclinada, perguntou ternamente:

— E' você, Benevenuto?... bem... é você?... já sei... não é p'r'a já... hoje?... não posso... não se perde por esperar... não tenho podido... quem está ahí?... bem... uma cousa... Numa pergunta como deve votar no projecto de accumulção... diziam que queria... sim, o governo!... agora?... não faz questão... sim... que acha você?... entendi... bem... como? contra?... não... sim... elle quer vetar?... ficar sympathico... comprehendendo... faz passar por portas travessas...

sou intelligente... no telephone, só, não, «seu» trouxa!... entendi... faz passar e véta... entendi... fica com a sympathia dos interessados... então?... como?... sim... si fôr nominal, contra; si não fôr, a favor... magnifico... vou... precisa cuidado... sei... creio... não se cansa... sei... adeus!

Orientada, pediu de novo ligação para a Camara e pôde Edgarda resolver a difficuldade politica em que se achava seu marido. A necessidade de provar dedicação ao general Bentes obrigava todos os seus adeptos e admiradores a meditar muito no levar a effeito o minimo acto. Disputavam-se no agradecimento do estadista inesperado os politicos de todos os matizes. Os que estavam em cima não queriam de forma alguma dar o minimo signal de que o seu apoio era simulado ou a contra gosto; e os que estavam em baixo, apressados em ficar por cima, corriam parelhas com os adversarios, dando sempre mais do que elles tinham dado.

Si uns chamavam-n'o de intelligente os outros diziam-n'o genio; si Numa qualificava-o de grande estadista, Salustiano arregava em algum logar e acclamava-o o primeiro estadista do mundo. Não quer dizer que não houvesse quem visse nitido em tudo isso. Além da opinião, havia mesmo na politica gente com alguma vergonha que não se entregava a taes excessos de ba-

julação; porém, os prudentes que estavam no poder, e os republicanos puros que so-nhavam realisar integralmente o regimen, entregavam-se a essa luta para divertimento das archibancadas e fortificar a convicção de Bentes.

Todas as qualidades que até ali tinham indicado o valor dos homens de estado, foram negadas; e as doutrinas mais absurdas foram espalhadas sobre o governo dos povos. Omar invadia o Egypto e mandava queimar a bibliotheca de Alexandria; e os escribas que dormiam nas tumbas, puzeram a cabeça fóra dellas e olharam com o seu olhar de esmalte, a desmoralisação da arte que tinha feito o seu encanto e o progresso dos homens. Choraram mais ainda, quando lhes affirmaram que era o demotico e mais caracteres da escripta que fizeram a infelicidade dos povos.

Abaladas as noções mais estaveis, nesse pugilato de bajulação, não sabiam como se conduzir os adeptos do futuro presidente. Ainda não o era effectivamente, mas já todos o consideravam assim e foi graças a seu esforço que Xandu', Raymundo Costale, foi afinal empossado no Ministerio do Fomento Nacional.

Xandu' era rico e tinha, como todos, a sua vaidade. A delle era julgar-se com o estofo de grande ministro e o seu erro vinha em suppor que o seria fecundo em obras, por espalhar decretos a mancheias. Pretendia fazer isto e aquillo; apanhava inspiração na boca de parentes, de amigos e punha toda a sua esperança na legislação. Não ha duvida que ella pôde influir; elle exagerava, porém, o seu alcance e os seus resultados. Feito ministro, o seu primeiro trabalho foi installar luxuosamente a sua secretaria e gabinete. Cortinados, sanefas, mobílias, bustos, quadros — tudo elle collocou do maior luxo. Em seguida, espalhou o seu retrato e biographia pelos jornaes e revistas, especialmente por essas pequenas revistas pouco conhecidas e lidas.

Ha de parecer que são sem valor as publicações feitas nellas; entretanto, assim não se dá. Offerecidas gratuitamente, ellas correm maior área e chegam onde as grandes publicações não chegam. O que perdem em intensidade, ganham em extensão; e os propagandistas políticos sabem bem disso porque não as desprezam. A physionomia de Xandu', lavada, sympathica, parada, com o seu olhar credulo por detrás do monoculo, correu mundo em «clichés» de todos os tamanhos com biographias auxiliares em todas as linguas. S. Ex. fomentava.

Bogoloff soube da nomeação de Xandu' por intermedio do seu hospede. Lucrecio ainda não estava collocado, mas tinha, sob o titulo de agente de policia extranumerario, uma gratificação mensal que lhe dava para ter em dia o aluguel da casa. Parecia que devesse ter obtido collocação melhor; os seus protectores, porém, não jul-

garam a occasião propicia e fizeram-n'o «encostado».

Ahi, elle podia com mais liberdade prestar-lhes os seus serviços de popular e, sendo logar provisorio, não lhe viria uma frouxidão inqualificavel no seu entusiasmo pelas altas qualidades administrativas delles. Comtudo, esperava firmar-se e não havia esquecido de sua promessa a Bogoloff.

Moravam ainda na mesma casa da Cidade Nova e era habito almoçarem juntos antes que as outras pessoas da familia o fizessem. Tendo de onde tirar dinheiro, o primeiro cuidado de Lucrecio foi pôr o filho na escola e o pequeno raramente o via nos dias uteis da semana. O serviço do pae não era marcado. Aparecia na policia e, demorava-se por lá, á espera que houvesse um «meeting», um discurso subversivo na Camara, para perturbar as acclamações espontaneas e desinteressadas. A mulher e a irmã continuavam a temer semelhante especie de emprego; Lucrecio, porém, as sociegava, dizendo:

— Minhas filhas, é assim que a gente se arranja. Tudo está nas mãos dos politicos e, sem politica, ninguem vae lá. O Candinho não está agente da Prefeitura? Como começou? O Tôtônho não foi feito jardineiro chefe? Elle ha de me arranjar.

A fortuna de Tôtônho seguiu-se á do seu protector Campello, o Dr. Campello. Não tendo sido possivel dar a este um logar de deputado, foi feito professor de meteorologia da Escola de Agricultura e director das Fundições da Ponta da Arêa. Era bacharel em direito, advogado sem renome, mas dispunha do bando do Tôtônho, que influia nas eleições da Lapa. Esse bando tinha uma existencia duradoura e aliava-se a este ou áquelle candidato, por mais ou menos tempo, ás vezes desinteressadamente, conforme a fé que tinha na lealdade delles. Nem todos mereciam-lhe essa consideração de candidato. Uma das condições era ser bacharel, advogado, relacionado na politica e fóra della, garantindo protecção para casas de jogo, para os delegados e para absolvições.

Nas mais das vezes, como acontecia com Campello, o candidato não podia garantir cousa alguma, sobretudo quanto ao jury. E' verdade que muitos são ali prisioneiros politicos deste ou daquelle, mas é tão difficil juntal-os em conselho que essa protecção é mais uma burla com que os candidatos incitam os seus apaniguados a desordens e assassinatos, esperançados com a impunidade.

Tôtônho era encarregado de varias casas de commodos e estalagens; e, na pobreza dos seus inquilinos e nas suas necessidades, arrepanhava eleitores, «phosphoros» e desordeiros uteis.

Campello juntara-se-lhe deste muito e Tôtônho punha muita esperança na estrella do doutor. De resto, este era delicado, accessivel, apertava a mão de toda a gente, vestia-se bem, suppondo-se até bonito; e com

tantas qualidades não podia deixar de ir longe.

Foi logo um dos maiores admiradores de Bentes, organisou banquetes a todos os seus parentes e não houve metaphora mais ou menos de «haras» que elle não empregasse, para demonstrar de que modo a hereditariiedade pesava na familia.

Fôra Tôtonho, por intermedio de Campello, quem puzera Lucrecio na policia; e a Bogoloff, com quem almoçava naquella manhã, o novo policia lembrô:

— Doutor, por que não procura o Xandu'?

Lucrecio não sentia absolutamente pesada a hospedagem do russo; queria, porém, que a sua instrucção e educação tivessem outro ambito. Respeitava o saber do moscovita e sentia a sua alvura e os seus cabellos louros deslocados ali.

Tinha Bogoloff tenção de fazel-o, mas, ainda muito russo: não suppunha que o ministro o attendesse sem mais recommendações. Respondeu com grande convicção que iria. Lucrecio explicou:

— Doutor, não é que o senhor me incommode; mas a época está de aproveitar. Vamos ter uns annos cheios... Uma cousa, doutor?

— Que é?

— O senhor não entende de medicina?

— Não. Por que?

— Por nada... E' que tenho um serviço de medicina para umas eleições.

— Mas... Que têm as eleições com a medicina?

— E' um caso.

— Conta lá.

— O facto é o seguinte: o coronel Liberato, lá do Cambucy, tem que vencer umas eleições, mas os «outros» têm mais votos. Elle precisa fazer um estouro e um doutor era bom para socorrer a gente delle. Elle paga.

— Quanto?

— Um conto de réis. Quer ir?

— Não. Não sou medico, mas si fosse não iria. Não quero essas atrapalhações...

— Quas atrapalhações, doutor! Nossa gente está de cima... Si houver morte, ferimento, o processo fica abafado...

A mulher que ouvira, falou da cozinna:

— Lucrecio, você não toma juizo. Fala assim de morte, como si fosse Nosso Senhor... Agora peores do que vocês são esses graudos que dão costas quentes a vocês...

— Qual, mulher, isto é politica, um ajuda o outro. Não acha, doutor?

— E'... é... deve ser mesmo politica.

— Você vá mesmo atrás da politica, que um dia elles te deixam lá na «chacara»... Já disse... Não quero que você metta o Lucio nessas cousas.

— Você já viu, disse Lucrecio, eu dar máo conselho ao pequeno? Doutor, na sua terra é assim?

— Bem assim, não é; mas...

— Qual! Todas as terras são eguaes.

Seria difficil a Bogoloff explicar ao amigo as diferenças e semelhanças existentes entre o mecanismo politico da Russia e o do Brasil; uma diferença, porém, logo notou naquella procura de um medico para pleitear eleições de vereadores. Só o mandonismo republicano, com a sua concepção estupidamente cruel da politica, é que podia lembrar-se de transformar comicios eleitoraes em emboscadas de salteadores, com um medico entre elles. Curiosa piedade!

Absteve-se o russo de fazer qualquer consideração e, acompanhado de Lucrecio, encaminhou-se para o centro da cidade.

Ignacio Costa parecia não dormir. A toda a hora do dia e da noite, era encontrado na rua, falando e gesticulando em grupos, discutindo nos bondes, lendo jornaes, nos cafés, visitando redacções. A todos, prometia um governo de Salento e ameaçava com excommunhão os prudentes duvidosos. Com o seu fraque abanando, o seu côco, fungando com força, pondo em relevo as rugas do rosto, o Ignacio não se cançava de dizer que a sã policia é filha da moral e da razão.

Lucrecio e Bogoloff logo o encontraram na primeira esquina, pouco depois de saltarem do bonde. Estava limpo, banhado e o seu olhar era jubiloso e esperançado.

— Viram! Viram! Não digo... Temos governo!... Xandu' já mandou restabelecer o — Saude e fraternidade... — Os conselheiros tinham banido esse santo distico, mas agora... Estamos na Republica... Implicam tambem com — Ordem e Progresso. Por que? Vocês não querem «ordem»? Vocês não querem «progresso»? A ordem é a condição do progresso.

— Será verdade? indagou Bogoloff.

— Como não! A historia...

— A bem dizer, é o contrario: todo o progresso tem sido feito com desordens.

— Doutor, o senhor está me parecendo um metaphysico. Chico, disse elle, dirigindo-se a um passante, espera ahi. Até logo! Até logo!

E saiu abanando o fraque, fungando, gesticulando, ao encalço do amigo.

Não tinha Bogoloff grande esperança de ser attendido pelo ministro do Fomento. A promessa que lhe fizera, por occasião da manifestação a Cogominho, não parecia que obrigasse o ministro a nada. Temia que o despedisse politicamente e, quando fosse o momento azado, já tivesse estragado o pedido. Fez parte de suas duvidas a Lucrecio e este as julgou de peso.

— O melhor, disse Barba de Bode, é irmos á casa do doutor Macieira.

— Não o conheço bem... Não tenho grande intimidade...

— Mas eu o conheço. Vamos lá... Elle me attende... Agora, si arranjar qualquer cousa, é preciso trabalhar pela politica delle.

— Não como medico, disse Bogoloff rindo-se.

— Qual! Isto é com a politica do Liberato!

A hora era propicia e tomaram o caminho de Santa Thereza. Depois de Bastos, chefe absoluto e respeitado da politica nacional, Macieira era um dos grandes magnatas da Republica. Graças á população do seu Estado natal, a sua representação na Camara era volumosa; e, em todos os conchavos, tinha que ser pesada a sua colaboração de chefe dirigente. Como grande chefe, não podia nunca declarar-se em franca opposição; e, a velleidade que teve disso, tinha-o enfraquecido um pouco. Entre os dirigentes da politica, ha um curioso equilibrio que precisa de um mais audaz para se fazer; e, surgindo esse audaz, nenhum outro póde tomar-lhe o lugar porque sempre teme que os collegas não o sigam. O governo é sempre contado como elemento preponderante e o audaz nunca se separa do governo.

Macieira temia muito que a successão presidencial não lhe fosse favoravel e dar-se-ia isto si caísse em Xisto. Logo que ella assim se annunciou, ajudou a fazer cautelosas insinuações no animo de Bentes e viu com prazer tomar outro curso os acontecimentos. Por isso, tinha no interregno que se seguiu á resignação do presidente grande influencia e preponderancia.

Era um homem delicado, mas reservado e tinha sempre o aspecto de cogitação profunda. Lucrecio entrou-lhe em casa, demorou-se um pouco e voltou logo, dizendo que não lhe pudera falar. Voltasse ao dia seguinte, que seria attendido, recebera nesse sentido recado.

A impressão daquelles restos de floresta, a cidade confusa lá embaixo, a montanha rochosa trouxeram tristeza ao coração do russo, e recordações dolorosas do seu amargo passado. Em presença daquellas altas manifestações da natureza, o seu pensamento era triste. Deante do Atlantico, o mar tenebroso dos navegadores da renascença, quando veiu, embora estivesse espelhante, que nem um lago, a sua alma se confrangeu.

Elle — que mal conhecia a historia daquellas aguas e a das terras que banhavam — só se lembrou que estava ali o mar da escravidão moderna, o mar dos negreiros, que assistira durante tres seculos, o drama de sangue, de oppressão e de morte, o sinistro drama do aproveitamento das terras da America pelas gentes da Europa.

Das dores de tantos milhões de seres, das suas agruras, dos seus padecimentos, da sua morte, só aquellas unidas e mudas aguas guardavam memoria e só ellas evocavam o drama de que foram palco.

Lucrecio, julgando o companheiro triste com o resultado da expedição, tratou de consolá-lo:

— Elle dá o «pistolão»... Não ha duvida!... Não se incommode!...

Bogoloff pensava pouco no fim da visita, mas ficou enternecido com o interesse do rapaz:

— Estou certo... Não penso mais nisso. Lucrecio falou-lhe ao ouvido:

— Elle não estava em casa, doutor. Elle tem uma franceza... A mulher não disse, mas eu sei... Vou ao Senado logo e as cousas estão arranjadas. Fique certo.

Essa ligação do senador era bem conhecida da cidade e frequentemente os jornaes da opposição faziam claras allusões a ella.

Dizia-se mesmo que a tal franceza tinha um grande ascendente sobre o animo de Macieira e influiu decisivamente no curso dos vastos negocios encaminhados nas repartições publicas. Os homens de concessões, os agentes de casas poderosas sabiam dessa influencia da «franceza» e tratavam de obter as suas boas graças mediante porcentagens grandiosas. Fias Bandeira conhecia-a, fazia-lhe ofertas de valor e contava-se que Campello sempre a interessava nos seus recorhecimentos mais succedidos.

Murmuravam nas confeitarias uma curiosa historia de que a «franceza» fôra eixo. Já vivia em collage com Macieira, nesse tempo deputado, fraco de recursos, mal podendo sustentar as duas casas com o subsidio. O seu fraco era jogar «pocker» e, nas rodas de «pocker», conheceu um advogado, com quem travara amizade. Os dous aos poucos, firmaram as relações e jogavam clandestinamente de parceirada. Um bello dia, o amigo dissera-lhe:

— Sabes de uma cousa? O Francisco tirou a sorte grande, quinhentos contos.

— Não o conheço.

— E' um rapaz intelligente, mas pouco pratico... Tem que cair...

— Vae perder tudo?

— Vae, e é pena que não aproveitemos algum... Si houvesse um meio...

— Isso é bom para as mulheres, que vão aproveitar.

— Para ellas só, não vão. Os outros mandros entram... Ha um meio...

— Qual é?

— Não vives com a Arlette?

— Que tem?

— Tira-a da pensão. Alugamos uma casa mobiliada e levamos o Francisco para jogar «pocker».

— Que póde elle perder?

— Tudo, si quizermos.

— Si elle quizer namorar a Arlette?

— Deixa e mesmo isso entra no plano.

— Elle descobre.

— Qual! Não tem pratica dessas cousas e confia em todos.

A cousa assim foi feita. Alugaram uma casa mobiliada luxuosamente. Arlette figurou como amante de um terceiro socio, e o ingenuo perdeu no jogo bem a metade da sorte grande, enquanto bebia o olhar da franceza. O lucro foi distribuido proporcionalmente com todo o rigor commercial.

Macieira prosperou e foi fazendo a sua carreira na politica. Essa pequena anedota

poucos conhecem, mas a sua ligação era quasi publica.

Arlette ficou na vida do senador como um amuleto de felicidade; e a familia a teve do mesmo modo, conformando-se a mulher com a existencia da franceza nos habitos do marido.

Macieira era insinuante, geitoso, tenaz e prestativo e, com a patrulha avançada de Arlette, conseguia tirar da politica o que esta não devia dar.

O caso da venda da Estrada de Ferro interessava á franceza, mas Macieira que pedira votos não dava a transparecer nenhum interesse. De resto, havia tantos empenhados no caso que não valia a pena gastar energia. Arlette, porém, não pensava do mesmo modo e não cessava, com o auxilio de Fuas Bandeira, de trabalhar para que o Brasil se educasse na iniciativa particular, como dizia o jornalista.

Quem tivesse negocios, pretensões, requerimentos no Congresso, dentre as muitas outras influencias decisivas, procurava logo a amante de Macieira. Os seus conhecimentos e relações se estendiam nas varias camadas sociaes e recebia na rua cumprimentos discretos de pessoas importantes. Nem sempre o seu trabalho era remunerado; muitas vezes interessava-se por compaixão e por bondade.

Morava no Flamengo e tinha uma casa principesca e risonha, que saltava de um jardim bem tosado, olhando Jurujuba do outro lado. Recebia, dava pequenas festas, jogava-se em sua casa e muita moça de boa familia teve desejos de lhe ver as salas.

Gostava do interior, sabia encantalo e aos criados educava com um geito peculiar, de modo a tel-os durante annos, sem queixas nem ralhos.

Nas salas do seu chalet, muita cartada politica foi jogada, muita traição foi combinada com segurança, pois, em geral, as suas visitas femininas eram de actrizes, cantoras e damas de semelhante jaez, estrangeiras em geral, tidas por doudivanas e mais do que doudivanas, sem nenhum interesse pelos destinos do paiz.

Fuas e Macieira, com outros parceiros, entre os quaes o mais assiduo era o major Crotalo, formavam lá, quasi diariamente, uma mesa de pocker, onde se jogavam contos de réis; e foi em uma dessas partidas que se decidiu adoptar Bentes como «belier» contra a chapeada teimosia em que estava o «Velho» na candidatura de Xisto.

Fuas, até, interrompeu a partida, redigiu o manifesto ali mesmo, sobre uma secretaria minuscula e catita de mulher «chic», leu-o a Bentes, foi approved e, ao dia seguinte, publicado num estouro.

Arlette estimou que a sua casa se tivesse assim tornado historica e bemdisse as consequencias do facto, porquanto estava em opposição declarada, desde o véto ao projecto da venda da Estrada de Matto Grosso.

As suas esperanças todas estavam no governo de Bentes, mas, durante o interregno que corria, ella não deixou de trabalhar um pról da iniciativa publica e particular.

Macieira a tinha deixado naquella manhã, sem mesmo almoçar, quando ella foi interrompida na leitura de uma brochura franceza. Annunciavam-lhe a visita de uma senhora. Foi vel-a e logo gostou daquella senhora bem apessoada, elegante, comuns seductores olhos negros, moça ainda, que ficara de pé com tanto donaire. A visita tambem gostou daquella velha franceza que se movia na sua sala com tanto esquecimento de que era della mesma.

— Minha senhora, eu sou viuva do Dr. Lopo Xavier. Não sei si conheceu?

— Conheci... Juiz, não era?

— Sim, minha senhora; e escreveu muito.

— Eu sei... Ouvei falar... Era homem de talento.

— Era, minha senhora; e, ha quasi um anno, requeri ao Congresso uma pensão... A senhora sabe: o montepio é pequeno... não deixou nada... Como a senhora tem alguns conhecimentos, eu...

— Não tenho lá grandes, disse a franceza sorrindo manso; entretanto pedirei aos meus amigos...

— Si a senhora quizer, sou pobre..

— Sim!... Sim!... Eu me interesso, minha senhora. Descanse.

— Então posso contar com a boa vontade da senhora.

— Póde.

A viuva Lopo Xavier poz-se de pé com todo donaire, ajustou a blusa na cintura e saiu agradecendo muito a bondade e o interesse de Mme. Arlette.

Lucrecio Barba de Bóde sabia perfeitamente do valimento dessa dama no animo de varios politicos, mas não quíz incommodal-a visto poder pedir directamente a Macieira. O senador não gostaria que o fizesse e elle, cuidadoso em manter a boa vontade dos enfastiados, não os contrariava nessas pequenas cousas de temperamento.

Como Lucrecio não pudesse ir ao dia seguinte á casa do senador, Bogoloff foi só. Lucrecio tinha passado toda a noite, com outros de sua dedicação, a impedir que fossém affixados pelas esquinas da cidade, boletins em que se diziam duras verdades sobre Bentes; e, tendo falado a respeito com Macieira, o russo poz-se a procural-o sem susto.

Foi recebido Bogoloff no gabinete de trabalho da casa de Santa Thereza. Havia uma mesa rica, cheia de gavetas, com incrustações de marfim e sobre ella, além de objectos proprios para escrever, um ou outro bronze. A mesa era trabalho antigo e de gosto. Havia tambem um armario envidraçado, meio cheio de livros. A obra menos conhecida que lá havia era a «Historia dos Girondinos», por Lamartine, uma traducção portugueza da casa David Corazzi. Além

desta, encontravam-se no armário o «Cesar Cantu», alguns tralhos de direito publico brasileiro e publicações officiaes. Não havia sinão livros em portuguez.

Sentado a uma «voltaire», fumando preguiçosamente, Macieira parecia extremamente concentrado e recebeu o russo, não sem polidez, mas apprehensivo, com poucas palavras, como si não quizesse perder o fio das idéas.

Temendo perturbar a marcha dos pensamentos daquelle guia de povos, após os cumprimentos, Bogoloff sentou-se e encolheu-se em respeitosa reserva. Certamente, Macieira imaginava cousas poderosissimas para a grandeza do Brasil; certamente pensava em algum problema nacional, attinente á agricultura, á industria, ou mesmo ás relações internacionaes do paiz; certamente, naquelle instante, passavam no seu pensamento as condições de felicidade de toda uma população; e o russo calara-se para que as suas parvas palavras não fossem de qualquer fórma estragar a maravilhosa solução que o senador iria encontrar. Ficou arrependido de tel-o procurado. Olhou durante alguns minutos os dous quadros que havia na sala. Eram duas oleogravuras baratas em molduras caras, representando o «Nascerte» e o «Poente» no mar alto.

O senador tirou uma larga fumaça do charuto e a sua physionomia fechada perdeu o ar de concentração. Disse então:

— Ah! Doutor! Esta politica!

Repetiu depois de algum tempo, com uma lamentavel expressão de desanimo, sinão de desgosto, abanando a cabeça:

— Esta politica! Esta politica!

O antigo anarchista que Bogoloff era, sentiu no momento uma certa admiração pelos homens de Estado. Com a visão que lhe veiu ali das suas responsabilidades, das suas difficuldades, da necessidade do emprego, de intelligencia e imaginação que necessitavam as medidas que punham em pratica, veiu tambem por elles um respeito que nunca se tinha aninhado no russo libertario. Sinceramente, disse-lhe este:

— O senador tem razão em estar preocupado, mas um homem dos seus recurros não póde desanimar. As questões mais difficeis se resolvem á custa de muito pensar nellas. Si não for hoje, será amanhã ou depois e o povo brasileiro não perde por esperar uns dias.

Macieira não lhe respondeu logo. Levantou-se da cadeira e respirou com força como si desde muito a preocupação não o deixasse respirar. Era alto e pesado de corpo, tendo uma cabeça redonda e os cabellos embranqueciam de vagar. Foi até á janella, atirou fora a ponta do charuto e respondeu:

— Ah! Bogoloff! Si fosse só o povo, não me preocupava tanto. Elle está habituado a esperar; mas se trata do Chiquinho e as eleições estão na porta.

Sentou-se, calou-se um pouco e o russo não encontrou nada que lhe dizer. Após instantes, continuou, com voz lastimosa:

— Pobre Chiquinho! Tão amigo, tão dedicado, tão leal! Quer ser deputado e eu lhe prometti que o faria; mas não sei por onde! Pelo meu Estado não é possível, o Chico diz que a vaga que vae haver, é para o Nunes. O Chico é muito caprichoso e eu não gosto de contrariar-o. Já falei ao Machado, mas mostrou-me a impossibilidade de servir-me. A vaga do Castrioto, eleito governador, vae para o irmão do Bentes. O Nogueira disse-me que ia ver... Ah! Bogoloff! esta politica é uma burla. Sirvo a todos e, quando quero que me sirvam, não me attendem.

E estendeu os braços para o crucifixo.

Bogoloff esteve muito tempo sem nada dizer, apesar de saber que não é conveniente calar-se deante dos poderosos. O silencio é sempre interpretado mal. Elle conhecia muito pouco o Chiquinho, ou, antes: o Dr. Francisco Cotyassu', bacharel em direito, com um emprego qualquer, e mais nada. Assim mesmo e sabendo o motivo da pressa em fazel-o deputado, adeantou:

— Talvez elle pudesse esperar...

O senador acudiu quasi irritado:

— Esperar! Como? Pois si vae casar-se brevemente, como póde esperar? A fortuna, d'elle é insignificante e o emprego que tem rende a ninharia de novecentos mil réis. Preciso fazel-o deputado quanto antes... Havemos de ver.

A confiança trouxe-lhe o desejo de attende ao estrangeiro:

— Você quer um lugar, onde?

— No Fomento.

— Entende de alguma cousa?

— Entendo. Tenho até idéas especiaes sobre pecuaria.

— Quaes?

— Penso criar porcos do tamanho de bois e bois que cheguem a elephants.

— E' maravilhoso! Como você procede?

— E' uma questão de alimentação. As plastidas... Emfim: processos bio-chimicos, já experimentados em outras partes, que aperfeiçoei.

— Bem, doutor. Vou recommendar você ao Xandu' e lá você expõe as suas idéas.

Redigiu a carta com grande desembaraço e segurança; e Bogoloff saiu com uma recommendação eloquente e persuasiva. No mesmo dia não procurou Costade, o Xandu'; Bogoloff quiz degustar a maravilhosa impressão que recebera da meditação politica. Si fosse ao ministerio, talvez ella se obliterasse. Procurou-o no dia seguinte na sua catita Secretaria de Estado.

Esperou um pouco na ante-sala com pretensões a luxo e majestade. Havia um busto de Floriano e pelas paredes, em télas medias, um prematuro retrato de Bentes e o de uma senhora, D. Annita Garibaldi, certamente uma gloria italiana. Uma collecção de lithogra-

phias occupava grande parte de uma parede; eram os retratos dos ministros passados.

Pelas cadeiras, havia aquellas physionomias tristes das ante-salas dos ministerios. Pobres e remediados, pretos e brancos, mulheres e creanças, moços e velhos, todos compungidos, incertos, esperavam a graça do Estado quasi õivina. Uma atmosphera de angustia.

Os continuos e officiaes de gabinete passavam sem pousar o olhar sobre nenhum dos circumstantes; gordos e bem trajados senhores surgiam por debaixo dos reposteiros e atravessavam a sala sorridentes; as campainhas soavam constantemente. Mme. Fortaible ondulante, encerrada no seu vestido impeccavel, appareceu por entre um reposteiro e foi acompanhada até á porta de saida, por um secretario do ministro.

Bogloff poudo ouvir que ella dizia:

— Os paizanos são muito felizes; nós não temos disso... Meu marido...

E afastou-se não deixando que o russo pudesse ouvir o resto da phrase. Bogloff não estava mal vestido. Tinha adquirido uma sobrecasaca de sarja preta, um collete e calça da mesma fazenda, trazia a barba curta e usava chapéo de feltro. Não se separava do chapéo de chuva; e julgou sempre que esse objecto dá aos brasileiros um aspecto de respeito e ponderação. Começou a perceber que não seria tão cêdo attendido e fez a sua cõrte ao continuo porteiro. Já desanimava, quando os seus olhos deram com Ignacio Costa.

— Oh! doutor! Que ha?

— Precisava falar a S. Ex.

— Pois não... Entre!... Estamos na democracia; os conselheiros já se foram. Estou no gabinete desde hontem.

O continuo afastou-se; elles passaram e Bogloff foi á presença de Xandu'.

Sertava-se o ministro a uma mesa alta, ampla e torneada, inteiramente coberta de papeis, de livros. Nas suas costas, ainda um retrato de Floriano e, ao lado, a uma mesa menor, o secretario que conversava com um official do Exercito.

Acolheu-o Xandu' com uma certa frieza, mas, desde que leu a carta, fez-se prazenteiro e amavel:

— Oh, doutor! Desculpe-me! Desculpe-me! Já me havia esquecido do senhor... Não sabe como ando atarefado. Hoje, já assignei 1.557 decretos... Sobre tudo! Sobre tudo! Neste paiz tudo está por fazer! Tudo! Em dias, tenho feito mais que todos os governos deste paiz! Já assignei 2.725.832 decretos, 78.345 regulamentos, 1.725.384.671 avisos... Um trabalho insano! Fala inglez?

— Não, excellencia.

— Eu falo. Desde que o falei com desembaraço, as minhas faculdades mudaram. Penso em inglez, dahi me veio uma sautar reacção que me interessou todo inteiro. Gosto muito de inglez, com o sotaque americano, Experimente... Nascimento! (gritou para o secretario) já temos aquelle regulamento sobre a «postura» de gallinhas?

Respondeu-lhe o secretario e voltou-se para o russo febril, nervoso:

— O que nos falta é o frio. Ah! A sua Russia! Eu, si quero ser sempre activo, tomo todo o dia um banho de frio. Sabe como? Tenho em casa uma camara frigorifica, 8 grãos abaixo de zero, onde me metto todas as manhãs. Precisamos de actividade e só o frio nos póde dar. Penso em instalar grandes camaras frigorificas nas escolas, para dar actividade aos nossos rapazes. O frio é o elemento essencial ás civilisações... Mas, emendou a alta autoridade, ainda não lhe falei sobre os seus planos. Macieira fala-me aqui das suas idéas sobre pecuaria. Quaes são?

— São simples. Por meio de uma alimentação adequada, consigo porcos do tamanho de bois e bois do tamanho de elephantes.

— Como? Mas, como, doutor?!

— Os meus processos são baseados na bio-chimica e já foram experimentados alhures. O grande chimico e physiologista ingiez Wells escreveu algo a respeito. Não conhece?

— Não.

— H. G. Wells, um grande sabio ingiez de reputação universal, cujas obras estão revolucionando a sciencia.

— Não tenho noticia... E' uma falha... O senhor tem livros deile?

— Tenho.

— Ha de m'os emprestar. Mas... de forma que um boi dos seus, é?

— São quatro, excellencia. Veja só Vossa Ex. que vantagem não traz.

— Magnifico! E' um portento o seu methodo de criar. E o tempo de crescimento, doutor?

— O commum.

— E' uma maravilha. No mesmo tempo, com um mesmo animal, o senhor obtem effectivamente quatro?

— E' verdade.

— Quatro! Estás ouvindo, Nascimento?

O secretario respondeu ao ministro e continuou mergulhado no expediente. O official tinha partido. Um continuo veio dizer-lhe qaulquer cousa. O ministro mandou-o para o secretario.

— Doutor, o senhor é verdadeiramente magico. Por que não me disse isto ha mais tempo?

— Já lhe havia dito na casa do senador Neves Cogominho.

— Ah! E' verdade!

— Não se cifram nisso, excellencia, as vantagens dos meus methodos.

— Ainda tem outros?

— Tenho; como não?

— Quaes?

— Ainda consigo a completa extracção dos ossos do meu gado.

— Completa?

— E' um modo de dizer. Reduzo-os ao minimo, quando chegar á época da matança, e os transformo em carne no animal vivo.

— Que gado lhe serve?

— Qualquer! Suisso, francez, inglez... Não faço questão; o essencial é haver boi.

— E os porcos?

— Também! Qualquer!

— Extraordinario! Estás ouvindo, Nascimento!? gritou para o secretario.

O acolhimento que dispensou aos seus projectos o excellentissimo senhor ministro do Fomento Nacional, animou o russo a improvisar novos processos que levantassem a pecuaria do Brasil. Xandu', com o cotovello direito sobre a mesa e a mão respectiva na testa, considerava Bogoloff com espanto e enternecido agradecimento.

— Ah! doutor! disse elle. O senhor vae dar uma gloria immortal ao meu ministerio.

— Tudo isso, excellencia, é fruto de longos e acurados estudos.

Xandu' continuava a olhar embevecido o russo admiravel; e este adduziu com toda convicção:

— Por meio da fecundação artificial, excellencia, injectando germens de uma em outra especie, consigo cabritos que são ao mesmo tempo carneiros e porcos que são cabritos ou carneiros, á vontade.

Xandu' mudou de posição, recostou-se na cadeira; e, brincando com o monoculo, disse:

— Singular! O doutor vae fazer uma revolução nos methodos de criar! Não haverá objecções quando á possibilidade, á viabilidade?

— Nenhuma, excellencia. Lido com as ultimas descobertas da sciencia e a sciencia é infallivel.

— Vae ser uma revolução!...

— E' a mesma revolução que a inimica fez na agricultura. Penso assim ha muitos annos, mas não me tem sido possível experimentar os meus processos por falta de meios; entretanto, em pequena escala, já fiz.

— O que?

— Uma barata chegar ao tamanho de um rato.

— Oh! Mas... não tem utilidade.

— Não ha duvida. Uma experiencia ao meu alcance, mas, logo que tenha meios...

— Não seja essa a duvida. Emquanto eu for ministro, não lhe faltarão. O governo tem muito prazer em ajudar todas as tentativas nobres e fecundas para o levantamento das industrias agricolas.

— Agradeço muito e creia-me que ensaiei outros planos. Tenho outras idéas!

— Outras? fez em resposta o Xandu'.

— E' verdade. Estudei um muthodo de criar peixes em secco.

— Milagroso! Mas ficam peixes?

— Ficam... A sciencia não faz milagres.

A cousa é simples. Toda a vida veiu do mar, e, devido ao resfriamento dos mares é á sua concentração salina, nãs épocas geologicas, alguns dos seus habitantes foram obrigados a sair para a terra e nella criarem inteiramente meios thermicos e salinos eguaes áquelles em que viviam nos mares, de modo a continuar perfeitamente a vida de suas cellulas. Procedo artificialmente da forma que a cega natureza procedeu, eliminando, porém, o mais possível o factor tempo, isto é: provoço o organismo do peixe a criar para a sua cellula um meio salino e thermico egual áquelle que elle tinha no mar.

— E' engenhoso!

— Perfeitamente scientifico.

Xandu' esteve a pensar, a considerar um tempo perdido, olhou o russo insistentemente por detrás do monoculo e disse:

— Não sabe o doutor como me causa admiração o arrojo de suas idéas. São originaes e engenhosas e o que tisna um pouco essa minha admiração, é que ellas não partam de um nacional. Não sei, meu caro doutor, como é que nós não temos desses arrojos! Vivemos terra á terra, sempre presos á rotina... Póde ir descansado que a Republica vae aproveitar as suas idéas que hão de enriquecer a patria.

Ergueu-se e trouxe Bogoloff até á porta do gabinete, com o seu passo de rheumatico.

Dentro de dias Gregory Petrovitch Bogoloff era nomeado director da Pecuaria Nacional.

## CAPITULO VII

Houve sempre quem se zangasse com os estrangeiros que perguntavam lá nas suas terras, se aqui, nós andavamos vestidos; e concluisse dahi a lamentavel ignorancia dos povos europeus. Essa irritação trouxe aos nossos dirigentes, diplomatas e gente do mesmo feitio de espirito, a necessidade de pensar em medidas que levassem os francezes a ter uma mais decente reputação de nós mesmos. Aborrecia-se essa gente tão bonita, tão limpa, tão elegante que não vissem o Brasil nella, mas nos indios nu's, nas serpentes, nas florestas e nas feras. Era um erro palmar de geographia que precisava ser emendado de vez e apagado do espirito estrangeiro essa feição tão deprimente para a nossa

patria. Ha quem pense que dahi não advem mal algum; que a representação de um paiz na imaginação de outro povo ha de ser sempre inexacta; e, na de um paiz de segunda ou quarta ordem, feita por estranhos, ha de dominar forçosamente o aspecto mais nitidamente differente que elle possuir.

Outra fonte de irritação para esses espiritos diplomaticos estava nos pretos. Dizer um viajante que vira pretos, perguntar uma senhora num «hall» de hotel si os brasileiros eram pretos, dizer que o Brasil tinha uma grande população de côr, eram causas para zangas fortes e tirar o somno a estadistas acclamados. Ainda ahi havia um lamentavel esquecimento de um facto de pequena observação. Hão de concordar esses

candidos espiritos diplomaticos que o Brasil recebeu durante seculos muitos milhões de negros e que esses milhões não eram estereis; hão de concordar que os pretos são gente muito differente dos europeus; sendo assim, os viajantes pouco affeitos a essa raça de homens, hão de se impressionar com elles.

Os diplomatas e jornalistas que se sentiam offendidos com verdade tão simplesmente corriqueira, esqueciam tristemente que por sua vez a sua zanga offendia os seus compatriotas de cõr; que essa resinga queria dizer que estes ultimos eram a vergonha do Brasil e o seu desaparecimento uma necessidade.

Os viajantes estipendiados, dessa ou daquela fõrma, pelo thesouro, nas obras e artigos que publicavam, tinham sempre o cuidado de dizer que não havia mais febre amarella e o preto desaparecia. Um, o Sr. Manoel Bernardes, teve immensas alegrias quando não viu negros no porto de Santos e levou essa novidade ao mundo inteiro, por intermedio de seu livro.

Os nossos diplomatas e quejandos, com esse tolo e irritante feitio de pensar, quizeram apoiar a sua vaidade em uma philosophia qualquer; e combinaram as hypotheses sobre as desigualdades de raça com a selecção guerreira, pensando em uma guerra que diminuisse os negros do Brasil.

Não podendo organizar uma verdadeira «reserve for the blacks», decretar cidades de residencia, estabelecer o isolamento «yankee», pensaram na guerra em que morressem milhares de negros, embora ficando as negras a parir bebês brancos.

Não convem discutir o valor de semelhante proposito e demonstrar esse projecto dos nossos diplomatas com peças officiaes seria vão. Ha inequivocas manifestações desse espirito nos jornaes e fóra delles; e ellas indicam perfeitamente esse pensamento occulto, esse tacito desejo dos nossos homens viajados e influentes.

Por momentos, esse espirito tomou um grande ascendente sobre a nossa administração e quiz concluir a sua obra de embellezamento de cidades, organizando um exercito para a guerra futura. Necessitou de uma figura de um general. Os que se haviam notabilisado no Paraguay tinham desaparecido e os velhos officiaes que tinham por lá passado, estavam cansados. Sabe toda a gente que quando um grupo social tem um pensamento fortemente commum e deseja realisá-lo, inconscientemente procura um individuo em que incarná-lo e por elle executar o seu designio. Nos generaes que frequentavam os corrilhos politicos e proximos, havia a esperança.

Era um commandante, simplesmente commandante, minucioso na administração do seu batalhão, mas com cujo auxilio, os jovens officiaes, tendo nos olhos o exemplo dos paizes militares, julgaram ser possivel crear um exercito á prussiana. No seu temperamento, na sua personalidade facilmente im-

pressionavel, ductil e malleavel, que não guardava impressões e não fazia com ellas um «eu» seu, um pensamento proprio, era facil influirem essas suggestões e representar elle o papel. Os politicos levaram-n'o aos pinaculos da carreira e da administração; e os jovens militares fizeram-n'o organizar espectaculosas manobras e tomar attitudes guerreiras.

Com o ascendente dos diplomatas, nesse instante alliados aos guerreiros, Bentes ganhava prestigio e parecia ir ser o executor do pensamento de ambos os grupos. Ha, porém, entre os militares uma corrente mais forte que a daqueles que querem um exercito adestrado, automatico, garboso e eficiente; é a dos politicos. Não que elles sejam eleitores ou deputados; o que elles são é crentes nas virtudes excepcionaes da farda para o governo e para a administração. A farda, a longa e pesada tradição que representa e evoca, promette muito a todos que a vestem; e os militares não pesam os meios de que dispõem para realisar esse muito que lhes é prometido. Para elles, o uniforme dá qualidades especiaes; todos são honestos, todos são clarividentes, todos são energicos. A tradição de Floriano, sempre mal analysada e sempre falseada em grandesa e poder, muito concorre para isso e faz repercutir no povo a concepção quarteleira.

Ha até doutrinadores a affirmar que os grandes factos politicos e sociaes do Brasil têm sido realisados pelos militares. O Exercito, escrevem elles, tem levado este paiz ás costas. Ainda não havia Exercito brasileiro, pois ainda o Brasil não era independente, e já aquelle fazia a Independencia com as milicias paizanas. A abolição foi feita porque um tenente não quiz apanhar escravos fugidos. E' bem possivel que esse official não o quizesse fazer por espirito de casta ou classe; que julgasse talvez incompativel com a dignidade de seu officio semelhante diligencia; mas os theoristas não se detêm. O que aconteceu foi o que se daria hoje si se mandasse o Exercito executar as funções de policia. Parece.

Justificada vagamente a excellencia da politica dos militares, não é de admirar que tal convicção se haja solidificado nos espiritos, tanto mais que os doutrinadores especiaes não têm merecido a critica que exigem. Lamentavelmente não se tem mostrado a elles que a sua theoria no que é peculiar ao Brasil tem vicios insanaveis; e no que toca ao mundo esquecem a consideração que durante muito tempo não houve militares nem civis e a casta dominante, donde saiam os governantes, era forçosamente a de guerreiros.

Popular entre os militares a doutrina, pondo na ascensão de um delles ao poder grandes esperanças de solver pequenas difficuldades, não é de espantar que Bentes, prestigiado pelos diplomatas, gabado nos

jornaes, se fizesse em pouco tempo o chefe primacial que não existia.

Com uma docilidade espantosa, foi ao encontro das suggestões e as acabava. Um jornal, pela penna de seu chronista militar, por occasião de uma revista, disse que Bentes, a cavallo, pequeno busto, era bem um qualquer general japonez. Bentes gostou da lembrança e, como esse general tivesse o vicio do havana que não largava da boca, esforçou-se elle tambem por não largal-o dali em deante.

Bem cedo, alliaram-se os militares politicos e os organisadores da nação armada em torno da figura que nascia toda inteira do pensamento diplomatico. Sob o pretexto de reorganisação, alargaram os quadros, fizeram-se centenas de promoções e esse alargamento dos quadros era justificado pelo sorteio militar.

A opposição foi grande e não houve expediente por mais inconfessavel que fosse, que não empregassem os interessados para arrancar a lei constitucional á facilidade do Congresso e á timidez do presidente.

Feitas as promoções, creadas as repartições em que os militares se fizeram placidos burocratas, a popularidade e prestigio de Bentes no Exercito foram os de um general victorioso que tivesse repellido o invasor.

A creação dos diplomatas, porém, ia tomar outro rumo; o seleccionador da população não queria mais o papel. Julgou-se estadista, ficou convencido que o era, graças aos ascendentes e os signaes cabalísticos do seu annuncio. O despeito dos politicos com a candidatura de Xisto foi ao encontro da apocalypse militar; e Bentes pesou na escolha do successor presidencial com uma revolução na retaguarda.

A primeira impressão que se teve foi de estupor. Aquelle motim branco, aquella revolução de palacio, de serralho, não estava nos nossos habitos. Ninguem tinha percebido esse lento trabalho occulto; ninguem tinha notado e não notava as interferencias dos diversos espiritos dos grupos que Bentes representava e o seu acto foi no ar, espantando e aterrando como si fosse um braço que se agitasse no espaço sem inserir-se em um corpo qualquer.

Depois, passado o espanto, houve a irritação causada com aquella subita fortuna. A opinião só as admite assim, as de dinheiro; mas as outras, que ella está habituada a ver obtidas lentamente, passo a passo, quando o são de outra forma, chocam e ferem as noções que o consenso geral já tem firmes no espirito.

Esquecia o povo todos os seus defeitos, todas as suas insufficiencias, si a ascensão fosse feita aos poucos, normalmente, sem violencias disfarçadas e coacções meio confessadas; e a irritação da multidão, da opinião, descarregou-se, transformou-se em riso, em riso sardonico, como sabe sempre rir a massa, dos tyrannos que são ao mesmo tempo tyrannisados.

Não foram todos os politicos que o acceitaram; foram alguns chefes, um dos quaes era Macieira, que viu logo como podia aproveitar a situação; e Bastos, apesar de toda a sua força apparente, admitiu-o, acceitou-o, por uma consideração de defesa e conservação pessoaes. Neves Cogominho e os outros homologaram a escolha; e todo o esforço destes foi simular que o fizeram com liberdade e convencer Bentes de que muito lhes devia.

Solicitado por uma corrente de interesses, solicitado por outra contraria, Bentes oscillava doidamente, como um espantalho sob o vendaval. Os adeptos sem se entenderem entre si, só se comprehendiam na bajulação intrene, com que incensavam o feitico — bajulação que crescia em proporção aos ataques.

Políticos aposentados e esquecidos, agitadores infelizes foram trazidos á tona e, do exagero de adulação, penitenciavam-se todos troçando na intimidade o manpanso que tinham creado.

Um antigo politico gabou mesmo a ignorancia como fecunda no governo, affirmando mesmo a sabedoria como prejudicial ao paiz; e Ignacio Costa, em conversa com Benevenuto, confirmou a sentença:

— Soberania? Bacharelismo?... Nada! Nada!... Acabemos com essa pedantocracia bacharelesca...

Benevenuto disse-lhe então pacientemente:

— Ignacio, queres ouvir uma historia? É uma lenda que corre entre os Fellahs. Como tu sabes, são suppostos representantes dos contemporaneos dos Pharaós. Contam elles que, por occasião da conquista do Egypto pelos arabes, o escriba Hué-tep despartou do tumulto. São casos que se passam frequentemente nessa vasta necropole que é o Egypto. Hué-tep ergueu-se do tumulto, tirou a sua mascara funeraria e viu toda a brutalidade de Omar e os seus sequazes. Reparou que não gostavam dos rôlos de papyros e não tinham em grande conta o seu velho saber de estylisar em bellos caracteres demoticos os grandes factos das dynastias. Hué-tep, resuscitado do tumulto por aquelle tropel, não sabia como viver. Tinha uma lingua tão differente e os recém-chegados odiavam a escripta. Como havia de ser?

Estava pensando, já fóra do tumulto e sentado sobre a extremidade de uma agulha de granito, quando um «caid» arabe, com a cabelleira untada de graxa, aproximou-se e perguntou-lhe: — Que fazes, meu velho? — Vim de entre os mortos e não sei o que hei de faezr. — Quando vivias, que fazias? — Escrevia; era escriba de Phon-Chué, ministro do poderoso Amenem-Set. — Isto está fóra de moda. Não vês porque o Egypto com os seus tres imperios, desapareceu? Foi a escripta... Nada de escripta! Fóra os preparados. E logo o escriba da maravilhosa letra ficou convencido dos maleficios que a sua habilidade representava,

e, seguiu o «caid», que lhe dava tamaras e mel de quando em quando.

O escriba Hué-tep, que só fôra estimado pelo seu saber e pela sua linda letra, começou a aconselhar a quebra dos monumentos e a queima das bibliothecas; e foi por isso, dizem os Fellahs, que o Egypto ficou esteril.

— Eu sei, doutor. Eu sei... Mas esse saber ahi não é saber que valha.

— Mas qual é o teu saber, Ignacio?

— É a sciencia positiva... Não admitto essa jurisprudencia, esse direito.

— Por que?

— Porque não é positivo.

— Quem te diz que o teu é?

— Doutor, o senhor é um metaphysico... Não se pôde conversar com o senhor. Nós precisamos, doutor, de aperfeiçoamento moral; e devemos ter por principal escopo a incorporação do proletariado á sociedade moderna.

Quasi sempre Benevenuto, depois do jantar, vinha áquelle café espairecer e conversar com um e outro conhecido. Não tinha companheiro certo, mas era raro que encontrasse Ignacio Costa. A's noites, raramente este saia de casa; mas, por aquella época de grande actividade politica, elle as aproveitava para ir a esta ou áquelle casa de pessoa influente, principalmente á de Bentes que vivia cheia. De resto, quando o não fazia, corria os cafés, as redacções dos jornaes, buscando novidades, num temor constante que Bentes se evaporasse de uma hora para outra.

O primo de Edgarda encontrara ali Ignacio e estavam a conversar amigavelmente, quando Lucrecio approximou-se da mesa e, de pé, apoiado ao guarda chuva, disse sem mais cumprimentos:

— Sabe... com licença, doutor... mataram o Zéca das Telhas.

A Benevenuto pareceu que se tratava de alguma relação de Ignacio, mas este indagueou com indifferença:

— Quem é?

Lucrecio tinha nas faces o temor estampado e, de vez em vez, olhava os lados cautelosamente:

— Um rapaz... Um rapaz dos nossos... amigo do Tôtonho...

— Quem foi?

— O povo!

Barba de Bode pronunciou esta palavra e respirou alliviado; Benevenuto levantou-se e foi passar o resto da tarde em lugar menos povoado de novidades politicas.

Lucrecio sentou-se e contou os pormenores da execução popular. Zéca era antigo aprendiz de marceneiro. Alistara-se no bando de Tôtonho, fizera diversas desordens e mesmo mortes. Tinha andado socegado um pouco, devido á policia; ultimamente, porém, voltara mais terrivel. Extorquia dinheiro a todos do bairro, de revólver em punho, especialmente dos negociantes, gostando tambem de fazel-o alta noite aos jogadores felizes. As queixas eram muitas, a policia o

prendia, mas sempre o Dr. Campello ou Tôtonho soltavam-n'o. Naquella noite, no largo do Machado, intimara um cocheiro de carro a dar-lhe algum dinheiro. O «Capote», tal era o appellido do cocheiro, não accedera e Zéca matara-o a facadas. Perseguido pelos colegas do morto, outros populares se vieram juntar e, quasi em frente ao palacio do Cattete, fôra morto a tiros de revólver.

— E a policia? perguntou Ignacio.

— A policia não pôde nada.

Ignacio não viu bem como ligava esse acontecimento ao destino da candidatura de Bentes. Pareceu-lhe ver naquella attitude dos populares, alguma cousa de mais effectivo na manifestação de sua opinião; e notou que Lucrecio estava amedrontado assustado, como si o povo estivesse a gritar sempre: Mata! Mata! Lyncha!

A noticia desse facto teve uma pungente repercussão na cidade. As proezas do assassinado, arroladas pela policia e não punidas, que os jornaes publicaram, deram aos habitantes a idéa de que estavam á mercê do mais audaz. Mesmo a frouxidão das autoridades em apurar tão grave facto indicava que se julgavam felizes por se verem livres do pesadello que o desordeiro representava; e, si assim era, si não tinham procedido contra elle na fórma da lei, denunciava que estavam coagidos, manietados, deixando a fortuna, a honra, a segurança de cada um entregues á sanha dos desalmados de que a politica precisava para aterrar, asphyxiar a opinião e as consciencias.

Numa, na manhã seguinte, conforme o seu habito, depois de ter tomado café, propoz-se a ler os jornaes. Com os acontecimentos, a sua leitura era mais descansada e curiosa, estendendo-se a jornaes de todos os matizes e feições.

Os periodicos ephemeris, as revistas comertarias, elle os lia ou fazia a mulher lel-os, cauteloso como andava em perscrutar a marca dos factos, em precaver-se contra as intrigas, em descobrir de que fórma os seus collegas no entusiasmo pela candidatura do general enxergavam a sua situação politica.

Amanhecera chovendo, um chuvisco fino e intermitente. O dia era indeciso. As arvores tinham um verde contente e as montanhas estavam encobertas. A velha D. Romana, que raramente se interessava peios acontecimentos, veio perguntar a Numa:

— Doutor, estão matando gente na rua?

Ficou entre os humbraes da porta. Como que a velha tinha medo de avançar e perguntava com toda a sua forte e boa velhice:

— Doutor, estão matando gente na rua?

Numa descansou a folha e respondeu com acanhamento áquelle pergunta em que havia algo de censura maternal:

— Não... Não... Um desordeiro... Não foi nada, D. Romana; isso acontece em toda a parte.

Esteve a velha ainda instantes de pé olhando o marido da neta sem dizer palavra, mas a interrogal-o com os olhos. Numa evitava olhal-a e os encargos domesticos chamaram-n'a ao interior da casa.

Não se espantou o legislador com o caso, mas sentiu no acto dos populares um desaforo, uma insolencia. Governo é governo; e si protegia o homem...

A mulher veio tomar café na sala em que o marido lia os jornaes. Já sabia vagamente do facto e inqueriu:

— Numa, que fuzilamento é esse que os jornaes trazem?

— Um caso á toa... Um sujeito matou outro e o povo matou-o.

— Por que?

— Por que? Porque matou o outro.

Acabando de tomar café, Edgarda correu os jornaes e leu o facto. Não tinha, como o marido, pratica desses actos de politica e não sabia que esta exigia tanto. A sua impressão foi de desmencamento. Tudo caía, a lei, a ordem, a autoridade; e na barbaridade dos entrechoques de paixões, a paixão irreflectida da multidão teria de dominar... Acertaria sempre? Teria acertado?... Por que aquelle calaceiro saqueava em pleno Rio de Janeiro? Por que?

Era a politica, era Campello a garantir-lhe a impunidade e, mais alto, os protectores de Campello dando a este mão forte e prestigio... O Estado é uma coacção organizada, essa coacção cessava por abdicção do proprio Estado... Era o ruir de tudo... Onde nos levaria tudo isso?... A sua colaboração não seria criminosa? Tinha direito perante a sua propria consciencia de contribuir para semelhante ruína? Sentiu perfeitamente que esse afrouxamento da lei e da autoridade tinha por fim recrutar dedicações aos ambiciosos antipathicos á opinião. A coacção legal do Estado fizera-se para uma mascarada eleitoral, ameaça de valentão... No afan de fingir que Bentes era desejado, os apparatus de compressão governamental não tinham o cynismo de impol-o á força de baionetas. Tergiversavam, simulavam uma escolha regular; era a homenagem que o vicio prestava á virtude. Como a opinião não se revoltava? Tinha medo?... Parecia impossivel, mas si não tivesse... Crime maior lhe pareceu a coacção que se fazia á consciencia da nação.

Com que direito? Em nome de que? Não eram interesses secundarios que se sobrepunham, com baionetas, garruchas, facas, á manifestação da vontade de um paiz, interro? Não era um syndicato profissional que queria tirar de Bentes os lucros de seu monopolio? A maldição veria sobre elle e sobre ella tambem, que, por simples vaidade, não falava claramente... Mas, si fizesse, que havia de ser, que adeantaria? Numa não voltaria deputado; ella não seria a esposa do eloquente parlamentar; as outras não a olhariam com respeito e a sua fortuna não teria essa moldura; seria a for-

tuna vulgar, corriqueira, da mulher de um negociante qualquer.

— Esse caso vae ter éco na Camara, disse ella.

— Penso tambem. A opposição vae aproveitall-a e fazer um cavallo de batalha. Não me metto na discussão.

— Não faça isso... E' bom sempre dar uns apartes... Naturalmente vão censurar a policia.

— Qual policia! Você não reparou que o homem é protegido do Campello! Vão censurar a todos nós, atacar-nos.

— Os commentarios de Fuaes encaminham um pouco a opinião que você deve ter. Você leu?

— Li e já sei dos casos que tem havido em outros governos.

— Os opposicionistas pódem achar certas differenças.

— Quaes são?

— E' que o de hoje vivia a extorquir dinheiro á mão armada, desde que o Velho deixou o governo, com sciencia e aviso á propria policia que não tomou providencias. Você não acha?

— Que tem isso?

— Você sabe bem... Você não está na Camara.. A policia não tomou providencias porque vocês...

— Nós?... Eu, não.

— O partido de vocês...

— Campello.

— Sim, Campello o acoutava.

A mulher retirou-se e Numa um instante considerou a gravidade do facto. A abdicção delles, os politicos, tinha afrouxado, si não cortado todos os laços sociaes. Ficou surprehendido por ter virificado isso, elle que, em Catimbáo, julgava de somenos essas cousas de assassinatos...

Na sala em que estava, ouviam-se longiquamente os ruidos da rua, o zumbido dos electricos, o buzinar dos automoveis, o prego dos mercadores, mas, assim mesmo, sentia a palpação do Rio de Janeiro, capital do Brasil, cheia de commodidades, mas de opposição e de critica.

Embora no logar em que estava não visse o portão, Numa teve idéa de que elle fôra aberto. Devia ser uma visita. No começo, eram raras; mas, ultimamente, se multiplicaram. Não havia projecto em que o seu voto não fosse solicitado por uma meia-duzia de empenhos. Muitas vezes, os pedidos eram contrarios á sua disciplina partidaria, e negando-se a attendel-os creava antipathias. Como queriam que fossem independentes? De um lado, o partido, e de outro, os interessados? Como havia de ser? Para não errar, para a sua segurança, votava sempre com o partido.

Os jornaes e o povo debochavam o Congresso, faziam-lhe as mais acerbas criticas e cobriam os deputados de epithetos os mais despreziveis. Não se entendia o povo! Dizia isso, proclamava a inutilidade do Parlamento, desmoralisava-o; entretanto, queria que resistisse aos assaltos, ás ameaças do po-

der. Estariam os deputados muito aviados, si lhe seguissem os conselhos. Seriam tocados da Camara, expulsos e então não valeria mesmo mais nada o Congresso. A visita entrou; era Mme. Forfaible. Edgarda acompanhava a generala e conversavam garrulamente. Numa teve presentimento de que ella vinha interessar-se pelo projecto das desaccumulações. Que diabo! Não sabia como votar!... O governo, uma nora fazia questão, outra diziam á socapa que vetaria... Temia incompatibilisar-se e ficar incompativel, tanto mais que Bentes parecia ser contra. Tinha mesmo dito: «Eu sou pelas desaccumulações bem entendidas.»

A senhora entrou e toda a sala animou-se com a sua presença.

— Doutor, bom dia! Já sabe da ultima novidade? O Gomensoro casa-se com a copeira da pensão. Esse Gomensoro, Edgarda, é muito engraçado. Você sabe como foi o casamento d'elle? Vou contar. Elle pinta os bigodes. Outro dia, não tendo tempo de pintal-os completamente, saiu com a metade do bigode branco. Na sala, ao tomar a escada, alguém disse: Coronel, o senhor está com o bigode sujo. A menina, a noiva a copeira...

— Não era copeira, Alice; disse Edgarda.

— Enfim, a noiva observou por ahi: Não é verdade dizer que a metade do bigode do coronel está sujo, o que ella está é limpa.

— Por isso casou-se? perguntou Numa.

— Por isso. Vae comer bem bons quitutes, certamente.

— Como você sabe disso, Annita?

— Eu não sou muito propria para saber, mas certamente Gomensoro não será tambem. Está tão velho...

— Nem tanto, disse Numa.

— No almanaque; a egreja talvez não seja da mesma opinião... Doutor, outra cousa: preciso do seu voto para serem rejeitadas as taes desaccumulações. Manoel não pôde viver sem os vencimentos de professor...

— Minha senhora...

— Olhe, doutor, nós ficamos inimigos...

— O povo...

— Que tem o senhor com o povo? O povo não vale nada... Não vê como elle não quer Bentes, como si pudesse ter opinião dessas cousas. Não acha, Edgarda?

— Olha, Alice, eu não sei bem si elle pôde ter ou não.

— Você é socialista. Não sei como você, filha de senador e mulher de deputado, pôde ter idéas tão estrambolicas. Então, doutor, como vota?

— Minha senhora...

— Seja franco: como vota?

— Depende.

— Edgarda, como vae votar o marido de você?

— Isso é lá com elle; não tenho nada com isso.

— Pois olhe, minha filha, não é o que dizem por ahi.

Numa e Edgarda entreolharam-se e Mme. Forfaible insistiu:

— Quero uma resposta, doutor.

— Minha senhora, voto com o «leader».

— Está bem. Você sabe, Edgarda, vim só com café...

— Você quer almoçar commigo?

— Não. Falar em almoçar... Você sabe quem me convidou a jantar com elle ha dias, em «tête-à-tête»?

— Quem?

— O Albuquerque. Não conhece, doutor? O poeta Albuquerque...

— Conheço. Recita muito bem.

— Elle convidou e você acceitou? perguntou Edgarda.

— Quasi! Albuquerque está fazendo um poema... Você não gosta dos versos d'elle?

— Não são máos. Por que você não jantou com elle?

— Que diriam?

— Ah! fez Numa victoriosamente. Ahi, a senhora respeita a opinião...

— Sim, respeito. Mas, para fazer um presidente da Republica, precisa saber-se da opinião do carnicheiro, do padeiro, do vendedor de jornaes, do tripeiro? Ora!

Numa nessa questão de accumulações, sabedor como era do grande numero de pessoas a que ella interessava, tinha procurado sondar a opinião de muita gente. Em Fuas, não pudera descobrir estrella que o guiasse. As suas opiniões, tanto por escripto como pronunciadas, eram cheias de duplicidade, de evasivas, de restricções. Todas ellas admittiam que o cidadão tivesse dous ou mais empregos quando fossem de natureza technica, quando não houvesse capacidades sinão em um individuo para preencher-os. Fazer taes restricções era continuar a manter as accumulações. Por que, então, querer a solemnidade de uma lei especial? Fuas, que era ladino, podia bem oriental-o; Numa, porém, não gostava da sua intimidade. Elle o tratava com uma condescendencia superior, como si fosse Fuas o legislador, o deputado. Si bem que precisasse d'elle, essa attitudo do jornalista teria-o e tirava-lhe a acuidade nas perguntas, as lábias para surprehender-lhe a opinião. Na verdade, Fuas pouco se incommodava com a questão; os seus interesses se haviam voltado para Bogoloff.

E' caso que o director da Pecuaria Nacional logo que tomou posse do seu logar, procurou Xandu' com quem teve uma conferencia, na qual mostrou a necessidade de dar começo ás experiencias dos seus processos de fazer de um boi quatro e fabricar carneiros que fossem ao mesmo tempo cabritos.

— Não ha duvida, doutor, organize o seu plano, disse Xandu' com toda a segurança; exponha o que necessita, pois aqui estou eu para fornecer-lhe os meios. O doutor comprehende perfeitamente que tenho o maximo empenho em levar avante esse emprehendimento, não só porque é de um

valor scientifico extraordinario, como tambem offerece aspectos praticos de alcance transcendente. Demais, a gloria que lhe couber tambem será partilhada pelo meu ministerio...

Concertou o monoculo na arcada orbitaria e continuou com calor:

— Sou pela pratica, pela actividade util. Hoje, por exemplo, tenho que assignar 2.069 decretos e levo ao presidente 412 regulamentos, entre os quaes um sobre a postura de gallinhas, que lhe vae agradar muito. Este paiz nunca teve ministros... Não se dedica á avicultura, doutor?

— Não; mas os meus processos são geraes, destinam-se a toda a especie da criação de animaes. Havemos de experimenta-los, si V. Ex. me fornecer os meios necessarios.

— Não ha duvida. Faça o orçamento.

Não se demorou muito Bogoloff em organisal-o com todo o capricho. Nelle, além de muitas cousas, exigia dez auxiliares habéis, praticos e sabidos na bio-chimica, os quaes deviam ser contratados na Europa; exigia tambem um numeroso pessoal subalterno; pedia uma fazenda e uma grande verba para material e aparelhos.

Só em pessoal gastavam-se quatrocentos contos e outro tanto com a fazenda, aparelhos e material. Fuas, sabedor do caso, pôz algumas observações no seu jornal sobre a criação da Estação Experimental de Reversão Animal e Quadruplicação dos Bois. O russo procurou-o, os commentarios cessaram e Fuas ficou encarregado da aquisição da fazenda, material e aparelhos.

Vencido esse pequeno tropeço, Bogoloff procurou o ministro, a quem apresentou o orçamento:

— Não lhe posso dar resposta já, meu caro doutor. Estou muito atrapalhado... Neste paiz está tudo por prover e eu trabalho dia e noite. Nunca teve ministros e um que vem com disposições de trabalhar, esgota-se em pouco tempo... Imagine, que não pude tomar hoje o meu banho de trio, tanto estou atrasado!... Um dia em que não o faço, volto a ser o brasileiro molie que os senhores conhecem... Assim mesmo já assignei 382 decretos e organizei 49 regulamentos... Ah! Doutor! Este Brasil precisa de frio, muito frio!

Despediu-se Bogoloff do homem tão activo e voltou ao seu gabinete de Quadruplicação de Bois, que era no proprio edificio da secretaria. Fuas esperou o resultado durante um mez e o trabalho do russo na Direcção da Pecuaria Nacional limitava-se, durante esse tempo, tão somente a assignar os registos dos estabulos e vaccarias da cidade.

Fuas Bandeira desesperou e foi tratar de outros negocios; mas Bogoloff que era mais tenaz esperou pela decisão de Xanau'. Houve um dia em que o ministro o chamou e falou-lhe a respeito da sua Pecuaria intensiva:

— Li o seu orçamento e a sua expo-

sição. Muito bons, ambos! O orçamento está um pouco salgado. Por que o senhor quer um laboratorio de chimica tão completo?

— V. Ex. comprehende, disse-lhe o doutor russo, que os nossos processos se baseam na bio-chimica, dahi essa necessidade.

— Não ha duvida, concordo; mas o doutor podia bem dispensar a fazenda.

— E os meus bois, onde viveriam? Não acna V. Ex. necessario pastagens?

— O seu methodo não se basea na alimentação artificial, doutor?

— Basea-se na super-alimentação chimica.

— Pois então? O seu gado podia até ser criado em uma sala.

— Isto podia dar-se si fosse um ou dous, mas muitos não é possível. Demais, não abandono inteiramente os methodos comuns de alimentação. Nem é possível!

— Não ha duvida, doutor! O senhor sabe que o governo está em economias e não pôde já attendel-o. Em todo o caso, o Estado tem uma casa disponivel com um razoavel quintal, á rua Conde de Bomfim, e, em pequena escala, o senhor podia experimentar. Vá ver a casa.

Inutil é dizer que Bogoloff não tinha nenhum interesse em pôr em pratica as suas tantasticas ideas. Foi ver a casa e fez um relatorio completamente desfavoravel. Nem outro podia ser. A casa era um pardieiro arruinado e o quintal tinha para pastagem algumas touceiras desse capim a que chamam «pés de gallinhas». Aconselhou-lhe o ministro por essa occasião:

— Doutor, não se aborreça. Ninguém mais do que eu conhece as vantagens do seu processo, a baratesa que ia trazer para um genero de primeira necessidade, mas o governo está em apuros, está cortando despesas... Sinto muito, mas... Olhe: faça como eu, escreva regulamentos... Si não quizer, aconselho que se occupe com o expediente ordinario de sua repartição e espere um pouco.

Bogoloff viveu assim feliz e tranquillo. Os crueis acontecimentos que o envolviam não despertavam nelle os ardores generosos de sua primeira mocidade, que tanta amargura havia soffrido. Nascera em Kazan, na Russia, onde seu pae tinha um «sebo» que lhe dava os poucos recursos necessarios á subsistencia de ambos.

Aquelle contacto com os livros, desde quasi o seu nascimento, dera-lhe «fumaças» e a inaptidão do intellectual de origem obscura para o esforço seguido, quando se enoca com o meio naturalmente hostile. Fez o seu curso na Faculdade de Linguas Orientaes em que Lobatchevsky affirmou com rara coragem intellectual e grande vigor que por um ponto fóra de uma recta se podiam tirar varias parallelas a essa recia.

Annos passou dentro dos seus «innocentes sonhos» de chimeras de justiça e de fraternidade. Inutilisou-se; fez-se honesto de pensamento e de coração. Acabado o curso, não sabia fazer nada; viveu encostado ao

rae sem atinar como havia de empregar o seu persa e o seu tartaro.

Travou conhecimento com revolucionarios, frequentou-os nos cafés, estimou alguns, foi tido por suspeito; e, quando houve um attentado contra a vida do governador da cidade, foi com outros parar á cadeia, afim de ser escolhido aquelle cuja cabeça devia ser perdida para que a majestade do Estáo não o fosse.

Verificaram que nada tinha com o caso, soltaram-n'o. Rolou de cidade em cidade, depois de ter perdido o pae, por fim veio para o Brasil para socegar e morrer.

Não tinha mais escrupulos; e si não cobria a humanidade com desprezo, desprezava-se a si mesmo, não se detendo deante de impecilho moral, sinão daquelle que fosse castigado pelo Codigo.

A terra era boa e chã; e elle não se incommodava em saber si era bem governada ou mal. Ia vivendo com a sua liberdade interior, perfeita e completa.

Nem todos eram assim; nem todos tinham a indifferença philosophica de Bogoloff. Benevenuto, que sempre fôra totalmente infenso aos conluios politicos, que mesmo duvidava da patria, sentia dentro de si energias até agora sopitadas. Aquelle espectáculo de subservencia geral, aquelle amordaçamento da opinião, aquella serie de delictos de toda a natureza, reagiram sobre elle e tiraram-n'o do seu quietismo.

A revolta era contra os opprimidos e contra os oppressores, mais contra estes; pois eram reincidentes na sua oppressão, feita sem idéal, sem desejo de reailsar grandes obras, mas instigada unicamente por uma pueril vaidade e justificada com sentenças cheias de heresias liberticidas.

Os ultimos successos scandalisaram-n'o; elle tinha como que remorsos delles, vergonha, sem ter tomado parte directa ou indirectamente nelles. Accusava o seu silencio, julgava-se covarde e, com a sua covardia, responsavel por tudo o que de sangue, de oppressão, de força bruta e selvagem se annunciava.

Só, naquella noite, em sua casa, não pôde ter os seus livros habituaes. Os seus olhos mareavam-se ao contemplar os seus livros e os seus quadros. Havia como que sentimento da impotencia do pensamento, da cultura, de sangue dos martyres e das viglias dos sabios, para melhorar a nossa condição... Fumava... A luz electrica brilhava segura. Contemplou um grande mappa do Brasil á parede... Elle estava na sombra. Pensou em dormir; mas viu bem que a sua angustia de alma não o deixaria conciliar o somno.

Saiu do Cattete onde morava. Veiu a pé bordando o mar. O céu estava povoado pelo luar. Benevenuto rodava o cães a olnar, ora aquellas casas sombrias, fechadas, adormecidas; ora, o mar, coberto de densa pellicula clara, com manchas espaçadas, mais brilhante aqui e ali. As luzes esphericas de Villegagnon brihavam muito azues no seio

do luar prateado. As montanhas muito negras, que a fosca claridade da lua fixava melhor o seu negrume, erguiam-se em Nictheroy; eram muralhas, ameias de um castello fantastico em cujos altos torreões sentinellas vigiavam a muda obscuridade das planuras que se suppunham do outro lado. A rua da Lapa illuminada, agitada pelo transitio, tomou-lhe os passos.

Uma dama, vivendo dentro de uma atmosphera inebriante de perfumes fortes, cortou-lhe o caminho e perturbou-lhe por momentos o seguimento das idéas e o vôo dos seus desejos. Outras passaram estonteantes de irritantes perfumes, vestidos farfalhantes, altos chapéos, como velas enfunadas ao vento propicio.

O largo da Lapa tinha a sua habitual agitação nocturna e o seu transitio; lá, mais além os Arcos, o aqueducto — um pontilhão sobre o lago infernal em que as almas ardiam como corpos e os corpos como miseraveis fragmentos de palha.

Os botequins estavam cheios; as garrafas espoucavam; musicas fanhosas e cançadas esforçavam-se por dar compasso e medida áquella agitação; os carros dormiam ás portas dos clubs e os automoveis passavam celeres; o Passeio Publico esperava o dia para o encontro dos amorosos e dos namorados innocentes.

Benevenuto entrou num café, quiz encontrar, no atordoamento e na alegria dos outros, o pensamento calmo que lhe fugia. Um instante viu aquellas mulheres, aquellas chapéos, aquellas plumas, aquellas joias; e o seu pensamento continuou triste. A lua se occultara.

Continou a descer, encaminhou-se para a cidade. Avenida. O Theatro Municipal enterrava-se um pouco mais. Tubos de borracha sobre patins de rodas lavavam o asphalto e os lavadores viam com indifferença a sua vagabundagem atormentada.

Na estação da Jardim, os bondes demoravam-se mais um pouco a reconhecer o logar e a rua do Ouvidor já tinha, aqui e ali, os seus ambulantes cafés nocturnos. Foi no largo de São Francisco que notou alguma cousa de anormal na cidade. Doidas galopadas de moleques, correrias de garotos com a cabeça ao ar provocaram-lhe a curiosidade. As ruas se animavam. Bandos de homens, mulheres corriam, apresavam o passo. Placidas travessas de mediocre movimento agitavam-se como em dia de festa. Que era?... Diziam: é grande... é na rua do Senado... na rua do Riachuelo... E elle tinha com grande difficuldade a explicação para aquella estranha excitação de gente de condição mais varia, naquella hora. Que seria? Era um incendio. Por sobre as casas, viu um pennacho negro de nuvens negras; as vezes, na base, percebia-se uma barra alaranjada, ouro. Tomou um bonde no Campo de Sant'Anna, distinguiu nitivamente o incendio. Existia no edificio queimado ingredientes chimicos. Era deslumbrante. No fogaréo, havia tal varie-

dade de vermelho que foi como si coroa-se o cône ardente de um vulcão em erupção. No nucleo central, por cima dos telhados, a chamma era rubra com os tons de ouro; para as bordas, côr de laranja; e, alcançando-se assim, quasi ao tópe do morro que illuminava, transformava-se em novellos negros, leves, a voar ao vento ligeiro que soprava.

Um enxame de fagulhas subia, brilhantes e vivas, até muito alto; e, no céu pardacento da fumarada negra, brilhavam como estrellas igneas.

A uma oscillação da chamma, o fundo verde do morro se descobria e o casario branco da encosta surgia numa visão de theatro. Um pouco em frente, as barras de um andaime dividiam o campo chammeante em quadriculos e a torre azul de São Gonçalo Garcia erguia-se no seu suporte de pedra. Viam-se os sinos aureolados de fogo e o cruzeiro desenhava-se no céu cinzento de fumaça. O povo continuava a correr. Havia nas phrases, nos gestos, no andar, alegria e curiosidade. Todos corriam...

Onde é? Onde é? No Tribunal... Na Avenida... Na Ordem do Carmo... E corriam mulheres, homens, roçando-se, empun-

rando-se, mas sempre com ternura, em communhão, quasi aos abraços; e, por aquella multidão, ao fogaréo que brazeava forte, perpassava um desejo de caricia, de beijo, de amor — tal em nós, é a força com que a destruição desperta nas nossas almas a necessidade da nossa eternidade. Velhos cultos ancestraes do fogo sagrado do lar, do fogo elementar do Céu, da fogueira commum, trabalhavam aquellas almas, más e innocentes, perversas e piedosas, de gente vinda dos mais extranhos climas, das raças mais várias, de pessoas de cultura mais diversa, para contemplar o magnifico espectáculo do fogaréo violento. Da eterna morte vem a eterna vida, e o sacerdocio daquela é o sacerdocio desta... Destruído um milhão, em pouco, dos despojos deste surgiram os vencedores e os perfectos...

El o povo na rua, aos «cordões» carnavalescos, cantando, gritando, corria para o fogaréo e os que lá chegaram em primeiro logar, espantavam para dentro do predio incendiado os mueres que delle fugiam espavoridos.

De onde em onde, uma machina dos bombeiros, arrastada por mueres, abria, por entre a multidão excitada, um sulco, deixando um rastilho de fogo.

## CAPITULO VIII

A reacção da opinião publica á candidatura de Bentes era tão forte, tão geral e tão intensa, que o apparatus de compressão governamental não se julgava sufficiente para vencel-a. Num paiz, em que nunca os votos foram contados para a eleição dos seus representantes, os adeptos de Bentes temiam que o fossem pela primeira vez e derrotado o candidato do syndicato. Por todos os processos, procuravam obter adherentes e estes podiam contar com os favores mais inesperados do poder e da administração.

Liberato era coronel da Guarda Nacional e velho chefe politico de uma longinqua freguezia do Rio de Janeiro. Nella, em Cambucy, estava habituado a vencer ou simular vencer, sem protesto, as eleições. De uns tempos a esta parte, porém, o seu prestigio decaia e os eleitores se insurgiam contra o seu mando infecundo e nocivo. Tendo chegado a época de escolher novos vereadores, Liberato temeu uma derrota mais completa, tanto mais que Camoucy, como o resto do paiz, se rebelava contra a ascensão de Bentes. Liberato, logo em começo, avariado como estava no seu prestigio, tratou de hypothecar os seus prestimos a Bentes, por intermedio de Campello. Excusado é dizer que foram bem recebidos e em troca elle pôde contar com o apoio incondicional dos promotores da candidatura Bentes.

Approximando-se o dia da eleição dos vereadores, Liberato verificou que, apesar das ameaças, muitas secções do seu districto não

lhe registariam votos de que precisava para victoria total. Convém não esquecer que as eleições são as mais das veezs simuladas, que os mesarios as fazem ao sabor de suas conveniencias partidarias e raro se consegue apurar a votação que as urnas recebem effectivamente.

Sabendo de que algumas secções resistiram as suas ameaças e ao suborno governamental, Liberato entendeu-se com Campello e outros chefes de primeira categoria que o animaram a proceder da fórma que entendesse, comtanto que o partido fosse vencedor.

O velho coronel julgou melhor armar uma emboscada. Apossou-se com antecedencia do edificio publico em que ia funcionar o collegio eleitoral, estudou-lhe os aposentos, organisou seteiras e, no dia do comicio, estava lá o seu bando por trás das portas e paredes, gatilho no dedo, canos em seteiras invisiveis sobre os eleitores descuidados.

Em dado momento, em hora aprasada, a descarga foi feita; caíram feridos e mortos e o medico que Liberato tinha alugado, não tivera serviço porque aquelles foram só entre os adversarios do velho coronel.

Esta manobra de alta politica indignou a cidade e a opinião, mesmo sem conhecer perfectamente a forma atroz com que fôra armada a tocaia; mas Liberato não se incommodou muito, pois o inquerito policial nada apurou, não se sabendo mesmo si tinha sido feito.

Houve quem dissesse que isso estava no programma de Bentes, mas não era ver-

dade. E' certo que Lucrecio já tinha avisado do que ia acontecer a Bogoloff, convidando-o até a vencer os honorarios medicos que Liberato piedosamente offerencia; mas dizer que tal proesa estava no manifesto de Bentes, é inverdade que não se sabe bem como foi gerada.

O programma de Bentes era até lyrico, cheio de utopias e a candidez de suas intenções não se quadrava com certas attitudes de seus adeptos. Do que havia necessidade era impedir que os cidadãos dissessem nos jornaes, pelo menos, que não queriam o paraizo que elle promettia. Seria bem facil convencer o paiz, com os proessos mais communs de baionetas e garruchas; mas tal não quizeram; e tentavam uma cathecne-se em que os incidentes como esse de Liberato não foram os unicos.

As urnas deviam manifestar-se; e, como sempre nas suas manifestações havia sangue, tratou-se de lhe augmentar a quantidade em relação á espontaneidade do candidato e da popularidade do partido que o apoiava.

Si os seus opposicionistas recebiam manifestações da cidade inteira, Bentes era aclamado muito decentemente por grandes caudás de caleças de enterro.

Riam-se os philosophos de um esforço tão inutilmente despendido e não esqueciam nunca de lembrar o celebre pensamento de La Rochefoucauld: «A hypocrisia é a homenagem que o vicio presta á virtude.»

E' difficil de dizer todas as bellas cousas que Bentes prometeu no seu programma. Leu-o num dos mais luxuosos theatros da cidade que, por signal, nesse dia, para nelle entrar não se pagavam os bilhetes. Fuas disse, ao dia seguinte, que era uma peça magistral, valendo ouro os seus conceitos e as suas arrojadas tentativas de engrandecimento do paiz.

Si valiam ouro nem todos podiam garantir, mas que promettiam despesas avultadas é facil de affirmar.

Um dos seus propositos mais altos era melhorar a navegação interior do Brasil. O seu interesse era pela bacia do São Francisco. Notava Bentes que os seus rios serviam cinco Estados do Brasil, interessando alguns mais; e, entretanto, não tinham merecido até ali a attenção dos poderes publicos. Notava ainda que nessa portentosa bacia vivia uma população energica, activa, corajosa e o governo tinha o dever de auxiliá-la. O seu primeiro cuidado, si fosse governo, seria torná-lo navegavel da foz á nascente, destruindo a dynamite e outros explosivos, a cachoeira de Paulo Affonso e outros obstaculos que lhe impediam o livre transitio.

O outro seu alto proposito tendia homenagear a mulher brasileira, esse exemplo extraordinario de mãe, dizia o manifesto; e havia de fazer, quando chefe do executivo, distribuição gratuita de brinquedos ás

creanças, desde que tivessem mães — continuava a dizer o manifesto.

Não eram idéas communs as que aventou e nem tão pouco inviáveis; o que havia nellas era um altruismo exagerado que muito desgostou os seus adeptos. Fuas dissera mesmo que era o seu programma, um programma de ideologo; si não fôra a experiencia que já tinha a opinião conservadora de sua capacidade de administrador, as idéas de general deviam pol-a de sobre-aviso.

Affirmou com uma coragem de innovador que nunca as suas acções consultariam a economia politica e muito menos as finanças; que o paiz era soberbamente rico e não devia obedecer a essas tyrannias espirituaes creadas nos caducos e pobres paizes da Europa.

Fuas ainda disse no seu memoravel artigo que essa opinião era de sabio e, para ella, deviam voltar a sua attenção os eruditos rotineiros, adstrictos ás cousas misanthropicas do Adam Smith da «Wealth of nations». Citou varios exemplos negando que a riqueza fosse o trabalho accumulado.

A estufante profundeza do manifesto foi recebida pelo paiz inteiro boquiaberto e Numa, na Camara, defendeu-o dos ataques da opposição ignara. A sua defesa foi logica e consistiu unicamente em pedir que esperassem a execução para se obter um criterio seguro da certeza das proposições avançadas por Bentes.

D. Edgarda, mulher de Numa; não andou muito contente uns dias e ella os passou recolhida á sua bibliotheca a ler e a pensar.

Os livros estavam fóra dos seus logares nas estantes; viviam pelas mesas, pelo chão, abertos, com marcas á vista; e um tal aspecto era mais o da bibliotheca de um sabio em desesperada polemica que o da de uma senhora que faz placidas leituras.

Essa preocupação de estudo e exame não foi a de Ignacio Costa. O ardente republicano, fundador da Republica que foi ao lado de Benjamin Constant, não sentiu absolutamente na plataforma nem grandes cousas e nem motivo de duvida. Aquillo era uma simples cerimonia e não precisava Bentes mesmo cumpril-a, porque bastava inspirar-se nos grandes antecedentes historicos de Benjamin, Tiradentes e Floriano, para fazer um bom governo.

— Bogoloff, dizia elle certa vez ao russo no seu gabinete, os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos. Os metapnysicos não querem concordar e têm perturbado a marcha ascendente da humanidade, a completa passagem do periodo metaphysico para o scientifico industrial. Essas preocupações dos legistas retrogrados não são mais da nossa época. A grande synthese social que Comte estabeleceu, completando Condorcet por De Maistre, demonstra perfeitamente isso. Bentes tem razão em fugir á pedantocracia universitaria... Bastam os exemplos! Floriano...

— Que fez Floriano?

— Não sabe? Foi o maior estadista que tivemos.

— Quaes são as suas obras?

— Mantive a forma republicana federativa com uma energia verdadeiramente republicana. Era um estadista moderno... Quer saber de um acto d'elle?

— Quero.

— Você vae ouvir. Como o marechal precisasse de dinheiro para fazer face ás urgentes despesas que a revolta acarretava, mandou que o Tribunal de Contas registasse um credito de que elle tinha necessidade. O presidente do Tribunal negou-se formalmente a dar a sua assignatura ao tal pedido, por não estar de accordo com as leis. O ministro da Fazenda, ao saber dessa resolução, foi communicar-a immediatamente ao marechal. Floriano não gostou; mas, sorridente, pediu ao ministro que conseguisse do presidente do Tribunal ir ter com elle uma conferencia. Na manhã seguinte, muito cedo, estava no Itamaraty o presidente do Tribunal de Contas. Floriano recebeu-o muito amavel e mostrou a situação do governo e a urgente necessidade que havia de tal credito. O presidente, inabalavel, disse que não assignava o pedido, pois era illegal, inconstitucional, que era isto, que era aquillo. Floriano ouviu tudo muito calmo e, em meio ao discurso do presidente, bateu na testa e perguntou: — «O senhor é o doutor Fulano?» — «Sim senhor, respondeu o presidente.» — «Ora, doutor, queira me desculpar. Esta minha cabeça anda tão cheia de atrapalhações!... Não era com o senhor que eu queria falar, era com o seu successor.» — «Como? perguntou surpreso o ministro do Tribunal.» — «E' verdade, doutor; o senhor está aposentado desde hontem.» E assim foi. Nessa mesma tarde, com data do dia anterior, era publicação um decreto que declarava aposentado o presidente recalcitrante. Era assim Floriano! Isso é que é um estadista, Bogoloff!

E Ignacio Costa bateu-lhe no hombro e saiu do gabinete, abanando o seu fraque preto.

Continuava Bogoloff a trabalhar intensamente no resurgimento da pecuarja nacional. O seu campo de experiencia era limitado a um salão e os laboratorios eram constituídos por um armario cheio dos regulamentos que Xandu' expedia a mãos cheias.

Desde a manhã até ás quatro horas, passava a ler, assignando de quando em quando um officio que o secretario trazia, porque a directoria estava constituída do director, secretario e um rór de escripturarios. De bois ainda não cogitava; e Bogoloff não se aborrecia.

As visitas de Ignacio Costa eram constantes e vinham quebrar a monotonia das horas que o russo passava no seu gabinete. Elle ouvia com paciencia as suas conversas politicas, observava-lhe as opiniões e surpreendia-se com ellas. Verificou com singular assombro que Ignacio tinha do governo uma

concepção paternal de «mujik»; que o seu desejo era entregar todos os poderes a um só, a um tyranno e esse tyranno fosse um militar. Não comprehendia que um homem como elle, que se dizia republicano, democrata, tivesse semelhante idéa de republica. Ignacio se suppunha illustrado, culto; entretanto, desprezava todo o ensinamento todo o esforço dos homens de pensamento em restringir a autoridade, o poder total de um só. Ignacio parecia não se ter apercebido dessa feição dos governos modernos, dessa necessidade de contrapesos, de reciproca fiscalisação entre os depositarios do governo, para que nenhum fosse effectivamente governo. Accusava de retrogrados os que a queriam, mas nelle é que havia uma volta ao governo absoluto, ao completo governo absoluto dos orientaes.

Essa sua morbida admiração por Floriano era tanto ingenua quanto sem razão. Como esse homem era estadista eminente e não tinha deixado nenhuma obra de estadista, obra que redundasse em beneficio geral, que tendesse para a felicidade dos povos, na expressão de Bossuet? Como elle tinha mantido a ordem republicana, si attentara contra os tribunaes, os parlamentos, as leis, e queria tudo isso curvado á sua vontade? Não era bem Republica que Costa queria; Costa desejava o regimen russo ou melhor dos knatos tartaros.

Curioso é que na Russia os avançados sonhassem com constituintes, tribunaes independentes, ministros responsaveis e os que aqui se julgavam avançados não quizessem todo esse aparelho governamental...

A Revolução, que teve como um dos seus grandes escopos o estabelecimento de uma constituição escripta que limitasse o poder real, era chamada por Costa, como?... Não se sabia bem como e por que. Costa falava muito em principios republicanos; mas a Republica na sua cabeça era um idolo ôco, vasio de significação, já não mais fetiche, não era mais nada sinão uma simples palavra, um palavrão que soava aos seus ouvidos mas que não continha uma idéa segura.

Não se pôde bem dizer que fosse totalmente vasio; havia nelle, no idolo, alguma cousa: um desejo immoderado de sangue, de violencia, de carnificina. Os sacerdotes não sabiam mais por que idéa, por que concepção immolavam a Moloch; mas continuavam a immolar com o automatismo de sacerdotes de creanças mortas, e mais ferozes até.

O que se contava de cruieza empregada para vencer a revolta, equalava si não excedia ás execuções russas; e com uma differença: é que lá sempre houve uma fórma de julgamento, mas nas daqui — nenhuma!

Bogoloff, velho anarchista, comprehendia que se puzesse em duvida a lei, que se a condemnasse; mas querer o Estado sem lei, admitir o despotismo como progresso, não querer restringir o governo, era absurdo que não comprehendia em intelligencias tão medrosas da palavra rei ou imperador.

De resto, aquella superstição de virtudes especiaes do militar tinha uns restos de concepção de nobresa, de classe privilegiada, muito de admirar na mentalidade de um republicano.

Alongava-se o russo nessas considerações quando o cansaço mental levou-o a ler um jornal. Elle os lia durante as horas que administrava a Pecuaria Nacional, com vagar e distraido. Na primeira leitura, não lhe tinha caído sob os olhos aquelle trecho. Leu.

«Agita-se agora a successão presidencial do Estado das Palmeiras. Com a resignação do cargo pelo senador Macieira, presidente eleito, a curul g-governamental daquelle Estado deve ser preenchida brevemente, por meio de eleição. A abandonhada oligarchia que faz a infelicidade daquelle terra, quer levar para o palacio das Pitangueiras a invalida figura do deputado Malaquias. Ha nisso uma indecente manobra de Macieira. Não estando certo de que maneira o honrado general Bentes iria proceder com essas pusulentas oligarchias, resignou o poder para ficar aqui no centro, neutralizando a acção purificadora do governo que vem; emquanto isso, punha lá Malaquias, tio-avô da esposa do futuro presidente. Nós nada temos a dizer quanto ao Sr. Malaquias, a não ser que é uma figura apagada na politica; mas, quem devia ir reger os destinos das Palmeiras, era o coronel Contreiras, tambem parente do honrado general Bentes, possuidor como ninguem de uma brilhante fé de officio com o curso de estado-maior, e engenharia, tendo no peito medallas que muito recommendam os seus serviços de guerra. Além de tudo, o coronel Contreiras é um homem honesto que tem vivido até agora do seu soldo, apesar de ter passado por boas commissões, e é filho do venerando José Maria.»

Esta noticia ou, como se diz nos jornaes, este «suelto», fôra lido com espanto por todos os que se interessavam pela politica. Desde dez ou quinze annos que se perpetuavam na presidencia do Estado das Palmeiras os atpaniguados de Macieira e o proprio Macieira, não tentando ninguem disptuar-lhe a indicação. Tinha-se o facto como uma lei e aquella lembrança de que não podia ser Malaquias, mas Contreiras, longe de ser tomada como cousa sem valor, ganhou importancia e foi discutida.

Lucrecio «Barba de Bode», que ainda descansava dos muitos vivas que dera a Bentes quando foi a um prado de corridas, leu a noticia em casa, pois agora mais se demorava nella pela manhã em fóra.

Morava na mesma casa da Cidade Nova e tinha as mesmas pessoas em sua companhia, excepto Bogoloff que resolvera morar numa pensão do Cattete, depois de ter sido feito director da Pecuaria. Quizera este obter para Lucrecio um logar na sua directoria, mas só os havia de escripturario e Barba de Bode não quizera acceitar por não saber escrever correntemente.

Tôtônho tinha promettido collocar-o definitivamente desde que Campello se firmasse. Era bem possivel que o doutor viesse a ser ministro, e, em o sendo, Lucrecio ficaria arranjado de vez. Tôtônho pedia-lhe que esperasse pacientemente; fosse tentando com o logar de «encostado» e elle o fazia fiado na palavra de Tôtônho e na estrellita do Dr. Campello.

Com o tempo, Lucrecio ganhara certa intelligencia politica. Elle que, a custo, tinha ido até á taboada, ficou sabendo muito da difficil arte de governar os povos. Passara muito além a sua intelligencia do capitulo dessa arte que trata das desordens nas eleições e «meetings», com assassinatos consequentes; Lucrecio já comprehendia certas manobras da alta estrategia dos deputados.

Lendo a noticia, lobrigou Barba de Bode alguma cousa de anormal nella. Como toda a gente, elle estava habituado a considerar Palmeiras como sendo de Macieira, porque cada Estado era de certos e determinados que o presidente dava. Não se dizia até que Bentes tinha dito ao Crescencio: — «Doutor, não lhe posso fazer ministro; mas dou-lhe o Sernamby.» Palmeiras era de Macieira desde muito tempo; Bentes tinha confirmado a doação — como é que agora o presidente que Macieira queria para o Estado podia soffrer contestação? Elle sabia perfeitamente que a propriedade desses homens é sempre disputada. Ninguem lhes disputa a casa, o casaco, as joias; mas os Estados ha sempre uns galfarros que lhes disputam. A Neves Cogominho era Salustiano; mas o de Macieira, elle não sabia quem fosse. Conhecia o coronel Contreiras... Era um official limpo, alto, severo... Que elle se mettesse em politica, Lucrecio não sabia. E' verdade que Bentes... Mas Bentes?... Bentes tinha o Exercito em peso...

— Não é possivel! Não é possivel!

E atirou com zanga o jornal para o lado. Apanhou-o ao fim de algum tempo. Leu o topico de novo e de novo exclamou:

— Não é possivel! Não é possivel! E' intriga!

A mulher, que trabalhava na cozinha, não se conteve e observou lá de dentro:

— Você está doido, Lucrecio!

— Qual doido, Angela! Qual doido! Você não sabe o que é politica!

— Homem, filho, eu não sei mesmo o que seja e nem quero saber. Si é como essa cousa de Cambucy, fresca historia! E' mesmo uma vergonha!

— Isso é politica do Liberato. A minha politica é outra... Você conhece o doutor Macieira?

— Não.

— Aquelle que arranjou o Lucio na Escola dos Desvalidos.

— Que aconteceu com elle?

— Querem lhe tomar a chefia das Palmeiras.

— Mas elie não é do general?

— E', minha filha; mas tem muitos invejosos... Não falta quem o vá intrigar com o general...

— Eu não dizia, Lucrecio.

— O que?

— Que este general não prestava. O que elle fez com o «Velno», não é de homem bom; é de malvado... Ninguém mais pôde fiar-se nelle... Quem faz um cesto, faz um cento — fique você sabendo.

Lucrecio nada respondeu. Deixou pender a cabeça sobre as mãos, apoiados os cotovellos no joelho, e esteve a olhar muito tempo o soalho encardido de sua casa velha.

Si Lucrecio se preocupava com a noticia, Macieira muito naturalmente havia de avaliá-la por todos os aspectos. O jornal que a estampara, era um dos mais lidos da cidade, tinha grande prestigio nos meios politicos; e, certamente, si não traduzia um desejo de Contreiras, manifestava o começo do plano dos seus inimigos para tomarem-lhe o lugar. Na redacção do jornal estava o José Pedro que nascera no Estado; mas nunca Macieira o viu com desejos de figurar na politica e muito menos que fosse contra elle. Ao contrario: pedia-lhe informações, dava-lhe noticias tendenciosas e, como patricio intelligente, frequentava-lhe a casa como a de Contreiras, que tambem nunca deixara perceber que queria ser qualquer cousa no Estado. Toda a gente, imaginava elle, quer ser politico e os meninos dos jornaes não pensam sinão em sel-o. Vêm os seus pairões deputados, senadores, escrevem tambem e se propõem tambem a sel-o. Demais, a candidatura de Bentes foi imposta, da mesma fórma que a de Contreiras. Lançara-a um qualquer num jornaleco «A Cimitarra»; de uma cidade longinqua, começou a talar-se nella; tomou vulto e elles tiveram que acceital-a. Aproveitou-a como salvação, agora, porém, estava vendo que a arma se voltava contra elle.

Arlette ainda não tinha saído do quarto e Macieira já se havia embrenhado mil vezes nessas considerações. Arlette que, tantas vezes, interviéra para salvá-lo de dificuldades, agora lhe parecia impotente. Si estivesse em casa, seria peor... Quando acontecia surgir-lhe essas difficuldades matutinas em casa de sua mulher, elle as achava mais difficeis. Dormir fóra era para elle dormir na sua casa legal... Pensou em procurar Bentes; em pedir-lhe francas explicações do caso. Quem podia, porém, fiar-se em Bentes? Promettia e... Seria melhor rodeal-o, correr aos amigos...

— Arlette!

— Que é?

— Já vou.

— Já «mon cheri»? Que ha?

— Querem me derrubar.

— Oh! Que cousa! «Mais, mon Dieu!»... E' cousa assentada já, «chéri»? Que é?

— Não sei. Está aqui nos jornaes...

— Qual! O paiz de vocês não presta p'ra nada... E' mesmo porcaria... Então vo-

cê que é tão bom, vae sair! Será o general?

— Não sei, Arlette.

— E' elie... «Sale type»!

Macieira vestiu-se apressadamente e encaminhou-se para a casa de Neves Cogominho. A situação delicada da politica exigia movimentos rapidos, a acção prompta e o chefe da politica de Sepotuba resolvera deixar Petropolis. Habitava agora a sua casa de Humaytá, que ficava proximo da de Bentes, podendo em minutos alcançar este, aparrar o golpe que lhe quizessem desferir. Neves Cogominho não acceitara a candidatura de Bentes com muita satisfação. O processo pelo qual o general se impuzera, tirava a força e o valor politicos d'elle, Cogominho. Comprehendia perfeitamente que elle e os seus collegas não tinham feito mais do que ratificar uma escolha de quarteis e imposta sob disfarçadas ameaça de uma revolução. Bentes estaria sempre disposto a apellar para a violencia, para a coacção da força, e desprezar, portanto, os conchavos de votos, as compensações politicas. Sentia como certo que o bastão de chefe ia escapar-lhe das mãos; sentia tambem que lhe escaparia da mesma fórma si se tivesse recusado a homologar a imposição. Adherindo, simulando admirador de Bentes, ao menos podia salvar alguma cousa, si não de toda a sua autoridade politica, ao menos amparar o genro que começava agora a carreira.

Até aqui Salustiano ainda não pudera avançar um passo; ao contrario, approximava-se cada vez mais d'elle. Acreditava que isso fosse devido a conselhos de Bentes, pois que o general sempre dizia que a sua missão era harmonisar a familia republicana. Certamente, Salustiano queria ser deputado. Neves Cogominho estava disposto a fazel-o; e assim golpeava a effectiva opposição do seu Estado que festejava Salustiano para feril-o. Na Camara, Salustiano seria como os outros; e, não podendo dispor de empregos e concessões, não organisaria um partido forte que pudesse abalar o antigo prestigio do sobrinho do venerando Fructuoso.

Lendo, porém, aquelle «suelto», Neves Cogominho verificou que as suas considerações podiam ser burladas. O processo estava claramente indicado. Um reporter levantava o nome de um coronel, parente ou não de Bentes, para presidente; e, naturalmente, o general, por camaradagem e espirito de classe, dava mão forte a esse coronel. Chegando este ao poder, não iria com toda a certeza receber o santo e a senha dos chefes, mas agir a seu modo, com a arrogancia de militar e inspirar-se na crença intima de que era infallivel por ser militar.

Tendo tomado no devido valor a meditação, Neves Cogominho resolvera contrabular com o seu amigo Macieira. Esperava encontrá-lo no Senado; Macieira, porém, veio procurá-lo em casa.

— Eu já esperava você, disse Neves. A noticia do «O Intransigente» devia ter posto a pulga na orelha de você.

— Não sei bem o que hei de pensar della. Neves, você sabe perfeitamente com que antecedencia adoptei a candidatura Bentes... Muito antes de vocês; e pôde-se mesmo dizer que, nos meios politicos, fui dos primeiros a tomal-a a serio. O Bastos...

— E' verdade: que diz Bastos? Você já falou com elle?

— Ainda não... Estou saindo de casa... Como ia dizendo: Bastos ainda não a julgava objecto de cogitação e eu já a tinha como excellente.

Numa, sabendo que Macieira estava em casa, veio ao encontro do senador e da sua desdita. Estava justamente Macieira a lembrar a sua acção na candidatura do general, quando elle entrou. Macieira acrescentou:

— Está aqui o Dr. Numa que se lembra perfeitamente dos esforços que fiz, para que você adoptasse Bentes em vez de Xisto. Não foi, doutor Numa?

— E' a pura verdade, fez Numa. Lembro-me bem de que até o senador procurou-me mais de uma vez na Camara.

— Por que você resignou a presidencia, Macieira? fez Neves.

— Ora, por que? Havia tantos boatos, tantos enredos que julguei melhor ficar aqui.

— Vigiando, completou Numa.

— Vigiando, confirmou Macieira.

— Pois você quer saber de uma cousa, Macieira? disse Cogominho.

— Que é?

— Você fez mal, Eu no caso de você ia para lá. Estava eleito e tomava posse.

— Mas estavam as eleições federaes á porta...

— Que tinha?

— Era preciso trabalhar no reconhecimento.

— Você trabalhava mesmo de lá...

Numa interrompeu:

— Ou sinão, depois de ter tomado posse, o doutor pretextava licença e vinha até aqui.

— Eu não queria era abrir vaga no Senado.

— Por que? indagou Numa.

— Que tinha a vaga? fez Cogominho.

— Que tinha? Pois você vae saber que o Torres, que nunca prestou serviços ao Estado, que nem lá nasceu, já andava se empenhando com Bentes para ser senador.

— Quem disse a você?

— Bastos.

Cogominho olhou muito seriamente para Macieira como si tivesse entendido mais do que as palavras diziam.

— Creio, disse Numa, que o general não se deixará levar por essa camarilha. Elle ha de ter na consciencia gratidão por nós que o temos apoiado e o apoiamos.

Os dous senadores não quizeram dizer cousa alguma e o silencio pousou sobre os tres.

D. Edgarda veio cumprimentar a visita do pae.

— Já sei, doutor, que não vão. D. Celeste disse-me...

— E' verdade.

— Resolveu ficar, então?

— Que remedio!...

— Macieira, interrompeu Cogominho, qual é a tua opinião franca sobre Bentes?

— E' um bom homem.

— Isso não basta, observou Numa.

— Todos são bons, acrescentou Edgarda; a questão é que sejam sempre bons.

— Para mim, disse Neves, eu não me fio muito nelle.

— Nem eu, disse com pressa Macieira.

— Agora, adduziu Numa, o que elle fez com o «Velho» não foi leal.

— Eu sou de parecer, fez Edgarda, que não se deve muito contar com a lealdade delle. O que se deve é fazer que elle não possa ser desleal. Aparar os golpes, prevenil-o das intrigas — isso sim!

— Mas, menina, obtemperou vivamente Macieira. Nem sempre isso é possivel.

— Como?

— Seu pae sabe.

— Que ha?

— E' isto, Edgarda: Macieira queria pôr na provincia das Palmeiras o velho Malaquias; andam agora a insinuar que deve ser o Contreiras...

— O coronel?

— Esse mesmo.

— E' parente de Bentes, disse Numa.

— Certamente é uma balela, duvidou Edgarda.

— Não é. Ha alguma cousa atrás disso tudo.

Macieira não acabou de dizer isto, quando Numa exclamou victoriosol.

— Ora! Ora!

— Que é? fizeram os restantes a um tempo.

— Todos nós estamos com medo de fantasmas. Si Bentes der força a Contreiras e elle tiver votações, a Assembléa não o reconhecerá.

Peras faces de Macieira brilhou um ligeiro sorriso, e Neves tambem ficou satisfeito; a filha, porém, depois de alguns momentos de reflexão, disse:

— Assembléa não vale nada.

— Como?

— Elles empregam a força e tudo adhere.

A situação voltava de novo a ser obscura e, após algumas outras palavras, Macieira despediu-se para continuar procurando amigos que o salvassem, o apoiassem, evitando o golpe que lhe queriam desferir no seu prestigio politico. Lembrou-se de procurar o irmão de Bentes; era um remedio herotico do qual não convinha lançar mão já. Precisivava poupar-se e, ir logo ao Hildebrando, seria gastar-se, lançar mão de um recurso desesperado.

Acudiu-lhe logo o nome de Fuas. O jornalista até bem pouco tempo tinha relações de cortezia com Bentes, mas, desde

que lhe escrevera o manifesto em casa de Arlette a intimidade entre ambos cresceu, como si fosse a de velhos camaradas de collegio. Elle devia estar no jornal. Quasi nunca almoçava em casa. Lidos os jornaes, logo bem cedo, saia, ia á redacção, escrevia alguma cousa que a leitura lhe inspirava e corria a almoçar em algum «restaurant» da cidade.

«O Diario Mercantil» era um dos mais antigos jornaes da cidade; e fôra sempre extremado em materia politica. De mão em mão, viera parar ás de Fuas que não se enfeitava com o titulo de redactor-chefe; deixava-o a outro de mais fama, sendo elle de facto e tambem quasi proprietario da folha.

Occupava uma grande casa da Avenida; e, depois do «O Paiz» e «Jornal do Commercio», era o jornal mais bem installado do Rio de Janeiro. A sua venda, sem ser grande, era consideravel e a tradição da toalha amparava bem as opiniões formalissimas de Fuas.

Como quasi todo o jornal do Rio de Janeiro, era defficiente e pouco preocupado com outros assumptos que não fosse politica; mas, assim mesmo, dava fortunas, fortunas, que Fuas gastava com a liberalidade e a constancia de um nababo oriental.

Fuas era amigo de Macieira. Tinham juntos negocios e o «poker» os tinha ligado indissolvelmente. Podia bem ser que o jornalista, com artigos e palavras, demovesse Bentes de prestigiar Contreiras, porque tudo estava em Bentes. O actual chefe do interregno presidencial nada valia e diziam até que as salas e quartos do palacio de Nova Friburgo já estavam arrumados ao gosto do general.

Como Macieira esperava, Fuas Bandeira estava no seu gabinete de trabalho, escrevendo em mangas de camisa. O charuto não o deixava.

— Tu por aqui?

— E' verdade. Não sabes?

— De que?

— Leste «O Intransigente»?

— Li... Que há?... Ah! é verdade!

— Que pensas daquillo?

— Homem; filho, era de esperar. O exemplo partiu de cima e agora tens que aguentar. Já te tinha dito o perigo que corria a manobra.

— Mas... eu fui quem levantou, por assim dizer, a candidatura do general Bentes.

— Tu pensas que elle se illude? que elle julga que deve alguma cousa a ti e aos outros?

— Homem... Eu acho...

— Qual! Elle sabe perfeitamente que foram os camaradas que assustaram vocês e vão pol-o lá. Não ha por onde sair, meu caro; e entre um camarada, parente, além de tudo, e um paizano...

— Parente tambem.

— Parente, mas paizano; elle não tem que escolher. Olha: tu mesmo foste quem deu parte de fraco.

— Como?

— Não resignaste!

— Foi por...

— Ser; mas para que apresentaste o Macieira?

— Porque era parente de Bentes.

— Está ahi. Um pequenote ahi qualquer descobre um parente melhor, porque é coronel por cima de tudo, e dá-te o tombo.

— Mas Bentes é contra as oligarchias.

— E' contra! E' contra! Ora, tu, Macieira!...

Fuas chupou o charuto, rodou-o entre os labios para melhor queimar e disse:

— Agora é tratar de salvar-te.

— Como?

— Pois não sabes? Tens ainda muito remedio...

— Escreve alguma cousa.

— Escrevi; mas é preciso jogar influencias em cima delle.

— Tu não podias?

— Direi alguma cousa; mas de que necessitavas era de uma influencia permanente.

— O Hildebrando?

— Não te fies nelle. Quer muito, quer tudo e talvez não faça nada.

— Quem póde ser?

— Uma mulher!

— Quem?

— A mulher de Lussigny.

— Como?

— Pois tu não sabes?... Olha: quando Bentes foi á Europa, Lussigny estava a tinir. Tinham gasto o que possuíam e a mulher rendia pouco. Que fez Lussigny logo que soube da chegada de Bentes? Atirou a mulher em cima delle. Tu' sabes muito bem que Bentes nunca esteve acostumado a essas mulheres de espavento, plumas, perfumes, cerimonias; e caiu que nem um patinho.

— E' verdade?

— E' verdade e tanto é verdade que elles pagaram as dividas que tinham e vão en barcar para aqui, deixando a vida de «trem de luxo» que levavam. Por ahi tu ias bem, infelizmente, porém, a cousa é para breve e os serviços...

— Como poderia conseguir?

— Como? Pois tu não sabes? Como tu' consegues collarinhos ou punhos? No nosso tempo, todos os serviços têm seu preço... Tu não sabes?

Macieira não sabia cousa alguma dessa influencia poderosa sobre o animo de Bentes. A descoberta alegrou-o e elle a poz de parte como um trunfo forte para ganhar a partida. Fuas fumava recostado na cadeira, batendo as mãos sobre o ventre farto:

— E' isto! E' isto, meu caro!

— E Bastos?

— Bastos está atarantado... Ainda não tomou pé nessa historia toda... O melhor que tu' fazes, é adiar a eleição e esperar que a mulher do Lussigny, venha.

Deixou-o o senador a escrever uma loçal em que se pedia ao Congresso que vo-

tasse afinal o credito necessario para a installação da Estação Experimental de Reversão Animal e Quadruplicação dos Bois. Não se comprehendia como até ali não tinha sido feito, e como é (que o governo pagava empregados que não tinham o que fazer, visto lhe faltarem os meios adequados. A fazenda, laboratorios, apparatus, e demais pertences não chegariam a alcançar o preço insignificante de quatrocentos contos de réis; e não se devia deter o patriotismo dos parlamentares em votar semelhante credito, desde que levassem em consideração a utilidade da instituição. Fuas era entusiasta dos projectos de Bogoloff; e, partilhando o seu saber e os seus planos, aconselhara-o a fazer as suas compras em uma certa casa; até mesmo se encarregara de fazel-as directamente.

— Póde entrar, minha senhora.

Fuas julgou reconhecer aquella senhora e logo sympathisou com o seu demorado sorriso que lhe banhava o rosto todo.

— Ser-te-se.

A senhora sentou-se, apertou a blusa na cintura com o auxilio do dorso da mão esquerda, e disse:

— Não me conhece, doutor Fuas?

— Minha senhora...

— Eu sou a viuva do Dr. Lopo Xavier.

— Oh! Sim! Sim! E' verdade!

Fuas descansou o charuto e continuou pressuroso:

— Não a tinha reconhecido... Não tem mudado nada...

— Não é o que dizem... Creio que emagreci um pouco.

— Ainda mora em Petropolis?

— Ainda, doutor.

— Naquelle casa da Westphalia?

— Não, doutor; na Cascatinha.

— Oh! que bella casa... Tão bonita...

Aquelle seu jardim é muito «chic»; poucos ha aqui como elle. E que camelias? De que morreu o Lopo?

— Tuberculose.

— Parecia tão forte. Não fui ao uterero porque não me foi de todo possível; mas, creio, que recebeu o meu telegramma.

— Recebi, doutor; e agradei.

— Lembro-me. O Lopo era muito meu amigo... Ultimamente encontravamo-nos pouco. Vivia em Petropolis e eu pouco lá vou. Quando o faço, é ás carreiras; sinão teria apparecido para um «pokersinho».

— Elle gostava muito...

— Eu morro por elle. Muitos filhos, minha senhora?

— Um unico, uma filha.

— Assim mesmo foi feliz.

— Nem tanto, doutor. Lopo não deixou quasi nada...

— Ah! E' verdade... E o montepio?

— Uma cousa de nada. Não dá nem para nos vestirmos.

— Tambem Lopo era desprezado.

— Muito, doutor. Eu lhe dizia sempre que pensasse no futuro.

— Era um poeta... A senhora não requereu uma pensão?...

— Requeri.

— Já me haviam falado nisso. Quem foi, Fuas?

— Devia ter sido Mme. Arlette.

— E' verdade. Em que estado está o «seu» projecto?

— Está no Senado, e eu esperava que o senhor se interessa pela passagem.

— Pois não... Pois não...

— Muito agradecida.

A viuva ergueu-se, arrepanhou bem a saia irreprehensivel e pisou com firmeza na porta de saída.

Fuas ficou um instante de pé; accendeu o charuto que se havia apagado, tirou fortemente as primeiras fumaças, poz as mãos nas algibeiras da calça; e, com a boca semi-aberta; ao lado esquerdo, e o charuto ao direito, em mangas de camisa, esteve a olhar a multidão que escorria lá embaixo; roçando as paredes do seu jornal.

## CAPITULO IX

Muita gente tem mania de caboclo e navia na cidade uma senhora edosa; D. Florinda Seixas; que cultivava essa mania com muito carinho e constancia. Desde annos que a sua casa vivia cheia deltes; e; ao surgir a candidatura Bentes, D. Florinda adheriu a ella com os seus caboclos hirsutos. Acontecia tambem que Bentes tinha um tio, já fallecido, mais ou menos notavel; e D. Florinda muito naturalmente juntou a sua mania indigena á admiração que sempre professou pela memoria do tio de Bentes; o almirante Constancio. Fundou, consequentemente, uma sociedade — Sociedade Commemorativa do Fallecimento do Almirante Constancio. O principal fim da sociedade dizia-lhe o nome; mas tinha outros, entre os quaes o do ensino do guarany e o das aclamações as pessoas de destaque.

D. Florinda; tendo fundado associação tão util; encontrou dos poderes publicos a melhor boa vontade. Foi subvencionada e; graças ao geito que tinha para agradar; todós a julgarão muito util em sanar e; dificuldades e procuravam-n'a; adherindo á sua proveitosa associação.

D. Florinda; antes mesmo da fundação, já tinha demonstrado os seus prestimos e; não havia noite em que; com um; dous ou mais caboclos; não apparecesse nas casas de Bentes ou do Bastos.

Corria que os caboclos eram duvidosos; que eram desertores de regimentos do Exercito, estacionados no Paraná e Rio Grande do Sul; o certo é que; como caboclos; elles se portavam nas visitas que faziam com a preceptora.

Homens da selva; pouco habituados ás regras e preceitos das salas, esses jovens hurons praticavam em casas tão respeitáveis uma unica inconveniencia: embriagavam-se de cair e caíam pelos jardins, dormiam familiarmente com o rosto para o céo estreado, como filhos das brenhas, que eram,

Não se diga que D. Florinda não empregasse os seus esforços de domadora ou civilisadora para impedir tão indecente cabocismo. Era ella vista a dizer no «buffet»:

— Tupaná penê cotê!

Os caboclos respondiam; amuados como creanças teimosas:

— Quelo bêbê! Quelo bêbê!

E sacudiam a juba de cima dos olhos; das bordas dos copos e os bebiam ás duzias cheios de cerveja. Gostavam mais de «whisky».

D. Florinda, porém, não desanimava de levá-los ás recepções de Bentes e de Bastos; e ambos, muito republicanos e brastard-lhes habitos civilizados e teimava em leiros, não se podiam negar a receber tão authenticos e autochtonicos representantes da patria. Os hurons; porém, embriagavam-se lamentavelmente.

A parcial incompreensão dos seus actos e designios, levou D. Florinda a crear uma aula publica de guarany. Era seu intuito ensinal-o aos jornalistas, para que, conversando estes com os tupinambás, ficassem certos do seu adeantamento mental e da sciencia que tinham armazenado. Os poderes publicos, graças á influencia de Bentes, logo viram a grandesa do intento de D. Florinda e deram-lhe a subvenção.

D. Florinda tinha muitos caboclos e sempre augmentavam conforme a sua fortuna. Dentre todos, porém, ella estimava sobremodo um chamado Tupiny. Era um indio alto com uma cabelleira de apostolo; calçava com difficuldade as botinas e os seus pés debaixo dellas eram só ossos. Tinha as pernas arqueadas e o cayapó bem parecia ser familiar á montaria do cavallo. Tupiny veio assistir á lição ao lado de D. Florinda. Começou a professora por asseverar que o guarany era a lingua mais antiga, mais bella do mundo e exemplificou:

— Meus senhores, vejam só esta phrase: «amané saçu enacá pinaié». Sabem o que quer dizer?

O auditorio ficou suspenso e D. Florinda explicou:

— O peixe vive no mar.

— Tá eládo, gritou Tupiny.

D. Florinda voltou-se para o indio e respondeu em guarany:

— «Puxiguera che aicó».

— Tá eládo, gritou Tupiny.

Os circumstantes entreolhavam-se, esperando pela continuação da lição.

— Não é só nessa phrase que a belleza da lingua se revela. Temos outra: «emu mameara cê lecê» — que quer dizer: minha noiva é bonita.

Tupiny disse devagar:

— Tá eládo.

— Tupiny! Tupiny! Não queira emendar-me!... Esta é lingua de outra triou, «Xerêê corê»!

— Tá eládo.

Os discipulos foram um a um saindo e a lição não foi adeante naquelle dia.

Aproveitando os seus conhecimentos do guarany e a malta de caboclos que tinha; cançada de simples recepções de pessoas importantes no momento; D. Florinda fundou a sociedade destinada a cultuar a memoria do almirante Crescencio, tio de Bentes.

Ainda dessa vez, ella ia ao encontro de uma corrente popular. Desde que a fortuna de Bentes começara a brilhar, a lembrança do seu tio veio de novo a certas pessoas já totalmente esquecidas. Nos dias de finados ou no do anniversario da morte de Constancio, o seu tumulo ficava coberto de cartões de visitas, registo piedoso dos seus amigos, e do sobrinho tambem, sempre lembrados do almirante.

No anniversario do falecimento do almirante Constancio, D. Florinda, após os trabalhos preliminares e obter auxilios dos poderes publicos; organisou o prestito mais votivo e commemorativo dentre os muitos que tem visto o Rio de Janeiro.

As tribus dos Mundurucús, Cayapós, Oماغuas, Pataxós Kaingangs, Tamoyos, Carijós, Cnarru'as, Xavantes e outras appareceram e foram representadas por commissoes vestidas a character, tendo os respectivos estandartes: folhas de palmeiras; de bananeiras, remos de canoas, capivaras empalhadas; e, ao centro, num caminhão, reclinado sob um bananal verdejante, Tupiny, de cocar e enduape; arco e flexa ao lado, pernas nuas, cõxas nuas, peito nu' e braços nus — o rei da floresta brasileira que marchava para o tumulo do almirante esquecivel.

Musicas militares, de espaço em espaço, tocavam elegias; e D. Florinda; com a sua choregiada de caboclos entoava nos intervallos um funebre hymno tupy.

«E jo mi rean  
Maenran pico?  
E jo tenan  
Apu ma nico»

Ao acabar a quadra, todos, a uma só voz, repetiam:

Maenran pico?  
Maenran pico?

Pela turba passava um estremecimento religioso e trombetas fanhosas e agudas estridulavam sinistramente. E continuavam:

«Eguapy napê...  
Maenran pico?  
Eguapy tenon!  
Aguapi ma nico.»

Mal terminavam de cantar a quadra, o coro repetia em longa e profunda óada:

Maenran pico.  
Maenran pico.

De novo as trombetas guinchavam e o prestito caminhava lentamente em direcção do cemiterio. Houve quem dissesse o hymno de D. Florinda era uma canção erotica de origem paraguaya; entretanto, esse detalhe não foi notado e os adeptos de Bentes muito prezaram tão bella homenagem á memoria de seu tio.

Esse aspecto caboclo, não foi o unico da singular manifestação funebre que D. Florinda organisou. Os caboclos, convém dizer, ao cantar — «E jo mi rean» — dansavam, sacudiam a juba e faziam roda ao chegar o côro.

Além desse aspecto, houve outros que não iam sendo mencionados. Havia associações de estivadores, de operarios, de funcionarios; de militares, de senhoras que tomaram parte com seus estandartes de sêda; além dos clubs e cordões carnavalescos. Ignacio Costa acompanhou o prestito a cavallo; um cavallo do regimento policial; elle, vestido particularmente de verde e amarello e o cavallo ajazado com florões desses crons que antigamente chamavam — «Independencia».

Trazia, á guiza de lança, um estandarte em que se lia na bandeirola: «A' bala».

Formou-se essa especie de marcha solemne, sob as vistas attentas da policia; e desfilou vagarosa; ao som das musicas, canticos e trombetas; pela Avenida em fóra.

Na cauda; como representação do Futuro, condicionado pelo Passado e pelo Presente, grupos de creanças que, nos descansos do prestito, faziam «ródia» e cantavam caudidamente:

«Ciranda, cirandinha!  
Vamos todos cirandar!  
Vamos dar a meia volta,  
Volta e meia vamos dar!»

O alto symbolismo philosophico e patriotico do prestito foi muito gabado pelas pessoas sympathicas á causa de Bentes, sobretudo pelo «Diario Mercantil», que viu no facto um resurgimento do sentimento republicano e nacional.

O Rio de Janeiro todo moveu-se para ver o prestito funebre; mas era curioso que muitos não o vissem compungidos e não encontrassem nada nelle que lhes lembrasse a homenagem que pretendia prestar.

Ignacio Costa, com o seu — «A' bala» — apoiado em um dos estribos; do alto da sella; olhava com severidade patriotica para as moças que se espantavam com o seu vestuario bicolor; e; só na altura do Cattete pôde desfazer a carranca, quando cumprimentou sorridente Benevenuto; que via aquelle desfile com um assombro de idiota enrubado ao rosto.

Pelas bordas do prestito, alguns entusiastas e mais membros da sociedade distribuiam em rectangulos de papel os seguintes versos:

#### AO ALMIRANTE CONSTANCIO

Esta é a diosa patria minha amada  
CAMÕES — CANTO III — XXI

Oh! Patria! Logar em que nascemos.  
Onde temos amor e amizades!  
Escuta o nosso preito de saudades  
Daquelle que faz que nos juntemos!

Nelle as vontades portentosas  
Dos fortes patriotas se juntaram  
E com esplendor nelle brilharam  
Do passado as lembranças majes-  
[tosas.

Que o seu nome seja sempre santo  
Sob o lindo manto do cruzeiro.  
Elle que foi grande prégoeiro  
Da Republica—termo sacrosanto!

*Ignacio Costa*

Benevenuto leu e releu os maravilhosos versos de Ignacio Costa e pasmou. Seria possivel que aquillo tudo se estivesse passando no Rio de Janeiro? Como é que tanta gente tinha de uma hora para outra mudado tão inteiramente de mentalidade?

O prestito continuava a passar lentamente. D. Florinda com a sua choregiada entoava a canção equivocada do Paraguay e as trombetas, a longos intervallos, faziam: Fué! fon! fué! fon!

Xandu' passou no desfile, sentado sobre o sellote de uma «charrua-tilbury», que governava com a naturalidade e elegancia de quem guia um «tonneau» num parque de luxo. Um popular cochichou a outro:

— Por que, ao menos, elle não concertou as rodas?

As rodas cambaias da «charrua», tão necessarias ao seu serviço normal; intrigavam os habitantes da cidade, estranhos aos trabalhos agricolas. O prestito lá foi... «Maenran pico»... «fué!» fon!... «Maenran pico»... «fué!» fon!

Benevenuto deixou o Cattete e dirigiu-se vagorosamente ao encontro de Edgarda. Ella lhe havia escripto cheia de desolação. A situação se obscurecia e pedia-lhe o seu auxilio com mais insistencia. Verdaderamente amava-a, tinha necessidade delia na sua vida e no seu pensamento; mas, sempre lhe foi difficil comprehender por que razão íntima Edgarda teimava em fazer figurar o marido como um orador; um orador illustrado. Por meio do marido, parecia, ella dava expansão á sua necessidade de dominio; era ingenuo, porém, fazel-o, porquanto Numa com a sua irremediavel preguiça mental nem ao menos os autores que citava, lia e delles comprehendia alguma cousa. A sua atonia de intelligencia requere-

ria uma artificial alimentação intellectual e esta ainda não havia sido inventada.

Benevenuto era moço de trinta e poucos annos, alto e tinha o olhar meudo e penetrante. O seu parentesco com a esposa de Numa era por parte da mãe della, de fôrma que, por temperamento e pelo sangue, era completamente extranho ás competencias politicas dos Cogominhos.

Pudera bem ter-se casado com a prima; teria evitado aquelle amor ás furtadellas; mas não só, quando solteira, passou por junto della e não a notou, como tambem percebia que, si o houvesse feito, não teria por ella a ternura de hoje. Não seria a mesma; o casamento tirou-lhe ou lhe deu alguma cousa, e isso que lhe tirou ou lhe deu, é que o attrahia para ella.

De ha muito quizera dizer-lhe que Numa não podia por muito tempo representar o papel; que era necessario que ficasse na fama; que não forçasse a sagacidade dos outros; mas vieram essas atrapalhadas politicas e o orador do bando de Neves tinha que se manifestar de quando em quando.

Demais, com os absurdos que Bentes e os seus avançavam, o trabalho de justificai-os forçava de tal fôrma a intelligencia que era bem preciso uma mentalidade totalmente diferente da humana para defender as proposições dos partidarios do general com alguma vantagem.

As intelligencias normaes tinham até pudor deante dellas mesmas, vexadas em sustentar as tolices que energumenos berravam e escreviam por conta de Bentes.

Benevenuto vinha a pé com as mãos cruzadas ás costas, agarrando a bengala; tinha a cabeça baixa e poucas vezes olhou o mar. No largo da Lapa, esperando o bonde, encontrou Mme. Forfaible e a sua amiguinha.

— Oh! doutor! Muito bonito! Gostou do prestito?

— Estava bom.

— Gostei muito; continuou Mme. Forfaible. Aquelle caboclo estava muito bom... O que é que representa, Maci?

A amiguinha respondeu com presteza:

— O rei da floresta brasileira. Gostei muito das creanças...

— Os cantos, doutor, não reparou? — são muito bonitos.

Benevenuto pensou um instante que todas as nossas festas tendem para o carnaval e que aquellas damas falavam da grotesca panathenêa funebre; do prestito em homenagem a um morto, com o mesmo élanço com que falaria das cavalgatas dos clubs carnavalescos. Mme. Forfaible continuou com volubilidade:

— Deixei o Manoel dormindo... Não podia deixar de ver...

— Seu marido ainda está na commissão?

— Está... Mas está vendo si arranja outra cousa...

— Não tem se dado bem?

— Tem... Mas... E' preciso cousa melhor...

— Naturalmente.

— Lá na terra delle, falam muito em ser elle presidente do Estado... Eu não gosto muito... Deixar o Rio de Janeiro, ir para o matto...

— Não é matto, minha senhora.

— Qual! Não acredito! Por mais que me digam que aquillo lá tem ruas, tem theatros, familias, não sei porque não admitto. Comtudo, si fizerem muito gosto, nós iremos.

Mme. Forfaible e a sua amiguinha tomaram o bonde. Benevenuto acompanhou-as com o olhar, pensando nas causas que tinham determinado esse despertar, em tantos generaes e coroneis, de eximias capacidades politicas; e tambem nas que tinham provocado os proceres lembrarem-se delles assim de uma hora para outra.

Encaminhou-se para o seu destino, sempre a pé e vagarosamente.

Chegou á travessa. Entrou. Na sala, a mãe e a filha costuravam. As duas faziam a sua tarefa com resignação e cuidado. De onde em onde, uma dellas deitava a cabeça, collocava de certo modo a costura e a examinava com alegria nos olhos. Um instante, Benevenuto julgou que offendia com o seu amor a miseria daquellas mulheres; afastou o pensamento, cumprimentou e entrou. Edgarda já estava lá e livre da «toilette» publica. Abraçaram-se muito e ella teve um gesto de choro. O primo quiz afastar-lhe a emoção:

— Vieste cedo...

— Vim, meu amor; vim. Não viste o prestito? Numa e papae foram.

— Vi, mas não os vi lá.

— Foram ao cemiterio. Fiquei só e vim.

— Mas que é que tens?

— Nada... Nada...

— Fala!

— Não sei... Um presentimento...

— Que é?

— Não sei; Benevenuto; não sei. Está me parecendo que vão tomar o logar de papae e de Numa.

— E' possivel; mas não comprehendo esse teu desgosto. Si fossem empregos, si por isso a tua situação financeira fosse abalada, vá; mas continuas no mesmo; que te dá que o teu marido seja ou não deputado?

— E' um desaforo! E' um desaforo!

— Desaforo; como? Essas funcções são mesmo transitorias; tu sabes disso, minha filha.

— Mas... O que me aborrece é essa Annita, a mulher de Forfaible!

— Que tem ella?

— Quer fazer o marido governador.

— Ah! Elle é de Sepotuba?

— E'... Não sabias?

— Ella acaba de me dizer que têm iembrado muito o nome delle para presidir o Estado, mas não sabia qual.

— Pois é verdade: São ella e o Salustiano que intrigam. Já Macieira...

— Sê prudente, Edgarda. O teu orgulho te fez cega e apaixonada, o que vem a ser a mesma cousa. As eleições de governador ainda estão longe... Teu pae não se dá por achado... Faz o Forfaitable senador agora, elle se contenta e vocês embulham o Salustiano.

Sentada na borda da cama, a moça ficou pensando. A sua physionomia abriu-se por fim num sorriso e disse:

— E' verdade!... A Annita fica até contente... Tu és uma joia!

E abraçaram-se e beijaram-se por um tempo perdido no mais absoluto silencio.

Quando Benevenuto deixou Edgarda o dia já adeantado e já na rua do Ouvidor estavam de volta os romeiros do tumulo do almirante Constancio.

Ignacio Costa ainda tinha o seu vestuario verde e amarello e na cabeça, a esphera azul com estrellas de papel branco. Não trazia mais a terrivel lança — «A' bala» — mas continuava a distribuir os versos que trazia nas fundas algibeiras da vestimenta.

No café do Rio, muitos como elle se juntaram, discutindo e sempre proclamando a salvação da Republica. Parecia que queriam voltar aos crueis dias do florianismo. Na Avenida, da mesma fórma havia grupos de civis, discutindo com enthusiasmo e era de suppor que a excitação e a satisfação lhes tivessem vindo do brilho, da imponencia e da majestade do prestito de D. Fiorinda, prestito que mostrou de que maneira Bentes era popular com os dotes do tio morto.

Benevenuto afastou-se cautelosamente daquelle fervedouro de patriotas que elle não comprehendia, por não querer julgal-os todos interessados e ambiciosos. Havia nelles não sei quantas illusões do poder do governo, da effectiva riqueza da patria; havia nelles tanta maldade, tanta intolerancia, em nome da Republica, que Benevenuto os evitava para não se irritar.

Sentia bem o vago da patria, o mysticismo da idéa, a sua força religiosa, e tinha medo que essa sobrevivencia mesclada ao delirio republicano não desandasse em sanguieira, em violencia, em perseguições em nome de Bentes impassivel e inerte.

De caminho para a casa, viu no bonde que descia o senador Macieira. O homem vinha triste e certamente tristesa lhe frouxeram as cogitações politicas.

De facto, Macieira tinha jogado mal a cartada. A sua resignação do cargo dera azo a que os seus adversarios lançassem a candidatura de Contreiras. Seria logico que os adversarios de Macieira que apoiava e desejava a presidencia de Bentes, não a apoiassem nem a quizessem. Os adversarios do senador de Palmeiras queriam, entretanto, a presidencia de Bentes. Nesse ponto, eram correligionarios.

Esperando a chegada da mulher de Lussigny, o senador tinha procurado todas as influencias que pudessem afastar o apoio de Bentes ás ambições de Contreiras. Bastos falara com franqueza e afiançara que por ora nada podia fazer; que era melhor dar carne ás feras e esperar a digestão somnolenta dellas para domal-as. Macieira, porém, não tinha esse sangue frio de estrategista politico. Fôra a Bentes:

— Qual, doutor! dissera. O Contreiras não quer nada absolutamente... Nunca se incommodou com politica.

Entretanto, as noticias lhe chegavam desoladoras. A opposição se armava e os jornaes annunciavam claramente motins de modo a permittir uma intervenção ou impedir que a assembléa deliberasse livremente.

Macieira punha as mãos na cabeça e pedia a Fuas que escrevesse denunciando o plano dos adversarios. No dia seguinte, elle lia o artigo de Bandeira e tambem a noticia da remessa de mais um batalhão para a capital das Palmeiras. Macieira corria ao ministro da Guerra e este lhe dizia:

— Qual, doutor! Não interviremos... E' só para garantir as repartições federaes.

Na capital do Estado, os «meetings» se succediam e o senador dava ordens que augmentassem a policia. Contreiras, até ahi estivera calado; um bello dia, porém, appareceu uma declaração sua. Si era para felicidade do povo palmeirense, dizia elle, até agora escravizado a uma immunda oligarchia, punha a sua vida e a sua espada á disposição dos seus patricios. Macieira correu a Bentes:

— Qual, doutor! Contreiras é mauco... Não passa daquillo... Palmeiras é seu...

Macieira soçegava um pouco; mas, dahi a dias, recebia telegrammas que alguns dos seus correligionarios, deputados estaduais, tinham adherido a Contreiras. A mulher de Lussigny não chegava; quiz adiar a eleição; os deputados sympathicos a Contreiras não deram numero e o projecto ficou encalhado. A mulher de Lussigny não chegava...

No dia da eleição, a força federal que inflara o Estado, espalhou-se em pequenos destacamentos pelos municipios e Contreiras foi proclamado eleito. Restava o reconhecimento e a mulher de Lussigny não chegava...

Dias antes da apuração pela Assembléa estadual os opposicionistas armaram uma passeata de creanças; e por detrás dellas começaram a hostilizar a policia. Os militanos fizeram fogo e um dos infantes morreu. Macieira foi chamado de assassino, de vampiro e os soldados do Exercito atagaram a cidade, ameaçaram os amigos de Macieira e Contreiras foi reconhecido e proclamado governador do Estado das Palmeiras.

Procurando Bentes, este dissera compungidamente:

— Ah! doutor Macieira! Eu não sabia... Julguer que o senhor fosse muito popular e

estimado no seu Estado... Não está tudo acabado; havemos de harmonisar as cousas.

Macieira admirou-se que Bentes julgasse necessarias a estima e a popularidade para governar um paiz ou mesmo um Estado.

Toda a cogitação de Macieira vinha desses casos em que o seu incondicional apoio a Bentes tinha sido retribuido com tanta lealdade republicana. O seu pôder, outrora discricionario, ia aos poucos se enfraquecendo. Apêdo da chefia da politica de Palmeiras, nada mais conseguia. Xandu' continuava a tratá-lo com toda a deferencia; mas não fazia as nomeações que pedia. Quem dominava agora era Contreiras ou melhor o Castrioto que governava o coronel agachando-se e bajulando.

A ultima nomeação que fizera Macieira foi a de Bogoloff; e, como este tivesse autoridade para fazer algumas nomeações no Estado os partidarios de Contreiras começaram a atacá-lo. Os jornaes não cessavam de troçar os seus planos; na Camara, os ataques eram mais directos e Xandu', cheio de tanto temor quanto em começo estava de confiança, estremecia na cadeira de ministro.

A votação do credito destinado á instalação da «Estação Experimental de Reversão Animal e Quadruplicação dos Bois» fôra pretexto para um ataque em regra á gestão de Xandu', qualificada de perdularia, fantastica, victima de «contos do vigario» de estrangeiros audazes como esse tal de Bogoloff, que se fizera um curioso Christo multiplicador de bois.

O audaz ministro tinha fé na sciencia e ficou pasmo com o ataque que se fazia aos infalliveis processos de Bogoloff. Não podia comprehendêr que não se respeitassem os estudos de um sabio e não se esperassem os resultados delles. O chefe do interregno governamental falara-lhe a respeito; e, Xandu', que, além de preparar no ministerio o progresso das industrias agricolas, preparava tambem a sua chefia politica do Estado das Tamaras, temeu pelo seu destino politico. Perdido o ministerio, não poderia distribuir graças e favores; não arregimentaria, portanto, o partido á cuja testa ia ficar.

Xandu', no dia seguinte, não tomou, de desgosto e apprehensão, o seu banho de frio, que tanta actividade lhe dava. Chegou ao seu gabinete, amuado, triste, não assignou sequer um aviso e mandou ao fim de alguns minutos chamar o Dr. Bogoloff.

Não tardou que o russo viesse em obediencia ao chamado do operoso Xandu'; Bogoloff era meão de altura e tinha uns traços meudos e sem relevo. Os seus olhos eram de um verde esmaecido; mas seguros na visada e perquiridores.

Alegrou-se logo Xandu' com a presença do director de sua pecuaria.

— Sente-se, doutor.

O russo sentou-se á direita de Xandu' por trás de uma pilha de regulamentos e

decretos a assignar. O ministro concertou o monoculo e disse com doçura:

— Mandei-o chamar; Dr. Bogoloff, por um motivo muito simples. E' um máo vezo do nosso regimen que tenhamos de dar satisfações ao publico. Bentes, meu eminente chefe, juíga isso totalmente prejudicial. Eu tambem; mas, como não sou chefe supremo; tenho que fazer concessões aos habitos. Não sei, meu caro Dr. Bogoloff, si tem sido os ataques que têm sido feitos á sua repartição.

— Tenho; doutor; mas os julgo tão innocuos e tão baldos de base que me supuz dispensado de contestá-los.

— Seria assim; meu caro doutor, si toda a população conhecesse as ultimas descobertas da sciencia... Eu estou perfeitamente certo da verdade dos seus processos; baseados na biologia transcendente; que elles são o resultado de uteis e profundas meditações. Mas essa gente por ahi que nada conhece de sciencia e não proura examinar a veracidade de seus processos, de que fórma obedecem á alta sciencia; acreditará nos ataques; nas mofinas, nas pilherias dos superficialiaes.

— E que tem isso?

— Que tem, doutor? Tem muita cousa. O seu cargo está entrelaçado com a politica.

— Como?

— Pois o senhor não foi nomeado devido aos prestimos do senador Macieira? O senhor não é amigo do Macieira?

— Sou.

— Pois bem. Como o senhor não deve ignorar; Macieira deixou com algum constrangimento a chefia da politica das Palmeiras e; desde que elle não é mais chefe, as nomeações federaes para lá não são feitas por proposta d'elle.

— E que tenho eu com isso?

— Ouça-me. O senhor, doutor Bogoloff, de posse da verba total da directoria, pôde fazer nomeações no Estado e nessas nomeações servir á politica de Macieira. Eu sou amigo de Macieira; mas politica é politica; e estou fazendo demissões lá, para servir a Contreiras.

— Eu; porém, não me opponho...

— Não é isso. Quero-o sempre a meu lado e tenho que a gloria dos resultados de suas pesquisas vae ser para mim um padrão de valor politico e grandesa do meu ministerio. Defenda-se, doutor; defenda-se!

— Não é difficil. Sei bem que o desconhecimento dos deputados da sciencia moderna leva-os a ataques desabridos. Elles não conhecem a Cytologia Experimental e ignoram os mais simples elementos de Cytomecânica.

— Uma sciencia nova; doutor?

Xandu' perguntou; virou-se um pouco na cadeira, descansou a cabeça sobre o braço que se apoiava na mesa pelo cotovello.

— Sim; doutor. São experiencias recentes de mecanica cellula; que pretendem estabelecer experimentalmente não só o que é uma cellula em si; mas o que são os diversos

orgãos cellulares e tambem quaes são as relações reciprocas desses orgãos e as relações da cellula em presença do meio ambiente ou de outras cellulas.

As rugas augmentavam na testa de Xandu' e Bogoloff continuou com methodo:

— Estudei sempre as experiencias feitas para reproduzir artificialmente o protoplasma e as figuras kariocineticas, a acção dos agentes physico-chimicos sobre a estrutura e os movimentos das plastidas; as relações do nucleo e do cytoplasma; as modificações experimentaes da mitose e a segmentação do ovulo.

— Doutor, disse Xandu' mudando de posição, os seus trabalhos são de um valor incalculavel. A minha esperança nas suas experiencias é illimitada!

— Eu, doutor, estudei a adaptação, os tropismos, tactismos, a chimiotaxia, o photauxismo das plastidas, profundamente.

O ministro recostou-se na cadeira, ouviu demoradamente o sabio russo e recommen-  
dou:

— Doutor, defenda-se por escripto. Publique no meu relatorio, a sair, as linhas geraes do seu plano, mas não divulgue o seu segredo para que não nos furem a gloria. Depois de ter feito isso, afim de deixar passar o agudo do momento politico, vá viajar pelo Brasil em commissão de que lhe encarregarei.

Bogoloff obedeceu a recommendação do seu ministro e apresentou sem demora a defesa escripta dos seus aperfeiçoados projectos zootecnicos. Xandu' publicou-o e a sciencia nacional respeitou o valor do russo e teve como certos os seus propositos.

Ficou Bogoloff encarregado de visitar os Estados, de estudar-lhes a pecuaria; e de ver si em algum delles já não se procedia espontaneamente conforme as idéas technicas do director.

Como não tivesse Bogoloff predilecção por este ou aquelle Estado, poz dentro da cópa do chapéo vinte pedaços de papel com os nomes delles e mandou que um dos seus continuos tirasse um dos taes pedaços. Cauthe por sorte justamente o Estado das Palmeiras para onde partiu em breve.

Esse Estado, como se sabe, não é dos maiores do Brasil, nem dos menores; é dos medios. Tem uma população de cerca de um milhão de habitantes e uma lavoura de canna de assucar que se arrasta através de dolorosas crises, como a industria de que ella é base.

A sua capital, a cidade de Tatuhy, tem uns cincoenta mil habitantes e é uma desgraciosa cidade de casas baixas, quasi sem calçamento, sem esgotos e com uma pessima illuminação publica.

Espanta logo a quem chega, com a sua quantidade de mendigos e pobres que possui; além da grande porção de gente que exerce officios miseraveis, como baleiros carregadores, vendedores de agua, pois não a ha encarada.

Possue uma linha de bondes preguiçosos, servida por um unico vehiculo, que só parte dos pontos quando está a meio de passageiros.

Quando o viajante se afasta da zona urbana o espectáculo é mais miseravel ainda. Só ha palhoças de sapê, cercadas de pobres roças desanimadas; pelos caminhos, encontram-se mulhere publicas meio rotas, carregando as esteiras em que realisam os seus tristes amores.

Pelo tempo que Bogoloff partiu, construia-se um theatro majestoso, num estylo composito e abracadabrante.

Palmeiras já estava «salvo», pois tinha á sua frente o coronel Contreiras, filho do venerando José Maria. Essa sua filiação foi um dos seus grandes titulos eleitoraes; e ninguem mais se lembrava desse homem, de sorte que na rua perguntavam:

— Quem é esse Contreiras?

— E' filho do venerando Fructuoso.

— Quem é esse Fructuoso?

— Não me lembro bem.

Não se atemorizou Bogoloff em visitar o Estado governado por estadista tão conhecido. Partiu o russo para aquella parte do Brasil, a bordo de um vapor do Lloyd, em fins do anno. De ha muito que o governo queria «salvar» essa companhia e o remedio já tinha sido achado por Xandu' — o seu presidente era um general.

O paquete estava com a partida marcada para 26 de dezembro; como o governo, porém, queria numero na Camara e temia que muitos deputados fugissem nelle para os Estados, adiou-a para 30. Bogoloff embarcou ao meio-dia; pois os annuncios diziam que o navio levantaria ferros ás quatro horas.

Havia congressistas passageiros e; tendo as sessões da Camara se prolongado até tarde, o vapor só deixou as amarras ás nove horas da noite.

Foi, portanto, vendo a cidade illuminada, a se mirar nas aguas negras da bahia, que o russo atravessou a barra em demanda do Estado das Palmeiras.

Navegava num mar calmo sob um céu negro em que as estrelas faiscavam como diamantes nas trevas.

A linha da costa era de longe em longe marcada por fracas luzernas á altura das aguas. As aguas estavam negras e o mar tinha de noite menos attracção e aparentava mais segurança. A luz manifesta toda a sua fascinação e esclarece os seus perigos e as suas perfidias.

De quando em quando, o jorro luminoso do pharol da Raza cobria um instante o navio. Não havia quasi phosphorescencia e as helices escachoavam rythmicamente.

Bogoloff, no salão, travara conversa com um tenente que, com uma juvenil attitude de superioridade, não o amedrontava. O russo, habituado a tudo isso, vencera pouco a pouco as desdenhosas respostas do rapaz. Ao fim de algum tempo, elle mesmo perguntou:

— Para onde o senhor vae?  
 — Para Tatuhy.  
 — Vou tambem. Vou tratar de minha eleição a deputado.  
 Admirou-se o russo que aquelle menino desconhecido, simples tenente, já quizesse ser deputado e julgou-se obrigado a explicar:  
 — Vou em commissão do meu ministro.  
 — Conheço muito o seu ministro. O Xandu' é muito operoso. Já mesmo fiz-lhe um elogio. Conhece Contreiras?  
 — Não.  
 — Dou-me muito com elle; é meu amigo.  
 — Grande politico, não é?  
 — Grande! Fui eu mesmo quem lhe levantou a candidatura. Dei o tombo no Macieira. Contreiras, meu caro senhor, é um Marco-Aurelio. Nunca acceitou gratificações dos fornecedores.  
 Bogoloff afastou-se pensando que esse moço não sabia bem quem era Marco Aurelio; Pois um homem é Marco Aurelio só porque não furtou dez tostões? Então elle deixava de lado a sêde de perfeição moral do imperador romano, a sua profunda piedade e a sua ancia de bondade e fraternidade, para chrismar de Marco-Aurelio um coronel jactancioso ahi qualquer? Era curioso um tal racto e Bogoloff dirigiu-se compungido para a coberta do navio que a noite envolvia e o mar supportava.  
 Havia poucos passageiros na tolda e, entre elles, não se estabeleceram conversas. Todos se tinham mergulhado no insondavel mysterio daquella noite de trevas sobre o oceano immenso.  
 De repente, um grito quebrou aquelle augusto silencio:  
 — Meu binoculo! O' commandante! Pare! Pare!  
 Todos acudiram para ver o que era e toparam com um senhor envolvido em roupas de dormir que gesticulava possesso e gritava furiosamente:

— O' commandante! Meu binoculo! Pare! Pare!

A's perguntas de explicação, elle se limitava a responder:

— Onde está o commandante?

Vendo o capitão, entre o tom de pedido e o de ordem, elle disse:

— «Seu» commandante, é preciso voltarmos ao Rio. Esqueci-me do meu binoculo.

Fez-lhe ver o commandante que isso era impossivel e tal cousa iria causar graves prejuizos á companhia e aos passageiros. O homem enfureceu-se e gritou:

— Sabe com quem está falando?

O commandante disse que não sabia, mas que não havia necessidade de saber-o, pois se tratava de medida de suas attribuições, sendo ali a sua autoridade em tudo soberana.

— Pois bem; disse o homem, tenho immunidades; sou o senador Leiva, amigo de Bastos.

Retorqui o commandante no mesmo tom de voz:

— Vossa excellencia ha de perdoar-me, Sr. senador, mas não posso voltar.

Nisto apparece um individuo mettido em boas roupas de onde desentranha a cabeça e exclama.

— Que desaforo! Desrespeitar um senador!

O commandante tentou convencer o parlamentar de que se podia servir dos binoculos de bordo, pois os havia muitos; mas o senador intimou:

— Quero o meu binoculo. Não quero outro. Ou o senhor volta e eu voto a autorisação para o emprestimo da companhia, ou não volta e eu e a minha bancada azemos uma guerra tremenda ao projecto.

A' vista disso, o commandante, que sabia das difficuldades da empresa, tanto assim que não recebia os vencimentos havia tres mezes, virou de bordo e voltou para buscar o binoculo do senador Leiva, amigo de Bastos.

## CAPTULO X

Os sequazes de Bentes acharam que o melhor meio de fazel-o presidente do Brasil era impedir que houvesse eleições na capital do paiz. Todas as tendenciosas passadas de batalhões, a inundaçào da cidade por valentões e capangas, as ameaças de perda de emprego não lhes deram segurança de victoria; e houve nelles, tal era o vigor da população, temor que sua compressão se effectivasse, redundasse ella em trabalho mecanico, inesperado, abrupto, uma erupção contra o syndicato que se acovardara deante das baionetas e illudia a propria consciencia fingindo enthusiasmo.

As secções eleitoraes foram, pois, fechadas, os livros não appareceram e o Campello com Tôtônho, outros do bando e officiaes foram vistos arrebatando-os aos carteiros do Correio.

Todas as ameaças e especies de suborno empregaram contra os funcionarios postaes que tinham de lidar directamente com os livros eleitoraes; e Campello, dias depois, nédio, ventruado, desôrando gorduras, passeava o seu olhar trampolineiro sobre a população, do alto de um automovel, entre Tôtônho e Lucrecio Barba de Bode.

Pensava este sempre no emprego; Campello não se fartava de dizer que viesse o «homem» e elle estaria collocado de vez.

O reconhecimento de Bentes, poucos mezes depois foi feito com mais segurança, graças aos votos dos deputados já contados e empenhados; e assim mesmo não deixaram os batalhões de sair á rua, bandeiras desfraldadas, rufos de tambores, marchas heroicas, a offerer batalha ao paiz inteiro.

O nome de Lucrecio ficara famoso em todo o ambito da cidade e suburbios. Não lhe separavam o nome do do general Bentes. Nas proprias noticias dos jornaes lá vinham juntos os topicos que se referiam a ambos.

A acção de Lucrecio foi omnimoda e maravilhosa. Elle destruiu cartazes, apprehendeu boletins, rasgou jornaes, desafiou apazes, e, de onde em onde, dava um tiro de revólver.

Foi cousa commum naquelles dias dar tiros de revólver pelas ruas. A policia nada apurava e o proprio chefe, Juca Chaveco, perguntava aos auxiliares:

— Que foi?

— O Lucrecio deu um tiro hontem.

— Quá! Brincadêra... Páo de fogo ásvez queima por si...

Chaveco mostrou-se muito habil na gestão policia da cidade. Não se podia imaginar que aquelle caipira tão simpies, tão bonachão, de aspecto tão medroso, procedesse de fórma tão profundamente politica e actual.

No inquerito dos crimes de Liberato que avocou á sua autoridade, escreveu o relatório mais original de que se possa er noticia. Não havia duvida, dizia elle, que os mortos tinham sido por balas de revólver, mas os revólveres alcançam muito longe e podiam ter sido disparados de outro logar que não aquelles indicados nos autos, fls. Quanto ao depoimento do medico, devia não ser tido em consideração como os de certas testemunhas, por não estarem habituados a depôr, não terem a pratica sufficiente de tão espinhoso officio.

Chaveco era homem grato e não se detinha em consideração alguma de ordem moral ou intellectual para provar a sua gratidão. Dizia mesmo:

— Amigo é amigo. O compadre não fica má, nem á mão de Deus Padre... Já fiz muito irrelatorio lá na roça...

Lucrecio foi accusado de dar tiros, a policia poz-se em campo e affirmou que não era possivel que elle tivesse feito semelhante cousa, a não ser com os pés, pois não tinha as mãos. Barba de Bode appareceu durante alguns dias com os braços dentro do casaco, pedindo, nos botequins, que lhe levassem a bebida aos labios.

A mulher, porém, é que continuava a temer pela sorte do marido. Conhecia-lhe o genio irascivel; habituado agora ás violencias; sem temor; sentia a injustiça da causa a que servia; e via bem em torno della a indignação, a furia do povo, de toda a gente, contra Bentes, contra Campello, contra os valentões assalariados como o marido.

Elle sempre quizera que voltasse ao officio; que trabalhasse com regularidade, que contasse unicamente com o salario exigido da officina; mas o marido, ás vezes com bons, outras vezes com máos modos, resistia e mettia-se na tal politica, no jogo, nas desordens.

Um dia ou outro, voltava para casa com quantias de certo porte e ella, um instante, esquecia os perigos da vida que levava, da maneira injusta que empregava a sua bravura.

Moravam ainda na mesma casa da Cidade Nova e não havia por ella mais abundancia do que em outros tempos. Aquella vida era precaria; e o dinheiro que Lucrecio recebia ia logo para pagamentos e despesas.

Naquella manhã, Angela estava á janella esperando que o pequeno passasse vendendo o jornal do bicho. O filho estava na escola e Angela não pudera mandar buscá-lo cedo. Esperava que o vendedor passasse quando viu um senhor de certa apparencia entrar na venda. Quasi todos que passavam na rua ella conhecia e um estranho logo lhe feria a memoria. O senhor saiu de uma loja trazendo atrás de si o dono, que apontou para ella. O homem aproximou-se e logo que chegou bem junto a ella indagou:

— E' aqui que mora o Sr. Lucrecio?

— E'. Que deseja?

— Desejo falar com elle.

Immediatamente Angela pensou que ali estivesse um dos graúdos para os quaes o marido trabalhava. Sem detença, abriu a rotula e tel-o entrar para a sala, onde os santos se amontoavam no oratorio sobre a commoda; com o ramo de arruda ao lado.

— Faça o favor de sentar-se.

Elle olhou o homem que era claro, cabellos brancos, e uma apparencia toda de esforço e trabalho. Vinha vestido de fraque e as botas eram boas e justas nos pés.

— Meu marido está dormindo, mas vou acordá-lo. Faça o favor de esperar.

Sentado, o visitante olhou a casa, os moveis pobres, tirou o «pince-nez» e enxugou em seguida o suor do rosto. A mulher de Lucrecio voltou logo e elle ponde dizer:

— Este Rio está muito mudado. Quasi não o conhecia mais... Reformaram quasi todo.

— Ha muito que não fazem outra cousa sinão pôr abaixo casas... E as cousas encarecem de uma fórma, meu senhor, que não ser onde iremos parar.

A mulher retirou-se com a entrada de Lucrecio na sala.

— Bom dia.

— Bom dia.

O recém-chegado apressou-se em apertar a mão do dono da casa e ambos sentaram-se em seguida.

— Sou o Dr. Gama Silveira, engenheiro.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo.

— Venho aqui, senhor Lucrecio, pedir-lhe um favor.

— No que for possivel, doutor!

— Estou ha muito tempo como engenheiro do governo de Palmeiras... Não sou moço, tenho filhos e não ha meio de ser promovido.

— De que partido é o senhor?

— Não tenho partido.

— E' por isso.

— Mas sempre fui admirador do general Bentes, seu amigo, e agora era occasião de me fazer justiça.

— Mas...

— Eu desejava, senhor Lucrecio, que o senhor junto ao seu grande amigo...

— As nossas relações não são grandes.

— Devem ser, pois todos quando falam no nome de um falam no do outro.

— Sou grande admirador delle, grande mesmo; e só.

— E' a mesma cousa; e, pelo tempo, já devem ser amigos. Ia eu dizendo que queria que o senhor se interessasse por mim e me fizesse promover a engenheiro de primeira classe. Vim ao Rio propositadamente para isso... Ha vinte annos que me passam a perna, estou envelhecendo, preciso educar as filhas e os filhos e o augmento que me traz a promoção, seria muito util. Si o senhor se interessasse, estou certo de que a promoção se faria e ficar-lhe-ia muito grato.

— Ha vaga?

— Ha.

— Não garanto; mas vou falar aos amigos e farei o possivel.

— Posso ir descansado?

— Póde.

O engenheiro tomou o chapéo de chuva e o de cabeça que estavam encostados a um canto, apertou a mão de Lucrecio e saiu para a rua com a cabeça baixa.

Lucrecio, que tinha ficado á janella, lembrou-se de qualquer cousa e chamou o engenheiro:

— Doutor! Doutor!

Voltou-se logo o velho funcionario e perguntou:

— Que deseja, senhor Lucrecio?

— O senhor não me deu o seu nome todo e o logar que quer.

— Ah! E' verdade!

Tirou um cartão da carteira e escreveu rapidamente a lapis o que queria: e seguiu o seu caminho marchando a pequenos passos, sempre de cabeça baixa.

Lucrecio informou a mulher do que o engenheiro desejava. Teve ella uma grande alegria com a importancia que o marido ia ganhando, mas, ao mesmo tempo, lembrou-se:

— Você arranja tudo para os outros e não arranja nada para você.

— Deixa estar, mulher, que a minha vez ha de chegar... Quem não tem habilitações tem que esperar.

Vistiu-se Lucrecio e desceu com pressa á cidade, para passar um telegramma empennando-se com Contreiras pelo engenheiro. Interessava-se deveras por aquelle homem simples, formado, preterido, que fôra ao seu encontro pedir justiça. Desceu a rua do Ouvidor com pressa; mas, logo ao chegar á rua Primeiro de Março, teve que cumprimentar Mme. Forfaible.

A mulher do general não se cansava de andar na cidade e procurava variar as horas dos seus passeios. De facto, as ruas cen-

traes pela manhã têm um aspecto de trabalho e actividade que as veste de modo differente das outras horas do dia.

Não ha as conversas das esquinas; as carroças com cargas grosseiras passam por ellas e pelas lojas ha uma azafama de lavagem e arrumação.

Na rua Primeiro de Março, porém, mais do que nas outras horas, as libras brilham nas vitrines e os bilhetes de banco pedem ser estalados entre dedos pobres.

Mme. Forfaible chamou Lucrecio e perguntou muito naturalmente:

— Que é que se diz de meu marido?

— Não sei... Não vae ser senador?

— Não queria... Queria que elle fosse ministro! Não dizem nada por ahi?

— Que eu saiba não. Mas, a senhora sabe que essas cousas nós, os pequeninos...

— Diga-me uma cousa, Lucrecio: isso que se diz ahi da mulher de Lussigny é verdade?

-- Que é, minha senhora?

— Que ella póde muito em Bentes.

— Ahn! E' uma de Paris?

— E' essa mesma.

— Dizem que sim, D. Alice. Dizem que ella é quem faz tudo, que o general só faz o que ella quer. Ella já está ahi.

— Eu sei. Vou falar com ella. Meu marido ha de ser ministro.

Despediram-se e Lucrecio seguiu em direitura á Central dos Telegraphos. Si bem que fosse amigo de Macieira, não estava incompativel com Contreiras, a quem mesmo dissera que não trabalhava em seu favor por ser camarada leal do adversario delle. Não havia nenhum obstaculo em pedir pelo engenheiro que ha muitos annos não passava do mesmo logar, portanto, em tal sentido, telegraphou:

«Exmo, Sr. coronel Contreiras — Fatuhy — Palmeiras. — Respeitosamente peço V. Ex. promover engenheiro Gama Silveira vinte annos preterido. — Lucrecio.»

Contreiras, logo que tomou conta do governo do Estado, mandou empastelar o jornal de opposição; e, em seguida, fez um inquerito em que o seu delegado procurava demonstrar que haviam sido os proprietarios do jornal os autores do empastelamento.

Para isso, além do seu cynismo em afirmar, o tal delegado enpregou a coacção e a ameaça sobre os depoentes, pobres operarios que eram obrigados a dizer tudo o que convinha á autoridade.

Não contente com isso, dividiu o Estado em varios districtos agricolas, á frente dos quaes poz um inspector e meia duzia de auxiliares; todos gente sua, que se encarregavam de esbordoar aquelles que demonstravam de qualquer modo não concordarem com «o salvador».

As reclamações choviam e os delegados policiaes faziam inqueritos onde diziam que não havia nos casos cousa alguma de politica, nas simples rixas por questões de mulheres ou de familia.

Havia em Contreiras, como em todos os despotas de sua escola que se seguiram, um terror extremo deante da lei que violavam. Não tinham coragem de fazel-o francamente, claramente, ousadamente; mascaravam as suas violencias, os seus assassinatos, com subterfugios legais e outros, falando sempre em liberdade, em ordem, em paz e prosperidade.

Bogoloff, chegando ao Estado, teve vontade de visitar o governador e pediu-lhe uma audiencia, mesmo porque si o não fizesse corria perigo a sua segurança.

Já começavam a desconfiar «daquelle estrangeiro», isto é, não do subdito russo, mas do individuo estranho ao Estado, pois assim chamavam os que não viviam e residiam lá.

Viu-se o Director da Pecuaria muitas vezes seguido por typos suspeitos e, á vista disso, desclarou a sua qualidade official e pediu uma audiencia ao governador. Elle lh'a deu sem demora e Bogoloff pôde encontrar-se com um homem muito commum, de feições e intelligencia. Não lhe pôde saccar nem uma idéa sobre administração e governo. Elle só lhe dizia:

— Este Estado, doutor, tem sido muito roubado. Agora as cousas vão entrar nos seus eixos. Sou honesto e não consinto que ninguem roube á minha sombra. Quanto a bois, ha por ahi muitos, mas esse negocio de bois não é dos mais urgentes. A policia não está bem instruida...

Quando o russo lhe falou na miseria da população, na lamentavel impressão que isso fazia a quem vinha de fóra, elle lhe disse:

— E'... E'... São uns madraços. Estou tratando de fundar uma colonia correcional.

Aquelle homem não via que era o proprio governo que estava creando aquella situação; que era, além de outras cousas, a quantidade formidavel de impostos cobrados pelos governos municipal, estadual e federal.

Perguntou ao Dr. Bogoloff em seguida pela politica central; si Bentes era ainda muito atacado, si lhe faziam muita opposição. Disse-lhe o russo que os jornaes do Rio atacavam-n'o muito e Contreiras observou:

— Sei... Sei... Si eu estivesse lá fazia-os calar.

Tomou por ahi uma expressão feroz que trouxe á lembrança do russo Tamerlão e Gengis-Khan.

Despedindo-se do governador, Bogoloff prometteu no dia seguinte ir assistir a uma sessão da Camara dos Representantes.

— Venha, doutor; disse Contreiras. O senhor vae ver que Congresso disciplinado! que ordem! que obediencia! Não é aquella «praia do peixe» do Rio.

A Constituição do Estado, moldada na Federal, estabelecia a independencia e a harmonia dos poderes estaduaes, que eram o judiciario, o executivo e o legislativo.

Não tinha o Estado Senado e o orgão do seu poder legislativo era unicamente a

Camara dos Representantes, que funcionava em uma ala do palacio do governador.

A sala não era apropriada ao seu destino, mas era ampla e bem illuminada; e, como já fosse conhecida a qualidade de Bogoloff, deram-lhe uma especie de camarote, ao nivel do recinto, a que chamavam tribuna.

O doutor chegou cedo e pôde ver a entrada dos deputados. Havia alguns jovens bachareis e tenentes, muito pimpantes nos seus trajés á ultima; e havia tambem aquelles curiosos typos de coroneis de roça, que vinham ás sessões, em terno de brim, com botas de montar e a açoiteira de couro cru, pendente na mão direita, presa por uma corrente ao respectivo pulso.

Chegavam e espalhavam-se peals bancadas, conversando e fumando. Junto de Bogoloff, havia dous, um dos quaes lia, á meia voz, um artigo de jornal para o outro ouvir.

Não passavam os congressistas de vinte e tantos e o russo perguntou a alguns si era aquelle o numero exacto de representantes. Foi-lhe dito que não, que eram quarenta e cinco, mas que só pouco mais da metade frequentava as sessões. Os outros, accrescentou o informante, ficam nas suas fazendas e mandam unicamente receber o subsidio por seus procuradores bastantes.

A sessão custou a ter começo. Afinal o presidente e secretarios tomaram os seus logares e a chamada foi feita. Notou Bogoloff que, quasi bem perto a elle e ao lado da mesa, um pouco distante, havia uma ampla cadeira de balanço, cujo destino all era difficil de atinar.

Lida a ordem do dia, foi annunciado o expediente e um deputado gritou do fundo da sala:

— Peço a palavra.

No mesmo instante a cadeira de balanço foi occupada. O coronel Contreiras vagarosamente aproximou-se e sentou-se nella. Estava muito simplesmente vestido com uniforme de kaki, sem collarinho, em chinelas de marroquim e até o dolman estava desabotoado.

Acudindo ao pedido do deputado, o presidente da Camara falou:

— Tem a palavra o deputado Salvador da Costa.

O deputado não abandonou a bancada e começou com voz cantante:

«Senhor presidente. — A cidade de Cubango, uma das mais prosperas do nosso interior, berço de tantas glórias, como Manoel Baptista, Francisco Costa, o bravo João Fernandes e outros, acha-se por assim dizer completamente isolada do resto do Estado. Chamo a attenção de V. Ex. e da Camara para tão grave facto que muito depõe contra a publica administração. As noticias que me chegam, a respeito do estado das estradas que a põem em communicação com as suas irmãs do nosso torrão natal, são absolutamente desanimadoras. A inspectoría de obras no seu habitual relaxamento...»

Por ahi foi interrompido por um vibrante grito do governador:

— Senta-te, Salvador! Fala agora o João.

O deputado Salvador, abandonando o fio do discurso, desculpou-se:

— Ha de perdoar-me, senhor coronel doutor governador. Trato pura e simplesmente de uma questão administrativa. Não ha politica, nem tenção de fazer opposição a V. Ex.

Não lhe deu ouvidos o governador e continuou a gritar lá da cadeira de balanço:

— Senta-te, Salvador! Não prestas para nada! Fala agora o João!

O deputado Salvador ainda esteve uns minutos em pé; hesitante, sem saber o que fazer; olhando aqui e ali; porém, um berro mais energico do coronel presidente fez-o cair sentado sobre a cadeira, como si houvesse sido derrubado por um raio.

O resto da sessão correu normalmente e não houve mais necessidade da intervenção energica do senhor coronel doutor governador. Por fim, um deputado apresentou uma moção de congratulações com o coronel Firmino, chefe politico do municipio de Cubandê, por fazer annos naquelle dia.

Bogoloff deixou o edificio e dirigiu-se ao hotel em que residia; a viagem era curta; mas o transito era difficil, pois não dava um passo sem que não encontrasse um pequeno que se propunha a levar-o a logares equivocos.

Resolveu-se a abandonar Tatuhy e foi despedir-se de Contreiras dias depois. O coronel doutor governador estava em pleno trabalho no seu gabinete. Recebeu-o prazenteiramente:

— Tenho aqui um telegramma de Lucrecio pedindo-me pelo Gama Silveira. Vou promovelo; mas diga ao Lucrecio que o faço por causa d'elle, si fosse Bastos não fazia. Não admitto a sua intervenção na autonomia do Estado!

Bogoloff não veiu directamente para o Rio; fez a viagem de volta, parando e demorando-se nos portos de escala. Tinha mesmo combinado com Xandu' demorar-se o mais possivel, para lhe dar inteira liberdade no que toca ás exigencias politicas de Contreiras, evitando assim que a sua gratidão a Macieira tivesse escrupulos em praticar certos actos.

Teve occasião na sua lenta volta de verificar Bogoloff que todas as cidades do Brasil se parecem, têm a mesma physionomia, possuem casas edificadas da mesma forma e até as ruas têm os mesmos nomes e os appellidos das lojas de commercio são os mesmos.

Um paiz tão vasto, que se desenvolveu através de climas e regiões tão differentes, é, entretanto, nos seus aspectos sociais, monotono e uno.

Já tinha o russo notado isso na sua viagem para o Estado das Palmeiras e, na volta, foi que se certificou com vagar.

Quasi a um tempo recebeu Lucrecio Barbosa de Bode telegrammas de Bogoloff e do

secretario do governador, avisando-o de que o engenheiro havia sido promovido. A actividade politica de Lucrecio estava captada agora em apprehender os assovios. A população, roubada nos meios de manifestação de seu querer, virava-se para a terrivel arma das creanças — a vaia. Os assecias do governo sabiam que as casas de brinquedos não tinham mãos a medir na venda de gaitas, apitos, assovios; e os funileiros da cidade haviam deixado outras obras para fabricarem esses innocentes brinquedos da infancia.

Todo o trabalho da policia fardada, civil, official, officiosa, particular, era caçar assovios. Era ver um cidadão com uma gaita, logo lh'a arrebatava; os doceiros escondiam as flautas com que annunciavam á petzada os quindins que levavam. Lucrecio, alto, espadado, thorax proeminente, com o seu paletot de alpaca, corria a cidade com o bengalão de pequiá, arrancando assovios. Uns inutilisava na chefatura, mas outros levava para casa. O filho, quando vinha visital-os, não se apercebia da prohibição e apanhava as gaitas. Dava-as ás creanças da vizinhança com uma liberalidade de millionario essas flautas gritantes e sereias agudas, de fórma que a rua onde morava Lucrecio se encarregava de fazer voltar á população os assovios que lhe eram arrebatados pelos policiaes diligentes.

Fuas Bandeira, no seu jornal, não se cansava de doutrinar contra o apito, que elle julgava um instrumento vexatorio, indigno, mesmo nas mãos dos rondantes ás desoras; e como é que se ia usar semelhante arma contra a mais alta autoridade de um paiz?

Não era só contra o apito que Fuas desenvolvia considerações tendenciosas; o jornalista insinuou mesmo o lynchamento de collegas. Como não se podia deixar de esperar, provocada naturalmente pelas medidas que os adeptos de Bentes tinham posto em pratica para amordaçar a opinião, a imprensa analysou minuciosamente os meritos de Bentes.

Fuas, na falta de melhor modo de combater essa analyse, lembrou e insinuou que se devia proceder contra esses heresiarquias da mesma maneira que se havia feito outrora, com Apulchro de Castro. Não ha nada mais infeliz, porquanto esse Apulchro, que foi em vida um diffamador profissional, a sua morte redimiu-o e elevou-o. Havia dito elle, em seu jornal, que um certo capitão era caloteiro e logo todos os officiaes, soldados, sargentos, cabos, faxinas se julgaram offendidos, não trepidando em vir em grupo matal-o em plena rua, ás barbas da autoridade.

Vergonha maior para um paiz não se concebe e não se comprehende a intelligencia desses officiaes, soldados, sargentos, cabos, faxinas, que se julgaram offendidos por ser accusado um capitão de não pagar as suas contas.

Appellando para essas honras obsoletas de classe, para essas superstições de grupos, Fuas desentranhava com o seu jornal as mais abstrusas doutrinas e velava as ameaças mais papuas possíveis.

Com a aproximação da posse de Bentes, essa excitação geral do povo despertou a Camara dos Deputados, onde as discussões foram renhidas.

A minoria era diminuta e a maioria se tinha accrescido muito com o preenchimento de vagas intercorrentes de deputados opposicionistas. Nunca se viu deputados mais curiosos, mais imprevisos, sendo alguns mesmo de outra nacionalidade que não a brasileira. Já se tinha visto a apologia da ignorancia, já se vira a apologia do assassinato de Apulchro de Castro, agora a Camara punha em pratica a internacionalisação da representação do paiz. Havia deputados turcos, inglezes, belgas, finlandezes e todos elles conservando orgulhosamente a sua nacionalidade de origem e mal falando o portuguez.

As «salvações» dos Estados não tinham continuado; mas os debates na Camara eram furiosos e apaixonados. A administração, continuando nos seus processos, enchia as galerias de secretas e valentões; e, quando os deputados da opposição se referiam mesmo respeitosa e honrada general Bentes, um dos asseclas puxava o revólver e apontava-o para o orador, cobrindo-o das mais sujas injurias.

O presidente da Camara mandava chamar o entusiasta e diiza-amigavelmente paternalmente:

— Você não toma juizo, Lucrecio.

Não ha nada mais perigoso do que um entusiasmo pago e os parlamentares temiam sobremodo os defensores humildes do honrado general Bentes.

Campello fôra eleito deputado em uma das vagas, para enfrentar o celebre orador da opposição Julio Barroso. A erudição deste, a sua voz cortante, a sua honestidade de proceder e de vida davam uma força e um prestigio extraordinarios ás suas orações.

Campello fazia tambem discursos; tinha uma voz agradável, mas não tinha nem o saber nem a força de Barroso. Si se tratasse de canto, podia-se dizer que Campello tinha uma voz de salão, bom timbre, mas sem extensão e volume. Quando se annunciava um discurso de Barroso, a Camara enchia-se; enchiam-se as galerias, os corredores, as tribunas. Lucrecio e o seu pessoal ajudavam a encher o edificio e, tal era o poder de seducção do orador, a fascinação de sua palavra, que elles o applaudiam candidamente. Campello, tendo notado isso, resolveu tomar um alvitre. Como deputado, ficava no recinto, bem perto do orador, e de lá fazia signaes a Lucrecio, quando devia protestar com o seu pessoal. Assim mesmo, o orador conseguia vencer os obstaculos e ficou resolvido que os governis-

tas o interrompessem com constantes apartes.

A sessão de vinte cinco de outubro foi particularmente agitada. Depois de ser lido o expediente, o presidente deu a palavra a um deputado «bentiano» que explicou a sua attitude votando a favor da rejeição do veto opposto ao projecto de venda da Estrada de Ferro de Matto Grosso. Não era escravo de suas opiniões politicas, dizia; não temia a opinião publica, mas tambem não temia a opposição facciosa e arruaceira.

JULIO BARROSO — Protesto! Peço a palavra!

O presidente tocou os tympanos e pediu attenção.

O deputado disse que era uma injuria á classe que pertencia o honrado presidente eleito suppor-o capaz...

JULIO BARROSO — Que tem uma cousa com outra? Peço a palavra.

O orador — ... capaz de patrocinar traficancias. O honrado general Bentes pertence e esse cadinho de heróes, etc., etc.

Acabou o discurso e o presidente deu a palavra ao deputado Julio Barroso. Houve rumores de cadeiras que se arrastam, de bancadas que caem, e todos tomaram os seus logares. Os jovens deputados, na idade e nos dias de Camara, ficaram attentos.

JULIO BARROSO — Sr. presidente. Eu não sei, não me entra absolutamente na comprehensão, como militar que sou, quando sou camarada: si quando sou por Huerta, contra Carranza; si quando sou por Carranza contra Huerta?

WILLIS — Não apoiado! A raven carried off in his clans pieces of poisoned meat which the enraged gardener had thrown upon the ground for his neighbour's cats.

O aparte do deputado Willis foi muito bem recebido; e a um signal de Campello, houve palmas nas galerias a seguir-se ás do recinto.

Fez-se um pouco de silencio e ouviu-se o seguinte aparte:

EDDIN NAZIB — Paque? Né mifahmam.

Palmas estrepitosas cobriram a voz do deputado persa, a um aceno de Campello.

PRESIDENTE — Peço attenção! As galerias não se podem manifestar.

O ORADOR — Em tão premente colisão o meu espirito de classe..

CARACOLES — V. Ex. não póde dizer isto. Poco me faltó para falecer quando llegué á casa de Melisa: de todos los poros me brotaba ei sudor frio, se me certaban los ojos, y costó gran trabajo hacerme recobrar el conocimiento.

ABD-EL-CHELLIF — De accordo. Nehabbek; ma fehemtchei.

Como o aparte anterior, este foi recebido delirantemente. Campello fez um signal e houve palmas nas galerias.

O ORADOR — ... indaga si é mais militar Carranza ou Huerta e tenho que procurar no Almanack...

THEAMAPULOS — O senhor não tem razão, Deu patalavéno.

O ORADOR — Sr. presidente, rogo a V. Ex. que me mande traduzir o aparte do nobre deputado.

A risada foi geral e antes que o presidente pudesse chamar atenção, a um signal de Campello, um cidadão das galerias gritou: ignorante! ignorante!

PRESIDENTE — Attenção; as galerias não se podem manifestar.

ORADOR — ... tenho que procurar no Almanack, para segurança de minha acção, qual é o mais la.nugo, qual tem mais med'has...

BUONCOMPAGNI — V. Ex. excede-se no seu direito de critica. Ma la impresa era ardua; e non poteva cumpiersi senza molte injustizie.

SAKENUSSEN -- Perfeitamente. Jeg holder af Dem.

Acabado de pronunciar o aparte, que foi, como os demais, ouvido pacientemente pelo orador, houve palmas nas galerias, a um signal de Campello.

PRESIDENTE — As galerias não se podem manifestar! Aviso os senhores deputados que quem está com a palavra é o nobre deputado Julio Barroso.

ORADOR — Sr. presidente, tenho até agora ouvido com a maxima paciencia os apartes polyglottas dos meus nobres collegas. Não sei onde estou, não sei si estou na torre de Babel, si isto...

WERNER — V. Ex. é desprovido de patriotismo. Dies alle ist eine scheisse.

UM SR. DEPUTADO — E' isto mesmo.

VARIOS DEPUTADOS — Muito bem! Muito bem!

A um signal de Campello, um tanto differente dos anteriores, as galerias romperam em entusiasticos vivas.

PRESIDENTE — Attenção. Quem está com a palavra é o nobre deputado Julio Barroso.

ORADOR—...si isto é mesmo o parlamento brasileiro, parlamento de um paiz onde se fala portuguez. Acho-me por assim dizer coagido a suspender as ligeiras considerações que vinha fazendo sobre o espirito de classe. Eu queria mostrar como esse espirito é uma sobrevivencia nefasta, como elle já nos envergonhou a civilisação. Vejo-me obrigado porem, a suspende-las, porquanto não tenho mais immuidades parlamentares, não podendo falar livremente como fazem aqui os parentes das influencias poderosas, que recitam...

NUMA — V. Ex. deve positivar as suas accusações.

ORADOR — Não estou accusando. Estou simplesmente tratando de um modo geral no que toca ao proceder da mesa...

NUMA — Não admitto essas insinuações.

ORADOR — V. Ex. quando óra não tem dessas perturbações prejudiciaes á memoria ou ao fim...

NUMA — Peço a palavra para uma explicação pessoal.

Julio Barroso continuou a sua oração, embora cortado de apartes constantes, após a qual foi dada a Numa a palavra para uma explicação pessoal. Toda a Camara esperou que Numa fizesse um vehemente discurso, como faziam crer as suas orações anteriores; mas, ao contrario disso, pronunciou breves palavras, disse que era honrado, que a sua adhesão ao general Bentes tinha sido espontanea e sincera.

A impressão geral foi pessima. Os eus amigos, quando deixou de falar, receberam-n'o friamente, não lhe deram os cumprimentos de habito e houve suspensão em todos os espiritos. E' verdade que pretextara incommodo, mas não podia ser elle tão grave que o impedisse de defender-se cabalmente e a sua defesa estava em falar com calor, com vehemencia e paixão. Pieterzoon, entre collegas, dissera mesmo:

— Vocês admiram-se! Não é cousa do outro mundo. O Numa lá de Roma acertava quando consultava a Nympha; com este dá-se a mesma cousa.

O genro de Cogominho deixou a Camara apprehensivo. Elle mesmo tinha provocado aquelle incidente, elle mesmo tinha levantado a luva e fôra elle mesmo, portanto, quem creara aquelle fiasco. Julgou em coreço poder pronunciar a sua defesa; não havia estudo a fazer, não havia argumento a responder, entretanto, o habito que adquirira de discursar depois de estudo apurado, tinha-o traído no momento critico.

Era preciso apagar aquella impressão; no dia seguinte, fosse como fosse, tinha que fazer um discurso solido, cheio, capaz, por consequencia, de levantar a sua reputação. Foi logo para casa. Mal entrou, procurou a mulher. Edgarda lia na sua bibliotheca. Numa entrou nervoso e ancioso. Olhou um momento com tristeza as estantes cheias de livros. A mulher notou-lhe a physionomia alterada, a sua angustia quasi a nu'.

— Que tens, Numa?

O deputado sentiu-se combalido e poz as mãos na cabeça. Edgarda apiedou-se com aquella attitude do marido.

— Que tens, Numa?

Elle tomou alento, sentiu-se um pouco aliviado, a oppressão deixou-o um pouco. Disse:

— Fiz um fiasco.

— Onde?

— Na Camara.

— Foste falar?

— Fui.

— Que imprudencia! Durante muito tempo?

Numa quasi chorava. Era a sua carreira, eram as suas ambições que se desfazião. Pela primeira vez, sentiu alguma cousa profundamente. A mulher tambem teve a visão do desastre. Estremeceu.

— Falei cinco minutos... Gaguejei.

Contou-lhe Numa então toda a historia e a necessidade que havia de fazer um discurso no dia seguinte. A mulher concordou e dispoz-se a compol-o completo e perfeito. Numa descançaria, acalmar-se-ia; e, de madrugada, depois do repouso, estudal-o-ia, e estaria resgatado. Jantaram; Numa mais calmo e a mulher mais esperançada. Os criados tiveram ordem de dizer que os patrões tinham saído. O deputado foi dormir e a mulher trancou-se na bibliotheca trabalhando na oração do marido.

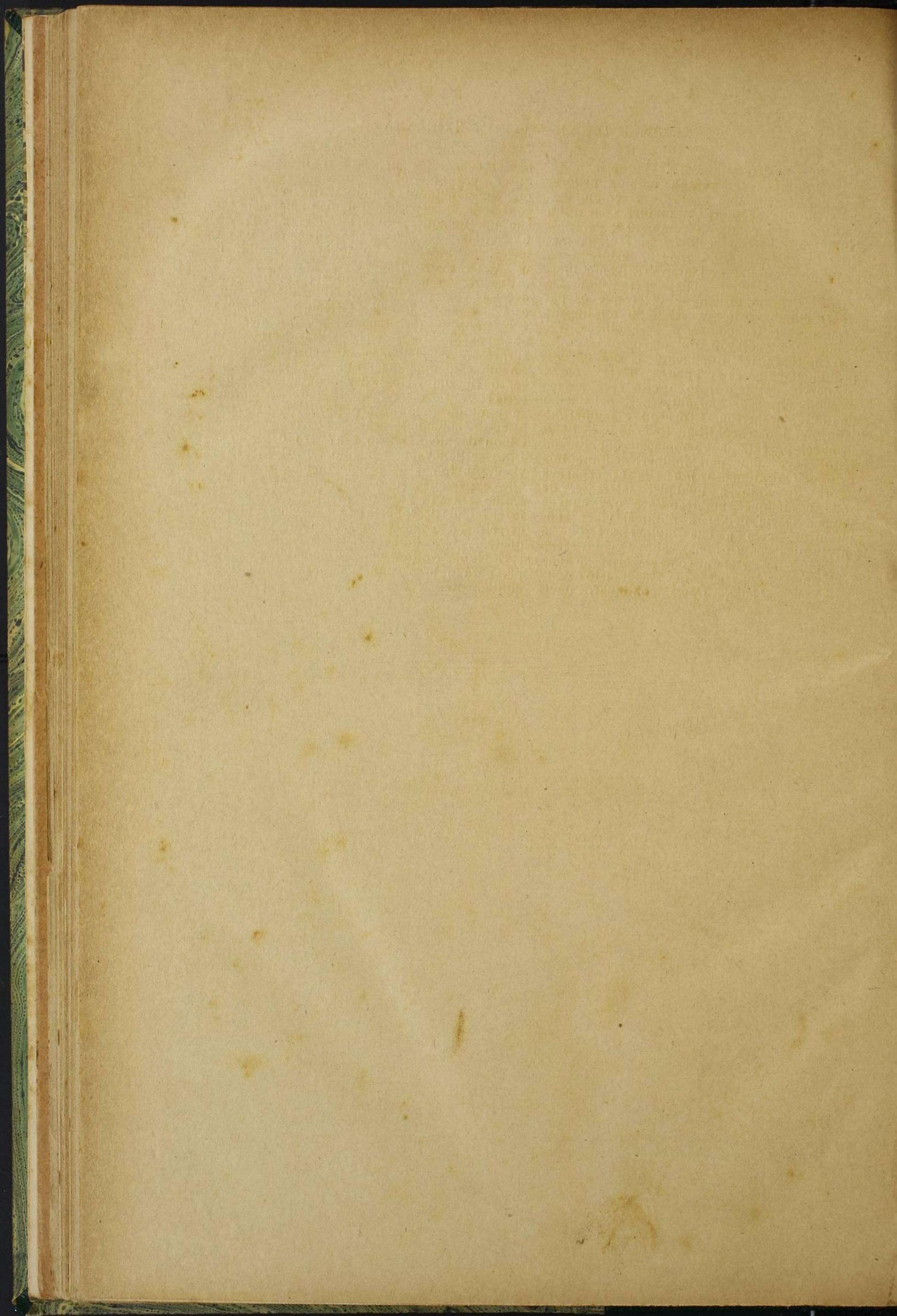
A noite se fez totalmente. Numa dormiu profundamente as primeiras horas. Tinha os nervos fatigados, todo elle era cansaço e pedia repouso. Dormiu; mas, pelo meio da noite, despertou. Procurou a mulher ao lado. Não a encontrou. Recostou-se. Lembrou-se, porém, da combinação que tinham feito. Teve amor pela mulher, sentiu-a boa e o seu sentimento por ella se separava agora de todo e qualquer interesse, de toda e qualquer ambição. Para que aquella teima? Devia deixar a politica, viver simplesmente com a sua mulher até que a morte o levasse. Mais valia a vida assim do que elle estar a contrafazer-se a todo o instante. Mas para que fazer isto? Que seria elle? Nada. Devia continuar, devia

não recuar. Era preciso ter destaque, figurar; era preciso que o chamassem sempre de deputado, senador; tivesse sempre consideração especial. Então podia ser assim um qualquer? Subir! Subir! E elle viu o Cattete, as suas salas officiaes, o piquete, os batedores, o logar de S. M. I. o Sr. D. Pedro II...

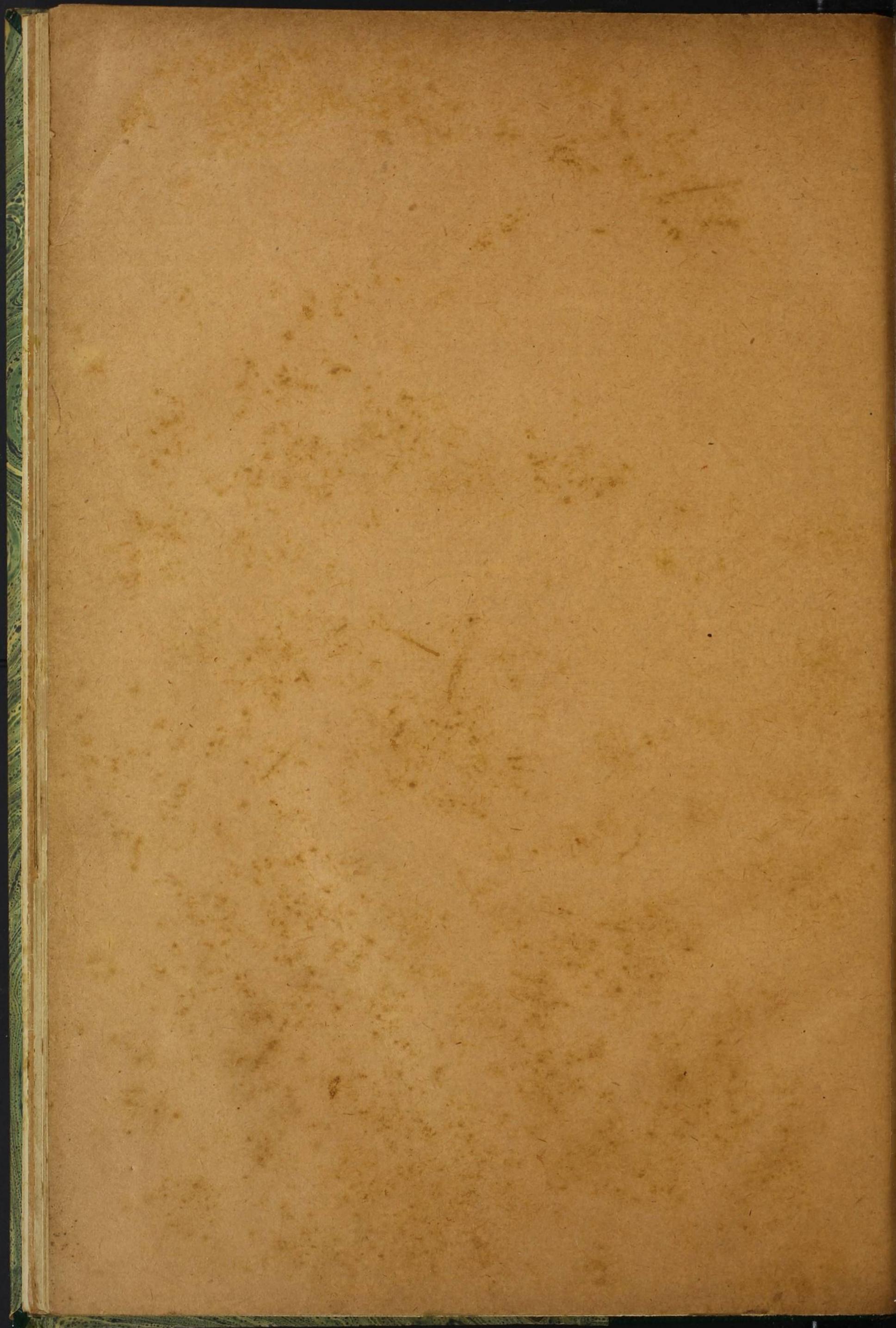
Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecer-a com um abraço o trabalho que estava tendo por elle. Calçou as chinellas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até ao aposento onde ella estava. Seria uma surpresa. As lampadas dos corredores não tinham sido apagadas. Foi. Ao approximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se immediatamente... Seria verdade? Olhou de novo, Quem era? Era o primo... Elles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escriptas por elle e passadas logo a limpo pela mulher. Então era elle? Não era ella? Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestigio... senador... presidente... Ora bolas!

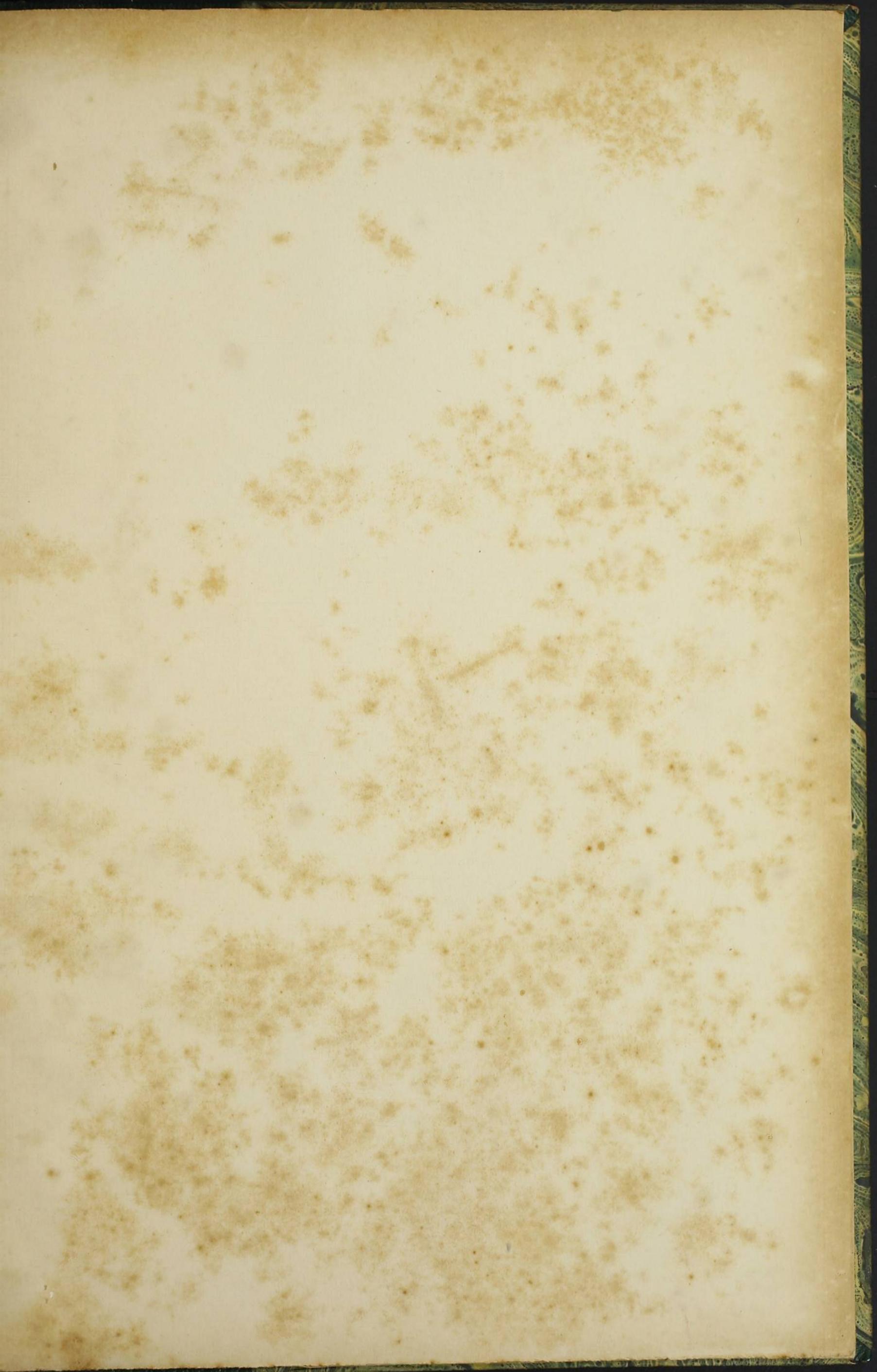
E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquillamente.

===== FIM =====









19632





